EDIÇÃO LIMITADA
Especial 54 anos da Revista

REVISTA
DA
ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO RIO GRANDE DO SUL

EDIÇÃO HISTÓRICA — 2011

SUMÁRIO

EDITORIAL 3
CARLOS OSWALDO DEGRAZIA

ARTIGOS

HIPÓCRATES E A ILHA DE CÓS 5
JOSÉ EDUARDO CANDAL DEGRAZIA

A SINGULAR RELAÇÃO ENTRE POSITIVISMO E MEDICINA NO RIO GRANDE DO SUL 21
WALDOMIRO CARLOS MANFROI

HUMANISMO E TECNOLOGIA MÉDICA NA PÓS-MODERNIDADE 26
JOSÉ MÁRIO DE CARVALHO

HUMANISMO NA PRÁTICA MÉDICA 30
CARLOS OSWALDO DEGRAZIA

PRIMEIROS MÉDICOS NO RIO GRANDE DO SUL 34
BLAU SOUZA

MÉDICOS ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL:
MOBILIDADES GEOGRÁFICAS E ESPECIALIDADES 39
LEONOR BAPTISTA SCHWARTSMANN

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO RIO GRANDE DO SUL 48
WALMOR J. PICCININI

A AVENTUROSA HISTÓRIA DO FÓRCEPS OBSTÉTRICO
OU DE COMO UMA ANÔNIMA ANÃ DERROTOU UM PARTEIRO FAMOSO 57
FRANKLIN CUNHA

O SANGUE ENTRA E SAI DO CORPO 61
CARLOS A. M. GOTTSCHALL

O HOMEM ELEFANTE DA PRAÇA DOM FELICIANO 70
FERNANDO NEUBARTH

ATLAS E LIVROS ANTIGOS 73
CARLOS OSWALDO DEGRAZIA

HOMENAGEM A PRIMEIRA EDIÇÃO

DISCURSO DO ENTÃO ESTUDANTE RUBENS MACIEL NO FUNERAL DE SARMENTO LEITE 84
BIOGRAFIA DE JOSÉ FERNANDO CARNEIRO 86
CYRO DOS SANTOS MARTINS 89
NEWTON NEVES DA SILVA 91
EDUARDO FARACO 93
LUIZ CARLOS ELY 95
BANCO DE SANGUE – SERVIÇO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE – HEMOTERAPIA 96

PORTO ALEGRE — RIO G. DO SUL — BRASIL

ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO RIO GRANDE DO SUL

Entidade filiada à Associação Médica Brasileira – AMB
Fundação em 27/10/1951 – Av. Ipiranga, 5311 –
CEP 90610-001 – Porto Alegre – RS – Brasil
Tel.: (51) 3014-2001
www.amrigs.org.br

DIRETORIA DA AMRIGS 2008/2011
Presidente: Dr. Dirceu Rodrigues
Diretor Administrativo: Dr. Renato Lajús Breda
Diretor de Finanças: Dr. Alfredo Floro Cantalice Neto
Diretor do Exercício Profissional: Dr. Jorge A. B. Telles
Diretor Científico: Dr. Antonio Carlos Weston
Diretor de Assistência e Previdência: Dr. Marcelo S. Silveira
Diretor de Normas: Dr. Jair Rodrigues Escobar
Diretor de Relações Associativas e Culturais:
Dr. Jorge Utaliz Silveira
Diretor de Assuntos do Interior: Dr. Bernardo Avelino Aguiar

REVISTA DA AMRIGS

Editor Executivo: Prof. Dr. Renato Borges Fagundes
Editores Associados: Prof. Dr. Fernando Kowacs
Profa. Dra. Sandra Maria Vieira
Editora Honorífica: Profa. Dra. Themis Reverbel da Silveira

Conselho Editorial Internacional:
Juan Pablo Orcajada, MD, PhD (Hospital Universitario del Mar de Barcelona – Espanha), Ricardo Farre, PhD (Catholic University of Leuven – Bélgica), Eduardo De Stefani, MD (National Cancer Registry, Montevideo – Uruguai), Lissandra Dal'Ago, MD, PhD (Universidade Livre de Bruxelas – Bélgica)

Conselho Editorial Nacional:
Prof. Dr. Airton Stein (UFCSPA – POA – RS)
Prof. Dr. Altacilio Aparecido Nunes (USP – Ribeirão Preto – SP)
Prof. Dr. Antônio Pazin Filho (USP – Ribeirão Preto – SP)
Prof. Dr. Edson Zangiacomi Martinez (USP – Ribeirão Preto – SP)
Prof. Dr. Eduardo Barbosa Coelho (USP – Ribeirão Preto – SP)
Dr. Ilmar Kohler (ULBRA – POA – RS)
Prof. Dr. Joel Alves Lamounier (UFMG – B.Horizonte – MG)
Prof. Dr. Júlio Cezar Uili Coelho (UFP – Curitiba – PR)
Prof. Dr. Lauro Wichert Ana (USP – Ribeirão Preto – SP)
Profa. Dra. Luane Marques de Mello (USP – Ribeirão Preto – SP)
Prof. Dr. Marcelo Carneiro (UNISC – Santa Cruz do Sul – RS)
Prof. Dr. Paulo Augusto Moreira Camargos
(UFMG – Belo Horizonte – MG)
Profa. Dra. Themis Reverbel da Silveira (UFRGS – POA – RS)

Equipe administrativa:
Ivan Carlos Guareschi (Gerente Executivo),
Deisy de Azeredo Rosa (Supervisora UniAmrigs),
Márcia Leandra Baldasso (Assistente Administrativo),
Claudio dos Santos Nunes (Assistente Administrativo),
Daniel Bueno (Tradutor)

Editoração: Marta Castilhos

Comercialização e contato: AMRIGS
Fones: (51) 3014-2015 ou (51) 3014-2016
revista@amrigs.org.br

Indexada na base de dados LILACS.
Filiada à ABEC.

Associação Brasileira de Editores Científicos
ABEC

Missão

"Transmitir aos médicos informações úteis para sua prática diária e possibilitar aos pesquisadores, particularmente os mais jovens, a divulgação dos seus trabalhos de pesquisa."

Revista da AMRIGS

EDIÇÃO HISTÓRICA – 54 ANOS – OUT. 2011

EDITORIAL

Começo estas palavras com uma frase de profundo significado escrita por Eduardo Faraco no editorial do Nº 1 da revista AMRIGS:

Os homens, as organizações serão tanto mais autênticas, quanto mais identificadas com a região de onde emanam e onde crescem, o que hes confere um sentido universal.

Em cumprimento ao artigo 76 do Estatuto da Associação Médica do Rio Grande do Sul surgiu o primeiro número da revista com dois objetivos: concorrer para a elevação dos padrões de educação médica e estimular o debate dos problemas que envolvem e angustiam o médico brasileiro e o sul-rio-grandense. Com o passar do tempo fortaleceram-se o Sindicato Médico e o Conselho de Medicina , o CREMERS, que assumiram o último objetivo.

Continuou a revista procurando melhorar não somente sua aparência, mas, também, o parâmetro científico e educativo, acolhendo os trabalhos de divulgação e de pesquisa. Para isso contribuiu uma consciência reinante na Associação, com seus Departamentos que, mais tarde, foram transformados em sociedades autônomas. No âmbito da revista foi marcante a atuação dos editores, entre os quais ficou saliente a dedicação de Themis Reverbel da Silveira.

Como as gerações se sucedem trazendo novas contribuições à sociedade, a época pós-moderna revela um extraordinário e imprevisível envolvimento tecnológico. Qual o comportamento do médico e das instituições voltadas para a saúde em face da sofisticada aparelhagem oferecida para diagnóstico e tratamento? Há um sentimento que o humanismo hipocrático desapareceu, tanto que já se realizou congresso internacional com a finalidade de restaurá-lo.

A seguir, apresento a conclusão do Congresso Internacional de Medicina Hipocrática (1953):

> *A conclusão que se impõe, e que resulta das teorias e ensinamentos de Hipócrates, é de que o médico não tem o direito de se contentar com o papel puro e simples do técnico encarregado de zelar pela saúde dos indivíduos e da coletividade; porque ele não cumpriria com seu dever, se negligenciasse os princípios morais do juramento de Hipócrates. Assim, na sua totalidade, unindo a técnica e a ética, a Medicina, segundo Hipócrates, sobressai como um presságio de um humanismo superior e novo, que restaurará a noção moral em nossa civilização técnica.*

Mas qual é o significado de humanismo e, ainda, humanismo hipocrático? Há um fundo moral que impulsiona a humanidade para a ética nas relações, e os médicos do Rio Grande do

Sul têm esse sentimento herdado de seus ancestrais. É eloquente a manifestação do presidente da AMRIGS, Dirceu Rodrigues, no jornal Mente e Corpo de Setembro de 2010:

> *Dignidade. Não se trata de ideologia, mas de um desafio que transcende a conduta profissional para a adoção de um comportamento universal: o respeito ao ser humano.*

Sim, dignidade, honestidade para jamais prejudicar o outro, principalmente o paciente. Independência do mal e dependência dos valores conquistados, e assegurados, na tradição gaúcha.

Importante para a volta do humanismo diz respeito ao ensino médico, e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul propõe uma *medicina humanizada*: o estudante passa pelo internato em Saúde de Família e Comunidade. O professor Odalci Pustai, da Faculdade de Medicina, coordenador do programa, explica: "Trabalhamos com o sentimento da pessoa, procurando entender o que a doença significa para ela".

Transcrevo novamente o professor Faraco, no primeiro editorial: "Pertencendo a uma instituição desinteressada em obter vantagens financeiras a Revista da Associação poderá manter-se acima de pressões de qualquer ordem, salvaguardando, assim, a limpidez de seus propósitos. Espera, desta forma, impor-se pela seriedade de seu programa e pela qualidade de seus artigos, difundindo conhecimentos e estimulando a publicação de trabalhos de seus colaboradores potenciais que são todos os membros da Associação Médica Rio-Grandense e Brasileira".

Da mesma forma, na sequência progressista, visando sempre ao aperfeiçoamento, Renato Fagundes, além das modificações que introduziu na apresentação da Revista, acrescentou a Seção de História da Medicina, e nada melhor para comemorar seu cinquentenário, bem como o do sexagésimo aniversário da AMRIGS, do que acolher a sugestão de um de seus funcionários, o Assistente Administrativo e estudante de jornalismo Flávio Bandeira, para a edição de um número dedicado à História da Medicina, cumprindo o profundo sentimento humanista que perpassa toda a Associação Médica do Rio Grande do Sul.

Para a organização deste número foi criada uma comissão integrada pelos doutores José Eduardo Degrazia, Blau Souza e Carlos Oswaldo Degrazia.

Como homenagem aos fundadores da revista, as cores da bandeira do Rio Grande do Sul, na parte superior da capa do primeiro número, representam o significado do autêntico regionalismo expresso no início do editorial.

Não há indicação, no texto, de que as imagens que ilustram tanto este trabalho como outro já publicado – o rim policístico do atlas de Etienne Lancereaux (Revista da AMRIGS, 54(2): 229-231, abr.-jun. 2010) – tiveram como base fotografias coloridas que estavam, ainda, nos primeiros passos. Em face da exatidão, entretanto, das estruturas reveladas, há possibilidade do artista ter se apoiado nelas. Não foi feita perícia neste sentido.

Carlos Oswaldo Degrazia

HIPÓCRATES E A ILHA DE CÓS

José Eduardo Candal Degrazia

Oftalmologista. Médico perito da Secretaria de Administração do Estado do Rio Grande do Sul.
Ex-Presidente da Sociedade de Oftalmologia do Rio Grande do Sul. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras

Saímos de Frankfurt num Jet, em pleno verão europeu, e sobrevoamos os Balcãs e a Grécia Continental. O dia era de uma luz dourada infinita, que se derramava em brilhos sobre as montanhas e enchia de sombras os vales azulados cobertos de vegetação que eu imaginava serem oliveiras e ciprestes. Pela pequena janela ogival do avião, eu enfim entrava na região histórica e mítica que me embalava de sonhos e premonições desde as primeiras leituras da minha infância. E entre estas leituras vinham a minha mente lembranças colorida e vivas de trechos de Homero quando os aqueus se preparavam para embarcar nas naus que os levariam a Tróia:

Esses, depois de embarcados, as úmidas vias cortaram
Enquanto o Atrida dava ordens a todos que banhos tomassem.
Purificaram-se todos, jogando no ar as escórias,
e a Febo Apolo ofertaram, de cabras e touros seletos,
uma hecatombe completa, na praia do mar incansável.
Nas espirais da fumaça até o Céu o perfume subia(1).

E de repente, diante do meu olhar fascinado, surge o mar Egeu como um veludo azul pontilhado com manchas de centenas de ilhas. Diante de tão soberba paisagem, vinham a minha mente os textos dos historiadores e viajantes que viam na luz, no mar, na vizinhança dos três continentes, a explicação do gênio e do destino da Grécia antiga. Pois ali, de cima do avião que sobrevoava a terra e o mar sagrado de tantos deuses, guerreiros, poetas e filósofos, dava para entender a expansão dos gregos para a Ásia, no século X a.C., depois da invasão dos dórios.

O mar Mediterrâneo faiscava seu azul turquesa profundo, e eu imaginava o deslocamento dos navios do povo antigo passando de ilha em ilha, das Cíclades e do Dodecaneso, para as terras das colônias da Jônia na Ásia menor. Via o esplendor de Tróia e suas altas muralhas defendidas pelo velho rei Príamo e seus filhos Páris e Hector; e Helena, a bela filha de Zeus que abandonara o rei de Esparta, Menelau, para viver com Páris. Também as cidades de Mileto, Halicarnasso, Éfeso, Lesbos, Rodes, e a ilha de Cós, nosso destino.

O avião já viaja a baixa altitude aproximando-se da ilha onde Hipócrates nasceu. Podemos ver as ilhas em sua maioria despidas de matas, de cor amarela e cinza, algumas vulcânicas.

Outras, porém, ricas em vegetação, como a própria ilha de Cós que se aproximava rapidamente de nossa linha de visão. Um súbito vento forte encrespou o mar até então liso e brilhante, obrigando o piloto a fazer uma grande curva antes de posicionar-se para o pouso no aeroporto. Quando descemos a escada do avião, sentimos o vento perfumado do Mediterrâneo; o sol, fulgurando sobre nós, iluminava de uma forma límpida e clara a perspectiva dos montes e caminhos da ilha, e nos dava a dimensão apolínea do pensamento grego, com sua intensa claridade, esclarecedora, reinando sobre tudo.

A ilha de Cós tem a forma de um animal com um grande corpo estendido e a cabeça inclinada, chamada esta, apropriadamente de *Céfalos*. Tem quarenta quilômetros de comprimento, por oito de largura, possuindo cento e doze quilômetros de paradisíacas praias. Em seu centro, encontramos uma antiga fortaleza, a *antimachia*, construída pelos Cavaleiros de São João, do tempo das Cruzadas. A ilha tem vales férteis e outros mais áridos, mas nela cresce a uva para o vinho, frutas diversas, a azeitona, o trigo e plantas de belas flores que encantam com sua exuberância e perfume. Na antiguidade foi coberta de árvores, o que até hoje se vê nas partes mais altas da ilha. O poeta Homero relata na Ilíada, Canto II, que, destas ilhas do Dodecaneso, trinta barcos foram feitos para participar da guerra de Tróia. Na tradução de Carlos Alberto Nunes:

Os de Nisiro habitantes, de Crápato e Caso, bem como
os da cidade de Eurípilo, Cós, da ilha bela Calidna,
vieram trazidos por Ántifo e Fídipo, filhos de Téssalo,
rei poderoso e valente, que de Héracles forte nascera:
esses, em trinta navios dispostos em fila, embarcaram(1).

O clima é ameno, não sendo o frio demasiado no inverno, e o calor do verão é amainado pela brisa que sopra carregada de umidade, vinda do mar que a circunda. O historiador grego, da vizinha Halicarnasso – atual Bodrum, na Turquia –, Heródoto, dizia que esta região tinha o melhor clima do mundo. Assim nos descreve o clima da Grécia, o autor Peter Levi:

> *A temperatura média varia de uma região para outra da Grécia, com Verões quentes e Invernos suaves nas regiões costeiras do Sul, mas com Invernos frios na Macedônia e no interior montanhoso. A pluviosidade é elevada no Ocidente (chegando aos cem centímetros por ano) mas muito menor nas planícies orientais (quarenta centímetros em Tessália e Atenas). As diferenças entre as estações são muito acentuadas. O Inverno é mais curto do que na Europa do Norte, mas nas montanhas é muito duro e o Verão é entorpecedor. A primavera é mais fresca e delicada e o Outono suave e muito mais longo do que na Europa do Norte. Todos estes fatores afetaram as sociedades humanas da Grécia, desde as festividades dedicadas aos deuses e as deslocações de rebanhos até as questões de guerra e paz e aos pormenores de colonização(2).*



A cidade de Cós está localizada na outra extremidade da ilha, e nela se encontra a cidade grega antiga – que foi reconstruída depois de um terremoto, no ano de 336 a.C. –, a cidade romana, e o poderoso forte dos Cavaleiros de São João, ligados aos Cavaleiros de Rodes. Porto, com arquitetura de várias épocas, sobressaindo-se contra o azul do céu os esguios minaretes do tempo do domínio turco-otomano – e, inclusive, do período recente em que esteve no domínio dos italianos, antes da segunda guerra mundial. O forte dos Cavaleiros está localizado sobre a encosta na beira do mar, dominando a entrada do porto. A cidade grega antiga, fundada no séc. IV a.C., à sua frente, mostrando a imponência de suas ruínas, com seus templos e a *ágora* onde ainda parece estarmos ouvindo a azáfama dos comerciantes e a peroração dos políticos e dos filósofos.

Num recanto, ao lado de uma antiga mesquita, deparamos com o plátano de Hipócrates. A vegetação desta região é luxuriante, com seus ciprestes finos de um verde escuro, como simbolizando a meditação e a reverência, e o vermelho das buganvílias em flor que nos transporta à exuberância das artes e da mitologia e a paixão dos tempos antigos, que aqui parecem tão vivos e presentes. Diante do plátano o meu coração dispara emocionado. Aqui a tradição conta que Hipócrates dava suas aulas para os atentos alunos que bebiam de seus ensinamentos o que de melhor a filosofia e a ciência grega tinham a oferecer naquele tempo. E pareço escutá-lo perorando, e me vêm à memória trechos dos *Aforismos:*

> *A vida é breve, a arte demasiada, a ocasião fugidia, o empirismo é perigoso, o raciocínio, difícil. É necessário não só fazer por si mesmo o conveniente, mas também ser ajudado pelo doente, pelos que o assistem, e pelas circunstâncias exteriores(3).*

Assim como eu estou meditando à sombra do centenário plátano de Hipócrates, aqui esteve o médico paulista Petrônio Stamato Reiff, em 1994. Na revista de cultura da Associação Paulista de Medicina(4), o próprio viajante conta como conseguiu levar um broto do plátano, através de muita peripécia, para ser plantado no jardim da Escola Paulista de Medicina. Foi uma homenagem ao calouro Edson Hueng, morto de maneira trágica num trote na Faculdade. Consta que o professor Carlos da Silva Lacaz, teria autorizado que espargissem suas cinzas na raiz da planta.

Este gesto simbólico e altruísta do médico Petrônio, nos enche de respeito e admiração. Cala fundo em nossa sensibilidade. Mas seria o atual plátano da cidade de Cós o mesmo sob cuja sombra o médico Hipócrates dava suas aulas? Segundo o parecer de alguns botânicos, a atual árvore de Cós teria de 800 a 1.000 anos, o que a colocaria como uma das árvores mais antigas da Europa. Mas não o suficiente para ter acolhido Hipócrates em sua sombra. Mas, do ponto de vista simbólico, isto pouco importa. Filha ou neta do plátano onde Hipócrates dava aulas, a emoção é a mesma, e a mensagem humanística permanece através do tempo e da História.

O ASCLEPIEION DE CÓS

Alguns quilômetros da capital – mostra o prospecto para os turistas precisamente três quilômetros e meio –, numa lenta subida que nos proporciona belas paisagens da terra, do mar, e das ilhas circunvizinhas, nos aproximamos do que é para nós o principal motivo desta aventura no tempo e no espaço: o primeiro hospital construído no Ocidente: o *Asclepieion* de Cós. Estrabão (67 a.C.–23 d.C.), considerado o primeiro geógrafo do Ocidente, citado por Vassilis S. Hatzivassiliou, relata:

> *O sagrado Asclepieion situa-se no subúrbio da cidade, e está cheio de oferendas votivas, entre eles o "Antigonos" pintado por Apeles. Também encontrávamos a famosa pintura "Anadiomena Aphrodite", que está agora em Roma, dedicada por César Augusto ao seu pai. Conta-se que os romanos pagaram cem talentos de impostos, pagos pelo povo, por esta pintura. Também se conta, que Hipócrates, através do estudo das placas votivas, (no Asclepieion), aprendeu muito sobre a cura das doenças (5).*

A estrada serpenteia pelas encostas que nos levarão além, até a serrana e aprazível localidade de Zia, de onde podemos ver o magnífico Egeu e suas ilhas. Mas, a meio caminho, paramos no parque arqueológico da escola de Hipócrates. A natureza é estonteante, o céu de um azul puríssimo, o mar de pedra azulada, intensa, que brilha em cento e oitenta graus à nossa volta; os ciprestes lembrando o deus Apolo, as flores com seus perfumes doces e inebriantes, e as pedras de um tempo mítico e histórico que se aprumam sobre a colina como um sonho cristalizado.

O parque, onde se localiza o *Asclepieion*, é coberto de ciprestes e plantas que se manifestam em muitas variedades de flores coloridas. O caminho, cercado, acaba por nos levar à primeira escadaria do templo. E ficamos pensando que ali, os viajantes, os penitentes, e os doentes, começavam sua jornada mística e de cura. Toda a poeira da estrada ficava para trás, a pompa dos cargos que ocupavam em suas cidades distantes, o orgulho e o ódio, pois ali estavam à procura da recuperação da saúde do corpo e da alma.

O complexo é formado por três terraços. Através de escadarias, não muito íngremes, o

penitente/doente ia passando por templos votivos e esculturas de Praxíteles e pinturas de Apeles. Após subirmos os vinte e três degraus da escadaria, encontramos o lugar onde os peregrinos e os penitentes ficavam. Existem nichos onde ficavam estátuas, e uma fonte, com o pequeno templo de Xenofonte. Gaius Stertinius Xenofonte(séc. I d.C.), *asclepíade* de Cós, e que foi médico dos imperadores romanos Cláudio e Nero. Foi ele que formou a biblioteca do *Asclepieion*(5). Neste local, existem fontes que eram usadas para banhos lustrais e hidroterapia.

Vamos subir os trinta degraus que levam ao segundo terraço, depois de nos sentirmos como os peregrinos, de alma e corpo lavados. Encontramos o pequeno templo dedicado a *Asclepion*, construído no século IV a.C., de que só resta, sua base e duas colunas truncadas. Aqui os viajantes e doentes colocavam suas oferendas, por isso é tido como o "tesouro", ou, como diríamos hoje, o caixa.

Na direção oeste deste pequeno templo, avistamos as imponentes colunas em estilo coríntio dedicadas ao deus Apolo. A beleza e a imponência das sete colunas impressionam ao viajante cansado. E eu, que não me considero uma pessoa religiosa, fiz uma oração em homenagem a Apolo e Esculápio, talvez um peã, lembrando de meu pai, e de meu filho médicos. Também elevei meu pensamento em memória do médico e escritor Dyonélio Machado, que numa tarde luminosa dos anos setenta, abismado pela minha ignorância da língua de Homero, começou a me proporcionar, uma vez por semana, rudimentos da língua grega; o que me permitiu, para grande alegria minha, tantos anos depois, decifrar nomes de deuses em afrescos das cidades antigas, e ler no alto do mercado público a palavra *agora*, e sobre o marco da porta de saída, a palavra *exodus*.

Esta oração ao deus Apolo, lembrou-me de uma história contada sobre Heinrich Schleimann, o grande descobridor de Tróia e Micenas, relatada no livro de Leonard Cottrel(6). Quando Schleimann chegou a Cnossos, na região em que deveria estar o palácio do rei Minos, prostou-se ao chão e fez uma oração a Zeus. Isto lhe teria valido a antipatia dos muçulmanos – Creta, à época, era território turco –, causando-lhe impedimentos burocráticos para que iniciasse suas escavações.

Para alcançarmos o terceiro terraço, precisamos subir outra escadaria. No seu centro encontramos o templo de *Asclepio* construído em estilo dórico, no segundo século antes de Cristo. Somente encontramos as bases intactas deste templo antigo e tão vital para a tradição da Medicina ocidental. E nos prostramos reverentes e silenciosos. O tempo, senhor da vida e da história, soprava através dos ciprestes e das ruínas.

COSMOGONIA E MITOLOGIA DA GRÉCIA: DO CAOS ATÉ HIPÓCRATES DE CÓS

Segundo Hesíodo (Século VIII a.C.), no seu poema fundador da cosmogonia e mitologia da Grécia antiga – *Teogonia: a origem dos deuses* – no início coexistiram o Caos e a Terra, Eros e Tártaro. Do Caos nasceram Erebo e Noite que deram origem a Éter e Dia. A Terra pariu o Céu que a cobriu e envolveu e dela nasceram os Cíclopes e os Titãs e muitos outros deuses. Um dos Titãs, Cronos, recebe da mãe a incumbência de vingar os filhos rejeitados pelo pai, e o faz com sua foice, decepando o membro viril e o atirando ao mar. Da espuma que se forma, nasce Afrodite. E assim nasce Zeus, segundo o poeta – tradução do grego de Jaa Torrano (1):

Réia submetida a Cronos pariu brilhantes filhos:
Héstia, Deméter, e Hera de áureas sandálias,
o forte Hades que sob o chão habita um palácio
com impiedoso coração, o troante treme-terra
e o sábio Zeus, pai dos Deuses e dos homens,
sob cujo trovão até a ampla terra abala.

Cronos, temeroso de que um filho tome o seu lugar, devora-os a todos assim que nascem da mãe. Quando está para parir Zeus, Réia consegue salvá-lo com a ajuda de Céu e Terra, indo o recém-nascido ter por terra acolhedora a magnífica ilha de Creta. Ao crescer, Zeus toma o lugar de seu pai e enfrenta a fúria dos Titãs. Vencidos estes, diz o poeta:

Quando os venturosos completaram a fadiga
e decidiram pela força as honras dos Titãs,
por conselhos da Terra exortavam o Olimpio
longividente Zeus a tomar o poder e ser rei
dos imortais. E bem dividiu entre eles as honras.

Zeus teve grande prole com deusas e mortais, e com Leto gerou Apolo e Ártemis. Nasceram os dois deuses na ilha de Delos, depois de uma fuga através da Grécia, devido ao ciúme de Hera, esposa de Zeus.



APOLO, O DEUS SOLAR DA MEDICINA

Apolo era um dos principais deuses do Olimpo, cheio de poder e cumpridor de inúmeras tarefas e habilidades, das quais leva o nome, é o deus solar, patrono da verdade, do tiro com arco, da música, da Medicina e da profecia(2). Representa, como nenhum outro deus grego, a alma do povo da Hélade. Ao mesmo tempo guerreiro e terno, arqueiro e músico, personificando a razão e a medida, mas ao mesmo tempo sendo um deus da ação e da força. Personificação do ideal grego da beleza e da verdade em corpo humano, sua imagem se manteve através do tempo pela mão dos grandes escultores da antiguidade.

É o deus da profecia através das pitonisas, de Mopsos, e Cassandra. Sua ligação com a música vem de sua relação com as Musas, com as Coribantes e com Orfeu; e sua conexão com a Medicina se faz através de Asclépio e Aristaios(3). A linhagem de Apolo é muito antiga, sendo sua origem possível ser do Oriente ou mesmo da própria Grécia. Seu culto retroage aos anos 1.100 e 800 a.C., mas há autores que o localizam em data mais recente. A Medicina está ligada a Apolo, pelo seu poder de cura, tendo origem remota no deus Peã, micênico, de onde vieram as canções em homenagem a Apolo, os peãs(4).

Segundo Maria Mavromataki, o poder de Apolo de matar com seu poderoso arco, ou mandando epidemias, era neutralizado por sua assistência em aliviar a dor e devolver a saúde:

> *Mesmo quando o deus da luz causava a morte de um humano, ele estava seguro que ela era instantânea, livrando o corpo de uma intolerável dor. Apolo era também hábil em aliviar a angústia humana: ele era o ajudante na doença, e ele recuperava a saúde. Ele podia punir a impiedade mandando pragas e epidemias, mas era ele, também, que encontrava a cura e purificava as infecções. Por isso ele era cultuado como "Iatrus" (físico/médico) e "Epicurus"(ajudante/assistente)*(5).

ASCLÉPION, FILHO DO DEUS SOLAR

De uma antiga linhagem de homens devotados à Medicina, Asclépion teve seu nome ligado ao deus Apolo como seu filho, e de Coronis, humana, mas da família de Hércules; o que torna os médicos/sacerdotes que lhe seguiram descendentes de uma poderosa força, mística e prática, das mais importantes na mitologia grega, para dar credibilidade às suas ações religiosas e de atenção aos doentes. Coronis é morta por Ártemis, mas o deus, tendo piedade do seu filho, o salva, fazendo segundo a tradição, a primeira cesariana. Apolo, sendo reflexo do antigo deus da saúde da civilização micênica – o deus Peã – e sendo cultuado como um *iatrus*, ensina ao filho os rudimentos da arte, e do conhecimento das plantas curativas. Mas é para o centauro Quíron – de onde origina a palavra cirurgia –, que Apolo entrega o filho para aprender a arte da Medicina(5).

Torna-se Asclépion um médico famoso, curando os doentes que o procuravam. Mas ia além sua capacidade curativa e milagrosa, chegando a reviver os mortos. Hades, o deus do reino das trevas, queixa-se a Zeus, que pune a soberba do médico, fulminando-o com um raio. Depois de sua morte, é deificado, tornando-se o deus da Medicina, por excelência.

Casado com Epione, teve Asclepio sete filhos, todos ligados à saúde e à Medicina: Macaon, Podalírio, Aegle, Higéia, Panacéia, Iaso, Aceso. Podalírio e Macaon, teriam lutado na guerra de Tróia, e na volta, Podalírio teria começado a escola médica de Cós. Segundo Emile Littré(6), da linhagem de Podalírio, na 17° geração a contar de Asclépio, teria nascido Hipócrates de Cós.

É curioso notar, que o nome Hipócrates é muito comum na Grécia antiga, tanto ascendentes, como seu avô, e descendentes. Existe, também, o famoso Hipócrates de Chios, matemático. No livro já citado, Emilie Littré, comenta os vários Hipócrates que aparecem na literatura grega da época, como nas *Nuvens* de Aristófanes.

Émile Littré, na obra citada, confirma a existência de Hipócrates através das citações de escritores seus contemporâneos, que

o teriam conhecido. O principal, Platão (427 a.C– 347 a.C.); no Fedro(7), p. 111, temos o seguinte diálogo:

Fedro – A dar crédito à doutrina de Hipócrates, um Asclepíades, nem sequer o corpo se pode conhecer sem recorrer a esse método!

Sócrates – Pois ele tem razão ao dizer isso, como vês: mas, além do que disse Hipócrates, é necessário saber o que diz a razão e verificar se o que esta diz concorda com a anterior afirmação.

Fedro – Acho que assim deve ser.

Sócrates– Pois bem, procura agora saber o que dizem Hipócrates e a razão sobre a Natureza!

AS ORIGENS DA MEDICINA HIPOCRÁTICA

Os autores são quase unânimes em ligar Hipócrates aos *asclepiades* – nos templos de Apolo e Esculápio/*Asclepieion*, e suas escolas médicas anexas –, aos filósofos da natureza, pré-socráticos, e aos ginásios de atletismo, onde os mestres e instrutores tinham grande experiência em relação ao efeito dos exercícios e da alimentação na saúde.

Baseado num dos livros, que se considera ter sido escrito por Hipócrates, *Da Medicina Antiga*, Benjamim Farrington(8) troca os sacerdotes – esquecendo que os templos tinham escolas de Medicina –, pelo cozinheiro, que relaciona a alimentação adequada com a saúde (a Medicina ocidental, tardiamente, tende a recuperar este aspecto, no final do século XX e início do século XXI com as dietas de tipo mediterrâneas, e outras). Nos templos dos deuses ligados à saúde e à Medicina, sabidamente havia escolas no seu complexo (3), e deram nascimento a uma vigorosa corporação laica de praticantes, que clinicavam em tendas específicas, ou viajavam levando a sua arte a países longínquos do Oriente e do Ocidente(4).

Antes mesmo do aparecimento da Medicina científica na Grécia do século V a.C., outras civilizações tiveram altos níveis no que concerne ao tratamento das doenças, como na Mesopotâmia, no Egito, na índia e na China. É interessante, quanto a este último país, lembrar que na mesma época de Hipócrates, vicejou a Medicina Taoísta, baseada na teoria do Yin e do Yang, princípios básicos, masculino-feminino, e contraditórios, como noite-dia, saúde-doença, bem-mal, etc..., e dos cinco elementos: metal, madeira, água, fogo, e terra (5,6). Não cabe, no âmbito deste trabalho, tratar dos antecedentes ligados a outras civilizações, no que se refere à Medicina hipocrática, mas, tendo a evolução da Medicina longa trajetória, ela é devedora de muitas delas.

A diferença das práticas da saúde anteriores à Medicina hipocrática, é que ela adotou um pensamento lógico compatível com o pensamento científico, diferente do pensamento religioso ou filosófico(2,3,4,5,6), procurando, em primeiro lugar, afastar-se do pensamento mitológico e religioso, e, depois, do pensamento filosófico. Trata-se de ciência pela adoção do método indutivo e de observação da natureza, buscando alcançar determinado fim pela experimentação. Diz o Autor G.S.Kirk(9):

> *A escola de Medicina fundada por Hipócrates na ilha de Cós difundiu a sua influência por toda a Grécia. Em termos de observação e registro, seus métodos eram científicos: o grande objetivo era uma estimativa precisa do curso da doença, de modo que o médico conquistasse a confiança do paciente e fosse capaz de saber a frequência com que ele precisava de sua presença, e que cuidados recomendar.*

Entendemos que a Medicina antiga, e principalmente a hipocrática, era uma ciência que se desenvolveu ao longo dos séculos, aprendendo de seus predecessores suas técnicas e acertos. Temos como ciência, o postulado de J.G. Crowter, citado por Benjamin Farrington (8), p. 11: "O sistema de comportamento, mediante o qual o homem adquire o domínio do meio ambiente". Neste pensamento maior englobamos a Medicina hipocrática, diferente dos que pensam que a Medicina só se tornou ciência a partir do século XVIII, com o desenvolvimento da química moderna.

C.M. Bowra(2) referenda esta idéia com precisão e elegância:

> *As artes não eram os únicos campos criadores onde os gregos se destacavam. A natureza do mundo material provocava-lhes a curiosidade, levando-os a formular espetaculares hipóteses científicas. Antes deles, sem dúvida, muita coisa prática tinha sido conseguida por egípcios e babilônios no campo da astronomia e da engenharia. A contribuição excepcional dos gregos foi dar uma base teórica a essas ciências aplicadas. Procuraram os princípios gerais e, com isso, foram os fundadores não apenas da ciência mas também da filosofia (literalmente, "amor do conhecimento")(...).*

ANTECEDENTES DA MEDICINA HIPOCRÁTICA

Entendemos, com a análise de alguns autores antigos e modernos, que a Medicina Hipocrática teve cinco fontes principais:

1. Os sacerdotes e médicos leigos dos templos de Apolo e Esculápio;
2. Os filósofos da natureza, também chamados de físicos;
3. Os instrutores dos ginásios de atletismo;
4. Os cozinheiros (alimentação saudável);
5. Médicos e práticos que acompanhavam os exércitos.

Vamos fazer uma apreciação sobre cada uma dessas fontes tradicionais da ciência médica de Hipócrates de Cós.

1.OS TEMPLOS DE APOLO E DE ESCULÁPIO.

A religião grega, como já foi anteriormente esplanada, tinha como fundamento a relação dos fenômenos naturais com a sociedade humana. Os deuses eram ao mesmo tempo portadores de excelências de poder sobre a Natureza, e de características humanas, para o bem e para o mal. Tendo como característica diferencial primordial, que eram imortais, enquanto os homens seriam meros mortais. Mas, por não haver um cânone obrigatório, a religião grega permitia uma grande liberdade de opinião, veja-se, por exemplo, Xenófanes(565-473 a. C.), citado por Ernesto Xavier Filho (10):

> *Os etíopes afirmam serem os seus deuses negros e os dos trácios têm olhos azuis e cabelos vermelhos; se os bois e os cavalos pudessem esculpir, teríamos deuses bovinos e equinos.*

Os grandes filósofos gregos, Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles, não dispensavam o pensamento religioso, mesmo tendo sido o segundo deles, Sócrates, condenado à morte por impiedade. Aristóteles, citado por Benjamim Farrington, p.112, um dos maiores filósofos naturalistas da antiguidade, desejava que os homens pudessem copiar dos deuses a imortalidade, e dizia, com um pouco de ironia, que o homem deveria ser: *tão imortal quanto possível*.

Apolo, filho de Zeus e de Leto, congrega em si uma multiplicidade de poderes, sendo o principal o da razão – o que o separa de Dionísio/Baco. E entre os demais, e não menos importante, o poder de recuperar a saúde. Conforme Maria Mavromataki(5) explica em "Greek Mythology and religion", e repetimos:

> *Mesmo quando o deus da luz causa a morte de um humano, ele está seguro de que ela seja instantânea, dessa maneira livrando o corpo de uma dor intolerável. Apolo era também capaz de aliviar toda a angústia humana: ele era um assistente na doença, e na recuperação da saúde. Ele punia a impiedade mandando pragas e epidemias, mas era ele, também, que encontrava a cura e purificava as infecções de todo o tipo, e problemas de ordem moral. Por esta razão ele era idolatrado como Iatrus (físico) e Epicurius (assistente). Asclepius, o deus grego mais fortemente associado com a Medicina, era filho de Apolo e Coronis, e foi do seu pai que aprendeu a habilidade de fazer medicamentos*.

Asclepiós/Asclepius (Esculápio) foi criado pelo centauro Quíron, que lhe ensinou a arte da Medicina. Casado com Epione, teve sete filhos, Podalírio, Macaon, Aegle, Higéia e Panacéia, Aceso, e Ieso (9). Podalírio e Macaon teriam lutado na guerra de Tróia, e quando voltaram, o primeiro estabeleceu-se na ilha de Cós, iniciando uma família de asclepíades que, entre 15 a 20 gerações depois daria origem a Hipócrates, e o segundo teria iniciado a escola de Cnido, na atual Turquia. Histomaque e Soranus de Cós , citado por Littré, p. 34-35, datam o nascimento de Hipócrates na ilha de Cós, no ano de 460 a.C., filho de Heraclides e neto de Hipócrates I.

Os templos de Apolo e Asclépio apareceram cedo na Grécia, e se tornaram centros de peregrinação e cura, sendo os principais Delfos, Pérgamo, Corinto, Cnido, Cós e Epidauro. Ao lado dos templos apareceram escolas médicas, e como diz Giovanni Reale (11), p. 121:

> *Do que dissemos fica claro que a ciência médica não nasceu das práticas dos Asclepíades, sacerdotes curadores, mas sim da experiência e das pesquisas dos médicos dessas escolas de medicina, anexas aos templos; tais médicos, pouco a pouco, foram se distanciando dos primeiros até romperem decididamente os laços com eles, definindo conceitualmente a própria identidade específica.*

O autor grego contemporâneo Matthew E. Falagas(12), citando Cheng, e outros autores, diz que:

> *Asclépio é considerado o fundador da Medicina Grega antiga, e é representado segurando um bastão com uma cobra enrolada em volta dele. Ele foi santificado entre os séculos 6° e 5° a.C., e deu seu nome aos asclepíades, que eram sacerdotes-curadores servindo nos Asclepieia. Os asclepíades exerciam benéfica influência nos pacientes que sofriam principalmente de doenças psicossomáticas. Os Asclepieia eram localizados em belas e isoladas regiões, perto de montanhas ou fontes naturais e poderiam ser imaginados como modernos spas. Eles eram bem organizados e muitos deles incluíam biblioteca, estádio, e teatro. Além do mais, escolas médicas existiam junto*

aos templos. Dieta apropriada, banhos, e exercícios, tinham um papel fundamental nas regras terapêuticas. Os Asclepieia estavam ainda em atividade mesmo quando a Medicina baseada em bases mais científicas já estavam *presentes no 5° século a.C.*

Estrabão (67 a.C.– 23 d.C.), o grande geógrafo da antiguidade grega, citado por Vassilis S. Hatzivassiliou(13) afirma sobre o aprendizado de Hipócrates no *Asclepieion* da ilha de Cós:

Pelo estudo detalhado das placas votivas (no Asclepieion) aprendeu muito sobre a maneira de curar doenças...

2. OS FILÓSOFOS NATURALISTAS

Depois da invasão dórica na Grécia clássica, ocorre um grande êxodo para formação de colônias longe da pátria mãe. Esta época que coincide com o fim da civilização minóico-micênica pela invasão dos povos do norte, os dórios, e com a produção do grande poema de Homero sobre a guerra de Tróia, a Ilíada, os antigos habitantes da Grécia se espalham pelo mundo mediterrâneo, pelo Egeu e vão formar um grupo de cidades estados que na Ásia será chamada de Jônia.

Nesta região, a partir do século VII a.C., um grupo de filósofos ligados à interpretação da natureza – chamados de físicos –, irá florescer. Filósofos que fizeram uma grande revolução em relação com a maneira de entender os fenômenos da matéria, podendo ser considerados os iniciadores do pensamento filosófico-científico: são os chamados filósofos pré-socráticos.

O primeiro deles, Tales de Mileto (fim do século VII – início do século VI a.C.), começa o estudo sobre o início do cosmo, relacionando com uma entidade imutável que daria origem a todas as outras, a água. Anaximandro de Mileto (da mesma época de Tales), levando além o pensamento do seu antecessor, pensa um princípio que não tenha forma e que seja indefinido, infinito, e que possa transformar-se em toda a multiplicidade do existente, o *ápeiron*. Seu discípulo, Anaxímenes de Mileto (século VI a.C.), infere o ar como a substância primordial de todas as outras. Heráclito de Éfeso (entre o século VI e V a.C.), simplificando sua filosofia de fluxo e logos, elege o fogo como o início de tudo (11).

Empédocles (século V a.C.) é, talvez, o mais importante destes filósofos, pois irá influenciar a Filosofia, a Ciência e a Medicina, por mais de dois mil anos com sua teoria dos quatro elementos, ar, fogo, terra e água, que se misturando produziriam a multiplicidade do mundo. A partir dos quatro elementos configurou-se na escola de Empédocles, como consequência lógica, a teoria das quatro qualidades deles derivadas: a terra seria fria e seca, a água fria e úmida, o ar quente e úmido, e o fogo quente e seco. Teoria que através de Hipócrates e Galeno dominaria a Medicina por 2.000 anos.

Os atomistas Demócrito e Leucipo (século V a.C.), com a teoria do átomo como o componente último de todas as coisas – mesmo que a idéia atômica dos antigos gregos pouco tenha a ver com a teoria atômica moderna de Dalton, esta idéia materialista da composição do mundo é realmente inovadora.

Não falaremos dos Eleatas, nem de Pitágoras, pois fugiria do assunto que estamos abordando, mas também tiveram seu papel, principalmente na escola de Crotona com Alcmeon e Filolau, que acompanha a teoria dos quatro elementos com a dos quatro órgãos principais, o cérebro, o coração, o umbigo e os órgãos genitais. Também tiveram importância em relação

ao desenvolvimento da idéia de natureza que levou ao surgimento da Medicina hipocrática.

3. OS GINÁSIOS DE ATLETISMO

Citados como importantes na formação da Medicina grega por autores antigos e modernos, os ginásios de atletismo têm sido pouco estudados como importantes fontes de conhecimento de técnicas médicas e de saúde. Littré, p.22 de sua introdução à monumental tradução das obras do *Corpus Hippocraticus*, afirma sobre os chefes e treinadores dos atletas que eles se habituaram a tratar as fraturas e luxações, bem como a fornecerem dietas alimentares adequadas para a manutenção da saúde e da atividade dos atletas. Heródicos, irmão do filósofo Górgias, utilizava o exercício para aliviar as doenças, e, principalmente, fazer a manutenção dos doentes crônicos, como comenta Littré na página 23:

> *Esta aplicação da ginástica ao tratamento das doenças, teve uma grande influência sobre a Medicina antiga. Muitos dos doentes desertavam dos Asclepieion e se faziam anunciar nos ginásios; e os médicos gregos adquirem o hábito de estudar o efeito dos exercícios, e de colocá-los no círculo de sua terapêutica, e de prescrevê-los de uma maneira conforme à arte num grande número de casos.*

4. O COZINHEIRO E O MÉDICO

Benjamim Farrington, na p. 58 do seu *A ciência grega*, propõe a troca dos templos e dos sacerdotes pelo cozinheiro, valendo-se de um dos mais importantes livros da coleção Hipocrática – que Farrington não considera ser de Hipócrates –, *Da medicina antiga*. Neste livro, o autor combate uma nova teoria médica, ou escola, que pretende basear a Medicina em idéias gerais, ou hipóteses. Retorna à experimentação milenar do homem para encontrar a melhor alimentação para a sua saúde:

> *Experimentando alimentos, fervendo-os, ou cozendo-os, misturaram-nos ou os combinaram; misturando comidas fortes a outras mais fracas, adaptaram-nas à constituição do homem. Supunham que os alimentos demasiado fortes para serem assimilados pelo organismo humano produziriam dores, enfermidades e a morte; ao passo que os assimiláveis o poderiam nutrir e crescer, mantendo-o são. Que nome mais apropriado que medicina se pode aplicar a estas buscas e descobrimentos, considerando que seu propósito era que a saúde, o bem-estar e a nutrição do homem substituíssem aquele modo de viver que era fonte de dor, enfermidade e morte?*

A única consideração que se poderia fazer a Benjamim Farrington, é que falando em "cozinheiro" ele esquece o papel representado pela mulher em relação à alimentação, desde o aleitamento materno, até a preparação dos alimentos e a agricultura, feito por elas enquanto os homens estavam na caça ou na guerra.

5. MÉDICOS E PRÁTICOS QUE ACOMPANHAVAM OS EXÉRCITOS

Parece-me bastante conhecido que práticos, curiosos, médicos e sacerdotes acompanhavam os exércitos nas guerras, tratando das feridas e das fraturas dos soldados. É exemplar nesse sentido, o trecho da Ilíada(14), p. 104, em que um médico, Macaon, filho de Esculápio, é chamado para tratar de um ferido na batalha contra os troianos:

Disse-lhe, então, em resposta Agamémnone, rei poderoso:
"Ó Menelau, caro irmão, oxalá seja tudo assim mesmo!
Que venha um médico, logo, explorar a ferida e cobri-la
com salutíferas drogas, que possam da dor libertar-te."

A VIDA DE HIPÓCRATES

Ainda não totalmente conhecida em sua integralidade, a vida de Hipócrates é abordada de duas maneiras, uma fabulosa, tanto a mitológica quanto a relatada pelos seus primeiros biógrafos, a outra baseada no depoimento de escritores, médicos e filósofos, que viveram na mesma época de Hipócrates, como Platão, Aristóteles, Xenofonte, e outros; ou dos que, mesmo tendo vivido séculos depois do mestre de Cós, tiveram acesso às obras originais, como Galeno. Uma das principais obras biográficas sobre sua vida foi escrita por Soranos, de Éfeso; autoria discutida por Ch. Daremberg(15), que acha que poderia ser outro Sorano, o da ilha de Cós. Mas deixando de lado estas discussões, necessárias, mas aqui desprovidas de interesse, passemos à fabulosa vida do pai da Medicina.

Asclépion/Esculápio, filho de Apolo e Coronis, é salvo pelo pai depois da morte de sua mãe. Apolo entrega o filho aos cuidados do centauro Quíron, que ensina ao infante a prática da farmacologia e da cirurgia. Teve tanto sucesso que humanos comuns e heróis, buscavam por ele para conseguir a cura de suas doenças. Casado com Epione teve sete filhos, quase todos ligados à prática médica, como Machaon, Podalírio, Higéia e Panacéia. Devido ao seu grande sucesso na cura, chegando até a devolver a vida aos mortos, Zeus resolve castigá-lo, matando-o com um raio.(5)

À linhagem de Esculápio, no entanto, através de seus filhos Machaon e Podalírio, era reservado um caminho cheio de grandes realizações: o de serem criadores de escolas de Medicina que foram modelo durante mais de 2.500 anos no Ocidente.

Retornados da guerra de Tróia, Podalírio dá origem à escola médica de Cós, e Machaon a de Cnido(6). Há autores que afirmam que Macaon teria morrido na Guerra(13).

Segundo Littré, baseado em Soranos e Ctésias, mediariam entre 15 a 20 gerações entre Esculápio e Hipócrates. O que sabemos, é que seu avô também tinha o nome de Hipócrates, era médico, tanto quanto o seu pai Heraclides. Ainda jovem, conviveu com os sacerdotes do templo de Apolo e Esculápio, e segundo Estrabão, já citado, teria aprendido muito com os votos deixados pelos doentes.

Como era comum entre os *asclepíades*, Hipócrates viaja para trabalhar e aprender. Consta que esteve com o filósofo Górgias, e com Demócrito, antes de ter ido para Atenas. Na cidade de Péricles, convive com Platão, Xenofonte e Aristóteles, que fazem muitos elogios à sua capacidade médica. Há, no entanto, nesta estada de Hipócrates em Atenas, pontos obscuros e discutidos pelos estudiosos até hoje. Teria Hipócrates sido o grande médico que combateu a peste que se abateu sobre a Grécia e sobre Atenas, durante a guerra do Peloponeso? Littré diz que seria impossível Hipócrates ter acabado com a peste com grandes fogueiras e com perfumes de flores, como a tradição diz, quando Tucídides, o grande historiador da guerra do Peloponeso e da peste não o cita uma única vez. Autores posteriores o fazem, mas sem deixar a questão menos obscura (6).

No retorno à ilha de Cós, começa realmente a escola que levaria seu nome, contrapondo-se à escola de Cnido. Essa tinha por princípio o estudo dos sintomas e do diagnóstico, enquanto a escola hipocrática preocupava-se mais com o prognóstico. A escola de Cnido veria mais a doença do que o doente, com um interesse mais científico do que de cura, enquanto a escola de Cós, procura entender o doente em relação ao meio em que vive, vendo-o como um todo.

Na maturidade retorna à Grécia com sua família, indo morrer com muita idade em Larissa – terra de Coronis, mãe de Esculápio –, fechando-se, assim, um círculo mitológico perfeito. Segundo Ctésias, séculos depois ainda estava o túmulo à vista dos viajantes. E conta a lenda, que um enxame de abelhas construíra sua colméia sobre o túmulo, e o mel, fabricado por elas, era usado como remédio, inclusive para curar as aftas das crianças(15).

CORPUS HIPPOCRATICUM

O grande estudioso e tradutor de Hipócrates, Émile Littré, diz que na história do médico de Cós, existem duas partes a serem consideradas: a história da sua vida, e a dos seus escritos. Já abordamos a origem da Medicina grega e a vida de Hipócrates. Passaremos agora a tratar o conjunto da obra do pai da Medicina.

A produção intelectual grega antes de Sócrates e Platão chegou até nós em forma de fragmentos ou de citações de autores que os leram. Quase nada restou dos frágeis livros que escreveram, destruídos que foram pelas guerras, pelo vandalismo, ou pela simples e inexorável passagem do tempo. Foi uma valiosíssima exceção a sobrevivência da coleção de livros da medicina grega, coletadas no *Corpus Hippocraticum*. Benjamim Farrington, na p. 55 do seu livro anteriormente citado, nos diz:

> *No último capítulo falamos da destruição quase total das obras científicas dos gregos anteriores a Sócrates. Deve-se excetuar somente um ramo da ciência antiga. Temos a fortuna de dispor de uma coleção de escritos médicos, o mais antigo dos quais é do começo do século V. Várias escolas estão representadas nesta coleção, que, contudo, nos chegou com o nome de uma delas: a hipocrática.*

O mesmo diz Ch. Dalemberg, p. 25:

> *Podemos comparar a Coleção de Hipócrates, tal como ela nos chegou, a uma reunião de monumentos de formas e estilos e de época diversos, onde alguns estão em perfeita conservação, mas outros estão em ruínas e jamais serão terminados, de sorte que tal coleção é um verdadeiro fenômeno, e não encontraremos outro exemplo assim na história da antiguidade.*

Esta coleção, que os autores fazem variar de 50 a 72 livros abarca um grande número de obras, que foram escritas por médicos anteriores a Hipócrates, inclusive da escola de Cnido, e por seus descendentes e discípulos. Pensa-se que foram escritas pelo médico de Cós, de 5 a 12 volumes, a maior parte deles ainda em discussão de autoria. Mas, no mínimo, 5 teriam grande possibilidade de ter sido escritos pelo mestre de Cós: *A medicina antiga*; *O mal sagrado*; *O prognóstico*; *Sobre as águas, ares e os lugares*; *As epidemias*; *Aforismos*; *Juramento*.

Alguns destes livros são tidos como de outros autores, como pensa Benjamin Farrington, livro citado, p. 56:

Essa era, pelo menos, a opinião de um dos maiores homens da ciência dos gregos: o autor desconhecido do tratado hipocrático, Da medicina antiga, obra que seja talvez a mais importante da coleção.

Ou Ch. Dalemberg, livro citado, p. 26: escritos que na sua maior parte parecem pertencer à escola de Cós, e que seriam de contemporâneos de Hipócrates, citando entre eles o Juramento.

AFORISMOS

O mais notável dos livros da coleção, o mais estudado, e citado, entre as obras de Hipócrates, além, é claro do *Juramento*, são os seus *Aforismos*. Considerada uma obra da maturidade do médico de Cós, é entendida como uma condensação de toda a coleção de estudos enfeixados na portentosa coleção da escola hipocrática. Copiada, e estudada pela escola de Alexandria, por uma sorte do destino, chegou até nós na sua íntegra.

Segundo Etienne, citado por Ch. Dalemberg, p.29, o livro dos *Aforismos* foi dividido em três seções por Soranus, em quatro por Rufus, e em sete por Galeno. Comentada por médicos contemporâneos e posteriores à sua época, como, mantém, até hoje, uma dignidade e profundidade reconhecidas a partir de seu primeiro aforismo, da primeira parte:

Curta é a vida, a arte demasiada, a ocasião passageira, a prática perigosa, o juízo difícil. É necessário não fazer apenas por si mesmo o que convém, mas também ser ajudado pelo doente, pelos que o acompanham, e pelas circunstâncias(15).

O primeiro aforismo não é só uma lição de técnica, arte, mas uma lição de vida, e um aforismo científico e literário, extremamente conciso, eficaz, e bonito. O que estaria conforme com o preceito grego do belo e do bom. Ou do belo e do verdadeiro, que unia a lógica, a estética, e a ética.

Nos comentários de Galeno (129 a 200 d.C.) aos *Aforismos*, citado por Ch. Dalemberg, p. 119-120, diz o médico romano: *(...) para recordar ao conhecedor da arte, que se atenham à rapidez do momento oportuno, aos perigos do empirismo, e às dificuldades do dogmatismo, e que o julgamento é difícil.* Aqui, o tradutor francês traduz a palavra grega "crise", por discernimento.

Na segunda seção, aforismo IV, temos um interessante comentário sobre a dieta:

Nem a saciedade, nem a fome, nem qualquer outra coisa em demasia, não são boas, se elas ultrapassam os limites naturais.

No aforismo XXXI, da seção III, temos uma descrição das doenças mais comuns entre os idosos:

a falta de ar, o catarro com tosse, dificuldade para urinar, as dores articulares, as doenças dos rins, as vertigens, as apoplexias, as caquexias, um consumir de todo o corpo, as insônias, as diarréias, secreções dos olhos e do nariz, as ambliopias, as glaucoses, a diminuição da audição.

É interessante notar aqui, a observação sobre as doenças oculares com diminuição da visão, a ambliopia, e as que levam à opacificação da córnea, *glaucose*, que significa em grego, cinza-esverdeado. Daí deriva a palavra glaucoma.

A seção IV mostra os tipo de tratamentos relacionados com a purgação, drogas que

provocam o vômito ou a evacuação, e sobre as febres.

A seção V é dedicada às febres, às convulsões e aos desmaios, hemorragias e menstruação; comenta o tétano e a epilepsia. Explica o uso do calor e do frio com efeitos supurativos e anti-hemorrágicos.

Devido ao espaço reservado para os artigos, fica para outro estudo a continuidade da avaliação dos demais livros de Hipócrates.

BIBLIOGRAFIA SOBRE HIPÓCRATES E A ILHA DE CÓS

1. Homero.: Ilíada; Edições Melhoramentos; tradução de Carlos Alberto Nunes; São Paulo; s/d.
2. Levi, P.: Grécia, berço do Ocidente; Edições Del Prado; Madrid; 1996.
3. Daremberg, C.: *In*: Les aphorismes d'Hippocrate; a lEnseigne du pot casse; Paris; 1945.
4. Reiff, PS. Homenagem ao médico; Caderno cultural da APM; Novembro – 2008; São Paulo.
5. Hatzivassiliou, VS. The asclepieion of Kos; Publicação de M. Georvassakis J.S.C. Kos, 2008.
6. Cottrel, L: El toro de Minos; Fondo de Cultura Econômica; México; 1992.

BIBLIOGRAFIA DE COSMOLOGIA E MITOLOGIA DA GRÉCIA

1. Hesíodo.: Teogonia/ a origem dos deuses; Iluminuras; São Paulo; 1991.
2. Bowra, CM.: Grécia Clássica; Livraria José Olympio; Rio de Janeiro; 1969.
3. Cabral, LAM.: O hino homérico a Apolo; Ed. Unicamp; Campinas; 2004.
4. Kalogeraki, S.: Greek mithology; Mediterraneos Editions; 2005.
5. Mavromataki, Maria.: Greek mythology and religion; edições Haitalis; Atenas; 1997.
6. Littré, E.: Ouvres completes d'Hippocrate; livre I; Paris; 1839.
7. Platão.: Fedro; Guimarães Editores, LDA; Lisboa; 1989.
8. Farrington, B.: A ciência grega; Ibrasa; São Paulo; 1961.
9. Kirk,GS.: A ciência grega; in: O mundo grego; Zahar Editores; Rio de Janeiro; 1977.
10. Xavier Filho, E.: O homem e a cura; Ed. Rigel; Porto Alegre; 1990.
11. Reale, G; Antiseri, D.: História da filosofia; livro I; Ed. Paulus; São Paulo; 2008.
12. Falagas, ME, et al.: Science in Greece: from the age of Hippocrates to the age of the genoma; The Faseb Journal --20; 2006.
13. Hatzvassiliou, V.: The asclepieion of Kos; M. Georvassakis J.S.C; Kos; 2008.
14. Homero.: Ilíada; Tradução de Carlos Alberto Nunes; Edições Melhoramentos; 3° Edição; São Paulo; s/d.
15. Daremberg, C.: *In*: Les Aphorismes d'Hippocrate; a l'Enseigne Du Pot Casse; Paris; 1945.

A SINGULAR RELAÇÃO ENTRE POSITIVISMO E MEDICINA NO RIO GRANDE DO SUL

Waldomiro Carlos Manfroi

Professor Titular, Professor Emérito e Ex-Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul e da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Escritor.

Seguindo as realizações de três figuras médicas proeminentes, de Porto Alegre, no final do Século XIX e início do Século XX, Protásio Antônio Alves, Olympio Olinto de Oliveira e Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, apresentamos, de forma condensada, a singular relação que existiu entre positivismo e Medicina no Rio Grande do Sul. Estes três vultos históricos, a despeito de suas divergências filosóficas e políticas, trouxeram os avanços das suas áreas de atuação, criaram a Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, em 25/08/1898, e dedicaram suas vidas ao ensino, à assistência e à pesquisa.

Para dar fidelidade à breve história, há que trazer em cena os líderes maiores do positivismo e do Partido Republicano Rio-Grandense: Júlio de Castilhos e Antônio Augusto Borges de Medeiros. Na primeira Assembléia Constituinte, Dr. Protásio Alves foi eleito representante pelo Partido Republicano Rio-grandense, sendo um dos 43 signatários da Carta Magna do Estado de 1891, escrito por Júlio de Castilhos, fundamentada nos princípios da Doutrina Positivista de Augusto Comte. No artigo 71, parágrafo 5 da Carta estabelece: "Não são também admitidos no serviço do Estado os privilégios de diplomas escolásticos ou acadêmicos, quaisquer que sejam, sendo livre em seu território o exercício de todas as profissões de ordem moral, intelectual e industrial." E em dois de abril de1895 surge o Decreto nº 44, que regulamentou o preceito constitucional sobre os serviços de saúde do Estado, baixado pelo Diretor de Higiene Protásio Alves: *Aquele que quisesse exercer a medicina e seus ramos, farmácia, drogaria, obstetrícia, odontologia, devia requerer inscrição no Serviço de Higiene e obter seu registro mediante o pagamento de uma taxa.*

O preceito estabelecido na Constituição sobre liberdade profissional, ao contrário dos outros estados brasileiros, foi aplicado aqui também para as profissões na área da saúde, estabelecendo-se daí o início dos conflitos entre os governos positivistas e os médicos do Estado. Em setembro de 1892, liderados pelo médico e educador Rodrigo de Azambuja Villanova, fundou-se a Sociedade de Medicina de Porto Alegre. Dentre seus estatutos consta: luta incessante contra a liberdade profissional; Criação da Revista Médica, para divulgação dos conhecimentos médicos, luta da classe contra os charlatães e fundação de uma faculdade de medicina. Em 1894 surge a União Farmacêutica de Porto Alegre, como uma sociedade

de farmacêuticos, proprietários de farmácias e droguistas. Segundo seus estatutos, tinha como objetivo: a criação de um curso de farmácia e a luta contra a Liberdade Profissional. Em setembro de 1895, foi concretizado esse objetivo com a fundação da Escola Livre de Farmácia e Química Industrial. Primeiro Diretor Alfredo Leal. O governo estadual, representado por Júlio de Castilhos, cedeu duas salas e os aparelhos dos gabinetes de Física e Química da Escola Normal, situada na rua Duque de Caxias, esquina com Marechal Floriano Peixoto.

Em 1896, Protásio Alves, Dioclécio Pereira da Silva, Serapião Mariante, Carlos Nabuco e Sebastião Leão criam o primeiro Curso de Partos, na Santa Casa de Misericórdia.

Em 1897, Protásio Alves, Diretor do Curso de Partos e Alfredo Leal, Diretor da Faculdade de Farmácia e Química Industrial, se reúnem com o propósito de criarem uma Faculdade de Medicina. Vale ressaltar que os dois diretores são membros atuantes do Partido Republicano Rio-Grandense e Protásio Alves é Diretor de Higiene do Governo de Júlio de Castilhos. Nesse mesmo ano, Protásio Alves se reúne com os principais líderes da Sociedade de Medicina de Porto Alegre: Victor de Brito, Dioclécio Pereira, Serapião Mariante, Carlos Nabuco, Sebastião Leão, Olympio Olinto de Oliveira, Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, entre outros e daí retomam a ideia do Dr. Rodrigo de Azambuja Villanova de fundarem uma Faculdade de Medicina.

Na reunião conjunta entre médicos e a Congregação da Escola de Farmácia e Química Industrial, em 25 de julho de 1898, decidiu-se, por unanimidade, extinguir o Escola de Farmácia e em seu lugar, criar a Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre. A boa nova foi saudada pelos jornais, no dia 26 de julho de 1898 com a peculiar manchete: ***FOGOS DE BENGALA* SOBRE OS CÉUS DE PORTO ALEGRE.** A primeira diretoria teve a seguinte **c**omposição: Protásio Alves – Diretor, Alfredo Leal – Vice-Diretor, Sebastião Leão – Secretário.

Surge com a Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, a primeira **singularidade na relação** entre Medicina e Positivismo no Rio Grande do Sul, pois a maioria dos seus fundadores são membros atuantes do Partido Republicano Rio-Grandense, que deviam obediência à Carta de 1891. Na ocasião, Protásio Alves, ao invés de se dirigir ao seu chefe supremo, Presidente do Estado Antônio Augusto Borges de Medeiros, se dirige ao Ex-Presidente, Dr. Júlio de Castilhos, para lhe dar ciência da novidade.

Em 22 de agosto de 1898, Júlio de Castilhos envia sua carta, onde manifesta os deveres do Estado para as questões de ensino. *Cidadão Doutor Protásio. Com sincero júbilo patriótico recebi a vossa honrosa comunicação de que, em sessão conjunta das congregações da Escola e Farmácia e Curso de Partos, realizada em 25 de julho último, fora instalada a Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre. Por motivos ocasionais retardei involuntariamente esta resposta, que desde logo reputei obrigatória. À minha satisfação cívica, aliou-se legitimamente o justo desvanecimento que trouxeram as expressões generosas com que vossa nímia gentileza significou que o meu humilde nome "está a tudo que diz respeito ao progresso do Rio Grande do Sul." E relembrou a ação que coube exercer em favor da liberdade de ensino instituída neste glorioso berço das conquistas verdadeiramente republicanas. Agradecendo vivamente a obsequiosidade da vossa carta e as penhoradas deferências com que me distinguistes em nome também dos nossos companheiros, permiti*

que vos pondere, ilustre cidadão, que a fundação da Escola de Medicina e Farmácia não é somente "mais uma vitória do ensino livre," segundo o vosso dizer. Mas constitui, sobretudo, a mais irrefragável ratificação de um dos eminentes e substanciosos princípios em que esteou o código constitucional rio-grandense. Autor do projeto que mais tarde, com algumas modificações de detalhes, foi votado pela Assembléia Constituinte do Rio Grande do Sul, da qual dignamente fizeste parte, não me julgo incompetente para asseverar que, entre as verdades superiores em que se moldou a nossa Constituição, salienta-se a que concerne à completa separação do poder temporal do poder espiritual, separação cujo eficiência prática torna-se necessidade cada vez mais imperiosa...

Outra singular relação entre Medicina e Positivismo surge no dia 27 de setembro de 1898 quando, na despedida da Presidência da Sociedade de Medicina de Porto Alegre Olympio Olinto de Oliveira fez um inflamado pronunciamento contra a influência do Positivismo na educação brasileira e na Medicina do Estado. Parte do discurso publicado pelo Jornal Correio do Povo, dá início a uma série de debates publicados pela Federação, jornal do Governo Positivista e pelo Correio do Povo, jornal de oposição. Na edição do dia 29 de setembro de 1898, o Correio do Povo publica parte do discurso do dia anterior. *Realizou-se anteontem a sessão de posse da nova diretoria da Sociedade de Medicina. O presidente da diretoria, que findava seu mandato, nosso distinto amigo e colaborador Doutor Olympio Olinto de Oliveira, leu um brilhante discurso ao qual foram dispensados unânimes aplausos da assembléia. O orador, depois de largas considerações sobre a marcha da Sociedade, durante seus seis anos de existência, abordou, com real vantagem e competência, a questão das teorias positivistas do ensino no país. Depois de salientar que o Brasil oferece o exemplo do único país do mundo em que as doutrinas positivistas conseguiram dominar a esfera política, profligou com veemência a tendência que parece aqui se manifestar, de pouco tempo a esta parte, de subordinar a essas teorias, aos dogmas da escola de Comte, o ensino da Medicina no Rio Grande. O orador provou que o positivismo é a negação de todas as conquistas realizadas pela ciência médica moderna, porquanto, para essa escola filosófica, todas as belas aquisições que constituem a grandeza da ciência médica contemporânea não passam de verdadeiras ficções, de fantasias nascidas nos laboratórios dos modernos sábios da Medicina. Assim, no entender do Dr. Olinto, não se pode compreender o verdadeiro médico, o verdadeiro clínico, filiado a tal doutrina. E, depois de longa série de considerações e de judiciosos conceitos sobre a incompatibilidade entre a medicina e o positivismo, o Doutor Olinto terminou afirmando o seu protesto contra essa subordinação do ensino às Doutrinas de Comte.*

A resposta do jornal Federação ao discurso de Olynto Olinto de Oliveira, do dia 19 de outubro de 1898 tem o seguinte teor. *Não conhecemos a íntegra do discurso do Doutor Olympio Olinto de Oliveira. Temos presente apenas o extrato publicado em um diário desta cidade, ao qual presta ele a sua ostensiva e assídua colaboração. O nosso juízo é, pois, calcado sobre o aludido extrato que, aliás, reputamos fiel, visto não haver sido retificado. Feita uma leitura atenta, dois são os pontos suscetíveis de discussão: o que se refere às doutrinas de Augusto Comte e o que concerne à aplicação*

delas quanto às instituições políticas no Brasil e quanto ao ensino da Medicina no Rio Grande do Sul. Mas o equívoco porventura mais visível e insubsistente do nosso patrício consiste na sua vã afirmativa de que existe, no Estado, o intuito de subordinar às teorias de Augusto Comte, o ensino da Medicina. Há aí uma irrefletida desnaturação de fatos atuais e notórios, além do total desconhecimento do regime constitucional rio-grandense, cuja sólida estrutura repele desde logo a imputação imaginária de um grave defeito orgânico... Digno e prestimoso funcionário do Estado, de cujo governo recebeu um encargo honroso, atinente à sua especialidade técnica, o Doutor Olinto de Oliveira não imputará impertinente e extemporânea a atenciosa palavra da Federação, que se conserva alerta no sagrado posto da defesa intransigente do amplo regime republicano rio-grandense, de que sempre foi e será porta-voz infatigável...

E tudo se tornou ainda mais polêmico quando, no dia 20 de outubro de 1898, o Doutor Olympio Olinto de Oliveira volta a se manifestar pelo Correio do Povo, mantendo a polêmica pelos dois jornais durante semanas.

Serenados os ânimos, no dia 15 de março de 1899, dezoito alunos de Medicina, quarenta e um de Farmácia, três de Odontologia e cinco de Obstetrícia se apresentaram para registro de matrícula, nos seus respectivos cursos, na Secretaria da Faculdade. E, para satisfação dos lentes fundadores, dentre os alunos de Medicina se encontrava o ilustre cronista e escritor do Correio do povo, Mário Totta. O fato ganhava destaque sobre os demais colegas porque o acadêmico em questão, além de ser jornalista e escritor renomado, já havia cursado Engenharia e Farmácia.

Outras singulares relações. Um ano após o início da Faculdade, Júlio de Castilhos tira dinheiro do próprio bolso para a compra dos equipamentos do primeiro Laboratório de Análises Clínicas, que seria utilizado para o ensino e a pesquisa na Faculdade e no Departamento de Higiene do Estado. Nesse mesmo ano, Protásio Alves, como Diretor do Departamento de Higiene do Estado, determina a vacinação compulsória da população contra a varíola. Mas o grupo apostolado positivista se manifesta contra, em campanha pela imprensa, com argumentos que vinham sendo usados em outros locais do País e do estrangeiro: *As crianças vacinadas apresentariam feições de boi. Tumores surgiriam em suas cabeças, indicando os locais dos chifres. Toda a fisionomia, com o passar dos anos se transformaria, pouco a pouco, em fisionomia de vaca, e a voz em mugido de touro.*

Primeira formatura. No dia 20 de dezembro de 1904, no Palácio da Intendência Municipal, situado na Praça XV de Novembro, realiza-se a primeira formatura de 11 médicos, 12 dentistas e 6 farmacêuticos, contando com a presença das seguintes autoridades: Diretor Protásio Alves, Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, Intendente Municipal, Dr. José Montaury, e os paraninfos dos respectivos cursos, sendo o da Medicina Dr. Olympio Olinto de Oliveira

E surge mais um conflito, em dezembro de 1906,quando a banca examinadora reprova a tese de doutoramento de Eduardo Barcellos. Os alunos da Faculdade se rebelam, organizam passeatas pela Rua da Praia, fazem manifestos pelos jornais e por volantes. A Congregação suspende os alunos por um ano. Em 1907, Presidente Afonso Pena anula a deliberação da Congregação e manda reabrir as aulas. A Congregação acata suas ordens e Borges de Medeiros fica indignado com a submissão da Faculdade a um órgão do Governo Federal e

dá um ultimato ao professores da Faculdade que fazem parte do Partido Republicano Rio-Grandense: "Os verdadeiros republicanos não podem servir a dois senhores: ficam com o Partido ou com a Faculdade." Protásio Alves e mais 10 professores deixam a Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre. Mesmo assim, Borges de Medeiros ameaça criar outra faculdade de medicina para combater os inimigos políticos.

Com a posse do médico Carlos Barbosa Gonçalves no Governo do Estado, em 25 de janeiro de 1908, os conflitos diminuíram. Muito contribuiu, para tanto, a relação harmônica da nova Diretoria da Faculdade, formada por Serapião Mariante e Sarmento Leite, que havia assumido os cargos de diretor e de vice-diretor em abril de 1907. Entre 1907 e 1912, sob a direção de Serapião Mariante e Olympio Olinto de Oliveira, com a ajuda do Presidente do Estado Carlos Barbosa, terminam o Instituto Anatômico e montam o Instituto Pasteur e o Instituto Oswaldo Cruz. Os pacientes atacados por cães raivosos não precisavam mais se deslocar até Rio de Janeiro a procura de tratamento: o soro antirrábico passa a ser produzido no Laboratório Pasteur de Porto Alegre.

Entre 1915 e 1924, mesmo enfrentando todas as dificuldades da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Diretor Eduardo Sarmento Leite da Fonseca constroi o magnífico prédio da Faculdade na antiga Várzea, em terreno que fora doado pelo governador Carlos Barbosa. Ressalta-se que o novo prédio sempre contou com recursos da comunidade e do Governo do Estado.

Novo conflito. Durante o 9º Congresso Brasileiro de Medicina, realizado no novo prédio da Faculdade, em 1926, encontrava-se presente a maior autoridade médica brasileira: Miguel Couto. Na ocasião. O Dr. Francisco Simões Lopes, ao tentar ler seu trabalho que comparava as constituições de cada estado, para mostrar que o único que mantinha a liberdade profissional era o nosso, foi retirado à força pela guarda do Borges de Medeiros. Livre das amarras da guarda, ele fez seu pronunciamento na escadaria do prédio, sendo, a seguir, carregado nos ombros dos alunos.

Com a posse de Getúlio Vargas ao Governo do RS, em 25 de janeiro de 1928, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina, inicia novo relacionamento com o Governo do Estado. O exercício da Medicina e profissões afins apenas foi regulamentado, por decreto do Governo Provisório da República em 1932, mas sua implementação, por enfrentar inúmeras dificuldades devidas aos direitos adquiridos pelos chamados práticos licenciados, entrou em vigor em 1938, quando da reorganização dos Serviços Sanitários do Estado.

BIBLIOGRAFIA

1. Jornal Correio do Povo, 189
2. Jornal a Federação, 1898
3. Campos, M. do C.; Alves D´Azevedo,M. G. Protásio Alves e o seu tempo.: Já Editores. Porto Alegre, 2006
4. Letti, N. Consulta ao seu acervo particular e informações pessoais.
5. Maciel, R. Um médico pouco lembrado. *In* Fogos de Bengala nos céus de Porto Alegre. A Faculdade de Medicina faz 100 anos. Fundo Editorial BYK. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.
6. Rigatto, M. Fogos de Bengala nos céus de Porto Alegre . A Faculdade de Medicina faz 100 anos. Fundo Editorial BYK. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.
7. Viana, G. Olimto de Oliveira. Edição da. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1945.
8. Teixeira. Weber, B. As artes de curar. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense — 1889-1928. EDUSC e editora UFSM, Santa Maria, 1999.

HUMANISMO E TECNOLOGIA MÉDICA NA PÓS-MODERNIDADE

José Mário de Carvalho
Professor aposentado do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

"A linguagem é a casa do ser.
Nesta habitação do ser mora o homem."
Martin Heidegger,
(Carta sobre o Humanismo)

A pós-modernidade tem seus limites cronológicos mal definidos ao contrário de sua importância como movimento cultural da história contemporânea ocidental (1). Ele abalou a crença nas virtudes do progresso, da razão e do homem melhor do futuro. O discurso da razão ocidental que parecia intocável passou a ser criticado por importantes filósofos do século vinte: Jean–François Lyotard, Richard Rorty, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jürgen Habermas entre outros. Os alicerces da filosofia foram buscados e nada foi encontrado a não ser os elementos de sua história. "O mundo verdadeiro terminou por tornar-se uma fábula", dissera Nietsche e os filósofos pós-modernos constataram o quanto são violentos os sistemas que se supõem verdadeiros e definitivos, inclusive o da pretensão da prevalência do real. Slavoj Zizek chamou-o deserto do real. Gianni Vattimo em "A Tentação do Realismo" (2) diz que depois da frase de Nietsche "Não existem fatos, somente interpretações" o niilismo, isto é a perda dos fundamentos, e a hermenêutica se tornaram sinônimos e a interpretação se transformou num evento dialógico no qual os interlocutores estão colocados em igualdade de condições e dele saem todos modificados, de acordo com os pressupostos da "Teoria da Ação Comunicativa" de Habermas (3).

A pós-modernidade não é apenas uma controvérsia entre realistas e idealistas, entre os que crêem e os que não crêem em uma realidade sem sujeito, nem é produto de um multiculturalismo cuja resultante seria o "tudo é relativo". Muito mais do que isso, o que ela constatou foi a mudança do estatuto do saber que deixou de ser exclusividade da formação (Bildung) espiritual do individuo desde tenra idade para tornar-se um cidadão. Os pensadores da pós-modernidade de nada mais fazem do que um grande esforço para compreender a experiência humana. Eles recusam uma solução apenas pela razão, pois não somos plenamente compreensíveis para nós mesmos. A existência supera em muito a consciência. Aquilo que nos surpreende não encontra resposta só no intelectual. O objetivo se confunde com o subjetivo. Um novo diálogo é preciso. O saber passa também a ser a principal força de produção ligada ao poder econômico e político. Na sociedade pós-industrial que é ao mesmo tempo mais democrática e mais tolerante, ele se apóia na discutível "lógica do melhor desempenho" conduzida pelos "decisores", para Michel Foucault os capilares do poder, isto é,

as últimas instâncias em que o poder se alicerça (dirigentes de empresas, altos funcionários, presidentes de entidades profissionais, sindicais, políticas, confessionais) que criaram estruturas e projetos autoritários camuflados, por expressões democraticamente sedutoras como governanças corporativas, programas de qualidade total. A nomenclatura também mudou na área médica, muitas denominações do passado que tinham alguma conotação humanitária ou de fraternidade como hospital de caridade, hospital de beneficência, irmandade de misericórdia, santa casa, filantropia foram substituídas pelos novos gestores da saúde por expressões da administração de resultados extraídas do dicionário economês, pouco afins com benemerência.

Descartes, ao voltar-se para dentro de si mesmo, desprezou todas as crenças e foi buscar a verdade em sua própria subjetividade. Ele inaugura a consciência crítica e a filosofia moderna surge então como a filosofia do sujeito, um humanismo, um antropocentrismo, uma visão do mundo que coloca o homem – e não o cosmos ou a divindade – no centro de tudo. Marx. por outro lado, acreditava que era mudando a sociedade, onde o homem encontraria a satisfação de todas as suas necessidades naturais para subsistir, que ele se tornaria um humanista. Ele pretendia que os filósofos deixassem de contemplar o mundo e tratassem de mudá-lo. Sartre também pretendeu que o Existencialismo fosse um humanismo. Também o Cristianismo é um humanismo em que tudo se ordena à salvação da alma e a história da humanidade se enquadra na historia da salvação, segundo sua doutrina. Em Carta sobre o Humanismo, Heidegger (4), diz que na época da República Romana *humanitas* foi pela primeira vez pensada, em que *homo humanus* se contrapôs a *homo barbarus*. O *homo humanus* é o romano que eleva e enobrece a *virtus* romana através da incorporação da Paidéia, a cultura a partir da educação, herdada dos gregos helenistas. A Paidéia assim entendida é substituída pela *humanitas*. A romanidade propriamente dita do *homo romanus* consiste em tal *humanitas*. É um fenômeno especificamente romano. O *homo romanus* do Renascimento está numa franca oposição com o *homo barbarus* numa referência a barbárie da escolástica gótica da Idade Média. É assim que encontramos em Roma, o primeiro humanismo. O mesmo movimento de pensamento pode ser observado no humanismo do século XVIII, sustentado por Goethe e Schiller. "Humanismo é isto, diz Heidegger, meditar e cuidar para que o homem seja humano e não desumano". Um empenho para retirar o ser humano da barbárie. Todos os que estavam fora dos muros da Grécia antiga eram considerados bárbaros, pelos gregos. Heidegger, diz que a "substância do homem é sua existência" e a essência um modo de ser. Ele introduziu em filosofia o termo "desconstrução" com intenção de revelar o que não foi pensado na metafísica ocidental, o que fez do logos um absoluto. Derrida depois ampliaria a identificação das contradições e ambivalências no seio da filosofia.

Bruno Latour (5), filósofo e etnólogo, nascido em 1947 fez em l979 uma entrada brilhante no campo da sociologia da ciência pintando um quadro bem distante das exigências de racionalidade e de objetividade que a epistemologia atribui ao método científico. Ele chamou o método do microbiologista Louis Pasteur como essencialmente uma arte consumada da argumentação polêmica. Em um simpósio sobre estudos científicos ele foi surpreendido pela pergunta "O senhor acredita na realidade?" Depois de se recompor do choque da pergunta voltou seus olhos para a polêmica que já estava em curso entre cientistas e filósofos desde que o físico Werner Heisenberg levantou as questões sobre o comportamento das partículas subatômicas que ora

são corpúsculos ora são ondas (6). "O real existe?" todos passaram a se perguntar. Slavoj Zizek escreveu um texto: "Bem vindos ao deserto do real" (7). Hilary Putnam (8), Professor Emérito de Filosofia da Ciência, Matemática e Lógica de Harvard foi mais incisivo em seu construtivismo sofisticado: "A mente e o mundo constroem juntos a mente e o mundo".

A retórica do humanismo e posteriormente a do progresso cientifico a partir do iluminismo vieram para civilizar o homem, mas fracassaram. Constatamos que enquanto existirem opressores e oprimidos e seres humanos morrendo de fome haverá evidencias desse fracasso. A utopia humanista de mudar a sociedade para buscar um mundo de completa irmandade e felicidade continua como uma utopia. Seria preciso mudar a própria natureza humana. A possibilidade de outro mundo feliz continua muito distante. Todo o progresso da tecnociência nos últimos duzentos anos fez menos para servir o homem do que para dominá-lo e para o esquecimento do ser, um conceito heideggeriano, um dos aspectos dramáticos da crença desmedida no progresso da Ciência e na Tecnologia. O esquecimento do ser acarretou consigo o esquecimento do homem, o risco que já vivemos de olvidarmos o humano do homem. João Paulo II (9, pg. 120) diz que "o olvido do ser implica inevitavelmente a perda de contato com a verdade"e "com a dignidade do homem e que uma certa mentalidade positivista continua defendendo a ilusão de que, graças ás conquistas científicas e técnicas, o homem como se fosse um demiurgo, poderá chegar por si mesmo a garantir o domínio total de seu destino".

Nas ultimas décadas, o extraordinário progresso técnico-científico que invadiu a prática clinica abalou o ideário humanista do médico. As certezas do método científico aplicado a medicina trouxeram uma confiança que encurtou muito nosso tempo de escuta do paciente e nossa intimidade com seus males. Um bom interrogatório e detido exame clinico foram substituídos, às vezes apressadamente, pela solicitação de exames confiáveis, tecnologicamente sofisticados e não raro lembrados pelos próprios pacientes freqüentadores da Internet. Nesse período a reação no ensino médico foi enfatizar o humanismo que sempre caracterizou nossa relação médico-paciente. Mas ele ficou excessivamente focado apenas nessa relação. Acaso contribuímos de algum modo para ampliá-lo a outras áreas do convívio social? O medo e as nuvens de barbárie que ainda pairam no horizonte podem ter sido em parte pela falha de nosso humanismo limitado, de nossa fraternidade não ter sido amplamente expandida. O adjetivo médico acrescido a humanismo foi um fator reducionista. Deveríamos ter levado o humanismo para além das fronteiras da medicina. Eis aí uma das mudanças que não fizemos. Um convívio social ligado apenas a disputa igualdade versus liberdade nos fez esquecer a fraternidade. Nosso peculiar humanismo nunca passou de um "evangelho da tolerância de condomínio fechado", na expressão de Vladimir Safatle (10). Essa atitude limitadora pode ter se constituído numa doença do humanismo. Nesse sentido o humanismo falhou. E o Iluminismo?

"O que é o Iluminismo afinal?" perguntou o pastor Johann Zoellner a Emmanuel Kant. "Sapere aude" respondeu o filósofo, ousar saber. A Florença renascentista dos séculos XIV e XV viu nascer o iluminismo e tentou reviver na Piazza della Signoria a discussão pública entre os cidadãos como na *polis* grega. Em ambas as cidades, a existência da relação senhor escravo impediu a ampliação do espaço público do diálogo e ao longo dos séculos aumentou a exclusão de amplos setores sociais da esfera das decisões, dificultando a completude dos ideais iluministas e humanistas de libertação do homem.

Em 1998 Bruno Latour escreveu um artigo especial para a Folha de São Paulo, por acreditar na posição privilegiada dos brasileiros que cultuam tanto a cultura norte-americana quanto a francesa, para expor sua opinião sobre aquilo que o norte americano chama "a guerra das ciências": um bando de obscurantistas chamados "pós-modernos" tinha tomado de assalto a universidade e solapava as bases da civilização ao negar que se possa atingir verdades universais sem os vestígios da fabricação humana. Da perspectiva dos epistemologistas, parece inevitável que o vínculo entre as culturas e a ciência apareça como uma ameaça. Muitas destas pessoas acreditaram que quanto mais ciência houvesse mais acordo haveria, mas a religião da ciência acabou depois de Auguste Comte. Bruno Latour encerra seu artigo dizendo "sob a aparência de uma disputa universitária de pouca importância dissimula-se, na verdade, um debate maior para a história da modernização (11).

Vivemos hoje em nossas cidades como aquela guarnição militar da fortaleza situada nos limites do Deserto dos Tártaros, de Dino Buzatti (12): cada nuvem de poeira no horizonte era vista com alarme como inicio do ataque sempre esperado dos bárbaros. Só o tempo mostrou que o ataque nunca viria de fora e que poderia estar incubado dentro dos muros. Fomos nós os civilizados que construímos os muros e designamos bárbaros os outros. Deveríamos abrir um diálogo, mas cada vez mais procuramos acreditar que quem está extramuros, o marginal, o bárbaro, o extremista, o fanático religioso e o fundamentalista não falam a nossa língua. O diálogo é impossível. Esta é apenas uma metáfora. Os bárbaros também estão entre nós, dentro dos muros.

Nossa era se caracteriza pelo individualismo extremado que leva à fadiga de ser si mesmo, na expressão de Ernildo Stein e às doenças da alma. A palavra chave é desconstrução, a busca das diferenças. As instituições, as crenças, as ideologias, a história, o eu e a própria realidade são colocados sob a visão de novos conceitos. Antigos valores são trocados por novos. A medicina atual não escapou dessa metamorfose. Humanismo médico se restringiu ao duo médico e paciente e limitou a fraternidade universal do convívio social. A tecnologia e a ciência fizeram o homem olvidar o humano que deveria predominar em si. Ainda estamos sob o signo das tragédias gregas. Édipo é nosso conviva na morada do ser. Nesta sociedade de riscos, temos medo de estendermos a mão para o outro que está além dos muros de nossos condomínios e enfrentarmos uma tragédia como a de Medéia, a estrangeira, bárbara, que casou com o herói grego Jasão e que, num ímpeto de fúria, destruiu sua prole para se vingar do esposo que a desprezara pela filha do rei Creonte.

BIBLIOGRAFIA

1. LYOTARD, J.F. – A Condição Pósmoderna. 5ªed. Rio de Janeiro: Editor José Olympio, 1998
2. VATTIMO, G. – A Tentação do Realismo. 1ªed. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 2001
3. HABERMAS, J. – Teoria de La Accion Comunicativa, 1ªed. Madrid: Editora Taurus, 1981
4. HEIDEGGER, M. – Carta sobre o Humanismo. 4ªed. Lisboa: Guimarães Editores; 1987.
5. LATOUR, B. – Vida de Laboratório. 1ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Relume Dumará, , 1997
6. HEISENBERG, W. – A Parte e o Todo, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto; 1996
7. Zizek, S. – Bem-vindo ao Deserto o Real. 1ª Ed. São. Paulo: Boitempo Editorial; 2005
8. Borradori, G.– A Filosofia Americana. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP;1998
9. JOÃO PAULO II – Fides et Ratio, Carta Encíclica, São Paulo: Paulinas, 1998.
10. SAFATLE, V– Humanismo como Patologia. Cult. 2010; 152:26
11. LATOUR, B. – Guerra das Ciências.Caderno Mais. Folha de S,Paulo,15.11.1998.
12. BUSATI, D. – Deserto dos Tártaros. 1ª Ed Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira; 1984.

HUMANISMO NA PRÁTICA MÉDICA

Carlos Oswaldo Degrazia

Professor de Patologia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Histologia e Embriologia na Faculdade de Medicina de Rio Grande (fundador). Professor de Histologia, Embriologia e Patologia na Faculdade de Medicina de Santa Maria (fundador). Professor de Histologia Bucodentária na Faculdade de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (fundador). Escritor.

Se nem tudo que é humano é humanista, onde reside a diferença?
Manuel Lauriano

Se vivemos numa época definida pelo desenvolvimento técnico, como nos mostra J. Ribeiro da Silva (1), no artigo A Humanização e a Técnica na Oftalmologia Contemporânea publicado pela Revista Brasileira de Oftalmologia, sua caracterização seria *época do paradigma tecnológico*.

Lauriano (2), em seu criterioso artigo publicado no Jornal Mente e Corpo, elenca uma série de vícios e defeitos da criatura humana que não poderiam se enquadrar no conceito de humanismo, e faz a pergunta que colocamos na epígrafe.

A resposta obriga a uma série de consultas sobre significados, cuidando para não se cair no *conceitualismo,* neologismo que insere na palavra *conceitual* o sufixo *ismo*, presente, também, em humanismo. Este sufixo tem origem grega (3) em *μός,* que passou para o latim como *ismus,* modificando o vocábulo, e indicando um determinado tipo de generalização. Relaciona-se com os valores de um grupo social, religioso, político, etc..., como *cristianismo, comunismo*. Pode pertencer à origem, como na formação da linguagem que incorpora palavras estrangeiras, *neologismo*. Em medicina designa doenças, como *hipotireoidismo, reumatismo*. Escolas filosóficas , *iluminismo*. E várias outras acepções.

Devemos entender os valores como todas as regras de condutas que levam a humanidade para um contínuo progresso moral e espiritual. Recebemos estes valores em casa, na escola, no relacionamento com os amigos, e em nosso ambiente social. Nosso condicionamento hereditário, genético, influi de tal maneira que instintivamente somos levados a escolher o bem em nosso proceder diário.

Sob o ponto de vista antropomórfico, cada época é caracterizada pela atitude humana perante o mundo. O século dezoito foi *a era de Robinson Crusoé, Jean Jacques Rousseau, dos parques ingleses e da poesia pastoril*. Com o passar do tempo um turbilhão de fatos novos apareceu, obrigando a novos posicionamentos, e questionamentos. O materialismo, que hoje recrudesceu pelas conquistas da ciência, propunha que só o que é útil para o progresso deveria ser levado em conta, o que determinou um choque com os espiritualistas,

que denunciavam a maneira de ver o homem sem alma.

Essas idéias, incluindo a frase colocada em itálico, encontram-se num livro *sui generis*, que tem o mesmo significado do livro de Lamarck, *Philosophie Zoologique, ou Exposition des Considerations Relatives a L´Histoire Naturelle des Animaux,* que foi o atestado de nascimento do evolucionismo, publicado em 1809, ano do nascimento de Darwin. Da mesma forma, o livro de Oswald Spengler (1880 –1936) (4), *Der Mensch und die Technik* (O Homem e a Técnica), publicado em 1931, é o documento que marca o pensamento filosófico relativo à influência da máquina sobre os homens e às consequências em seu destino.

São inúmeras as situações resultantes do encontro do médico e seu paciente, e as indicações terapêuticas ou cirúrgicas, muitas vezes urgentes, variam de caso para caso, tornando difícil a escolha de uma regra humanística. O ato decisório é tomado, muitas vezes, de maneira imediata. É possível que na evolução de nosso cérebro incorporem-se, também as idéias. É assim que Mikel Dufrenne (1910 – 1995), (Cit. por Ricoeur 5), filósofo e esteticista francês afirma que há uma memória virtual, atemporal, da humanidade, e *que seria como o eco do mundo na medida em que surjo nele.*

A compreensão da alteridade, isto é o outro, é fundamental para o relacionamento, pois o humanismo refere-se a mim, que trato do outro. O humano com seu lado trágico, vícios e corrupções, refere-se a mim mesmo e não ao outro, que está sendo tratado; nós, médicos, é que devemos tomar cuidado da dualidade animal-humano de que nos fala Marcello Blaya Perez (9).Quantas vezes o médico sentou-se ao lado de pobres infelizes, e quantas atravessou trincheiras para levar alivio ao inimigo ferido! Há tempos a filosofia positiva propunha a máxima *viver para o outro*, e as religiões cristãs cultuavam o mandamento novo *amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei.* É assim que o outro, não devemos esquecer, transforma-se num "eu", existindo tantos "eu" quanto homens.

Ao lado destas importantes fontes de construção do homem humanista, há outras que nos acompanham desde o primário, seguindo a nos educar nos cursos superiores. São os mestres cujos nomes devem ser evocados com respeito. O fato de citarmos alguns, não significa que outros não tenham contribuído com seu caráter para a formação de nosso progresso moral. Quantas figuras pontificaram no Rio Grande do Sul! Armando Pereira Correia da Câmara (1898 —1975) foi um professor da Faculdade de Direito da UFRGS, filósofo cristão e político brasileiro, que fascinava os estudantes com as preleções sobre os valores do homem cristão; — abertas ao público universitário em geral e frequentadas também por estudantes de medicina. Carlos Candal dos Santos com grande cultura de orientação positivista, que em suas aulas repetia com frequência a frase: *devemos ser altruísta, pelo menos por egoísmo*, pois ajudando os outros certamente teríamos um bom retorno; Nicanor Letti (6) lembra que o professor Candal, na direção da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), preocupou-se com os arquivos históricos da Faculdade, e, acrescento, também dos antigos aparelhos, dando oportunidade para a criação de um excelente museu histórico, hoje com destino incerto. Letti, ressaltando o humanismo do professor, define-se a si mesmo com as palavras: *Minha missão é contribuir para a evolução do ser humano quanto à sua capacidade de relacionamento, interação e compreensão mútua de modo a ajudar a construir*

um mundo cada vez melhor e inclusivo onde todos possam desfrutar com mais saúde, dignidade e bem estar. Exemplos de humanismo, dele e do mestre que descreve. Antonio Saint Pastous de Freitas, Reitor da Universidade e Diretor da Faculdade, professor de Clínica Médica, deixou seu nome marcado, por exemplo, na Fundação Saint Pastous dedicada a estudos e pesquisas em Radiologia. José Zarif, advogado, lembra sobre ele as palavras de Assis Chateaubriand que definiu Saint Pastous como *um evangelista, poeta e agricultor do nosso tempo, de visão social, forrado de uma cultura científica e humanística tão autêntica que, longe de levá-la a isolar-se, integra-o na melhor linhagem dos amantes da vida e dos reformadores sociais*.

É oportuno salientar a admirável contribuição de Nicanor Letti à História da Medicina. Em seu *site* há biografias de médicos gaúchos, professores de medicina, e figuras importantes da medicina mundial. Nele consta o discurso que Rubens Maciel pronunciou, quando estudante, no funeral de Sarmento Leite.

Peço aos leitores que olhem o primeiro número da Revista da Associação Médica do Rio Grande do Sul em que vicejam personalidades marcantes de nossa cultura médica humanística. Faço referência a um deles, Rubens Maciel, sobre o qual Tania Franco Carvalhal (8) assim se expressa: *A vasta cultura humanística e a profundidade dos conhecimentos científicos do professor Rubens Maciel, aliados a sua facilidade de expressão, confirmariam uma personalidade ímpar que é sem dúvida a de um dos maiores nomes da medicina gaucha e brasileira.*

No livro constam diversas opiniões sobre o renomado mestre, e Carlos Antônio Mascia Gottschall diz: *Rubens Maciel, como Sócrates,colocou a virtude antes do saber — e sabia muito — escreveu bem menos do que falou mas transmitiu conhecimentos e percepções que ilustraram e deliciaram todos os seus discípulos.*

Estes são exemplos de figuras humanas que colhi no vasto cenário rio-grandense, onde surgiram Faculdades de Medicina resultado da abnegação e do esforço de pessoas altruístas.

Deparo-me com as Faculdades de Medicina de Pelotas e Rio Grande. Nelas lecionou um professor de nacionalidade italiana, autor de um livro também de boa leitura *Vida de Médico, Vida Minha*. Seu nome Giovanni Baruffa (10), conhecido como "O HOMEM DOS TRÊS SIM", pois convidado para missões médicas na África nunca recusou. Ele admitiu "UM QUARTO SIM", quando aceitou vir para o Brasil lecionar na Faculdade de Medicina de Pelotas, recém-iniciada por D. Antônio Zattera. Possuidor de largo conhecimento teórico e prático sobre Doenças Tropicais e Antropologia, em seu livro mostra, ao estudante de medicina e ao médico recém formado, em que consiste o humanismo na prática médica. Valendo-se de um provérbio latino que definia o médico: *Vir probus sanandi peritus* (homem probo perito na arte de curar), seleciona dois fulcros principais: a palavra *probidade* e a locução *perícia profissional,* a primeira definida no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, editado pela Academia Brasileira de Letras, da seguinte forma: Integridade de caráter, retidão, honestidade.

O humanismo, da mesma forma, deve ser fomentado nas instituições, públicas ou privadas, que envolvem o médico em várias modalidades. Elas podem exercer coerção interferindo na atividade do profissional, mas também, elas próprias podem se transformar em instrumentos de desumanidade, no relacionamento com os pacientes.

BIBLIOGRAFIA

1. RIBEIRO DA SILVA, J. A Humanização e a Técnica na Oftalmologia Contemporânea. – Revista Brasileira de Oftalmologia, Vol. XLIV – nº 5 – 30, 31– Outubro de 1985).
2. LAURIANO, M. Sobre o Humanismo e o Humano – Jornal Mente e Corpo, ANO V Nº 30 JUNHO 2007.
3. GIANASTACIO, V – O SUFIXO –*ISMO* NA HISTÓRIA DAS GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA E SUA PRODUTIVIDADE A PARTIR DO DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA ANTÔNIO HOUAISS. Internete (Google). http://www.usp.br/gmhp/publ/GiaA1.pdf Acesso em 03/05/2011.
4. SPENGLER, O. O Homem e a Técnica. Uma Contribuição à Filosofia da Vida. Edições MERIDIANO. Porto Alegre, 1941.
5. RICOEUR, P. – A Região dos Filósofos. Ed. Loyola. São Paulo, 1996. Título original: La Contrée des Philosophes. Editions du Seuil, 1992.
6. LETTI, N. Procurar na web por Nicanor letti.
7. ZARIF, J. – Crônica publicada no jornal Gazeta de Alegrete, em jan/1992.
8. CARVALHAL, T. F. – Rubens Maciel. Editora da.UFRGS Porto Alegre, 2003.
9. PEREZ, M. B. – A dualidade animal-humano – Jornal Mente e Corpo. Ano VI. Nº 56 – Outubro 2009.
10. BARUFFA, G. – Vida de Médico – Vida Minha. Editora da Universidade Católica de Pelotas – EDUCAT. Pelotas – 2010.

PRIMEIROS MÉDICOS NO RIO GRANDE DO SUL

Blau Souza

Cirurgião Cardiovascular e Diretor do Instituto Médico Legal de Porto Alegre. Diretor e membro do Conselho de Representantes da AMRIGS. Assessor do SIMERS e conselheiro do CREMERS. Membro titular do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Academia Sul-Brasileira de Letras e da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Escritor.

De uma forma abrangente, separo em três fases os primórdios da atividade médica no território correspondente ao atual Rio Grande do Sul desde a descoberta da América. Na primeira, estão os indígenas com seus pajés, o mundo já existente; na segunda, os jesuítas e suas Missões e, na terceira, os portugueses com sua ação pertinaz. É claro que a divisão é didática e que de todas as fases ficaram influências, mas são inegáveis as hegemonias. Na separação entre elas, destaco acontecimentos históricos violentos que influíram sobre todas as coisas, inclusive a medicina. Guaranis, tapes, charruas, minuanos, guenoas, iarós, guaianases, chanás e outros foram mais absorvidos do que exterminados e sobrevivem na denominação de rios, montes, rincões, bem como nos costumes e nas feições de muitos contemporâneos. O fato dos indígenas aqui encontrados pelos brancos não serem tão desenvolvidos quanto os astecas ou os incas, não significa que eles deixassem de ter suas próprias culturas, das quais os mais importantes depositários eram os pajés, os xamãs. Seu poder, sua presumida intimidade com os deuses, asseguravam-lhes uma posição ímpar em todas as tribos, que, por sinal, muito guerreavam entre elas. Os caciques eram os melhores guerreiros e muito respeitados, mas o saber era mantido pelos pajés, conhecedores da natureza e que pretendiam assegurar saúde, alimentação, proteção contra agressões dos inimigos, das forças da natureza e do mundo sobrenatural. Rituais xamânicos, uso de ervas e produtos naturais asseguravam-lhes um poder que passava de pai para filho. O primeiro impacto da chegada do homem branco foi terrível para a população indígena, do ponto de vista médico. Fala-se que cerca de três quartos da população pereceu vitimada pela varíola, gripe e outras doenças contra as quais os índios não tinham imunidade. Eles morriam aos milhares, apesar dos esforços dos pajés. Isto foi aproveitado pelos jesuítas, no seu início, pois a sua medicina, o seu Deus, seriam mais poderosos ao assegurar saúde para os brancos, já imunes a grande parte dos males que trouxeram. Enquanto os indígenas lutavam contra guerreiros, venciam ou eram vencidos mas sobreviviam com sua cultura; contra os jesuítas era diferente, já que eles vinham para ficar e para modificá-los, sem luta. Era inevitável o choque entre os pajés com seus

rituais, amuletos, colares, chocalhos e os padres recém-chegados com seus crucifixos, relíquias, bênçãos e o sinal da cruz. Houve um choque decisivo entre os missionários e um expoente guarani dos pajés inconformados e que pregavam a destruição física dos jesuítas. Em 1628, Nheçu, acompanhado por alguns guerreiros, matou os padres Roque González e Afonso Rodriguez, no Caaró; dias depois, foi a vez de João de Castilhos, no Pirapó. Houve reação dos guaranis das Missões, que reuniram 1.500 homens e venceram os 500 guaranis comandados por Nheçu. Os inimigos dos missionários propiciaram o surgimento de santos martirizados para a religião católica e reforçaram laços de fidelidade dos indígenas para com os jesuítas, sobretudo entre os guaranis e os tapes guarinizados.

A região não foi mais a mesma a partir da ação dos jesuítas na América do Sul. Embora tenha havido um primeiro contato com os padres portugueses e no litoral, a grande ação se deu através de missionários falando espanhol e agindo a partir do Rio Uruguai, cuja margem esquerda também passaram a civilizar depois que abandonaram Guairá por força da ação dos bandeirantes. Embora buscassem a salvação das almas, os jesuítas tiveram de se preocupar também com o corpo dos indígenas. Tiveram de exercer a medicina e de assisti-los em todas as suas necessidades. Nas Constituições escritas pelo próprio Inácio de Loyola era vedado aos jesuítas o exercício da medicina, embora os noviços da Ordem estagiassem em hospitais para exercício da humildade e da caridade. Logo ficou provado que seria impossível se preocupar com o espiritual, sem cuidar dos corpos e das carências materiais das populações indígenas. As Ânuas são ricas em descrições como esta de 1610: "*es grande el número de los enfermos, de los quales dicen perece la mayor parte por falta de medicinas; además no se usa aqui la carne, ni el vacuno, por lo qual no hay nada de substancioso que pueda fortalecer los enfermos*". Não havia médicos e, pelo desempenho da medicina na Espanha da época, isso não era de lamentar muito. Os médicos ibéricos de então tinham uma formação puramente acadêmica de cinco anos e exerciam uma medicina que buscava a correção dos desequilíbrios entre os quatro humores clássicos da medicina medieval: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. Feito o diagnóstico, de qual humor estava desequilibrado, partia-se para a ação: sangrias, vomitivos, purgativos, emplastros, unguentos e poções. O próprio papa Gregório VIII, em 1576, autorizara aos jesuítas o exercício da medicina, indultando de possíveis culpas àqueles que, por caridade e na falta de médicos regulares, buscassem a cura dos corpos além da salvação das almas. E muito fizeram os jesuítas pela saúde dos indígenas. A ação iniciava pela escolha de locais salubres e providos de boa água para sediar as reduções. Alguns dos jesuítas tornaram-se hábeis sangradores e colocaram seus conhecimentos de farmacologia e das hortas dos mosteiros a serviço dos índios. Mas fizeram bem mais do que isso. Prosseguiram combatendo rituais e inconveniências dos pajés, mas absorveram seus conhecimentos a respeito da utilização de plantas para curar. Estudaram-nas e as aplicaram com observação cuidadosa de seus efeitos. Não foi por acaso, que o quinino passou a ser conhecido e usado em todo o mundo como o *pó dos jesuítas*, após absorver conhecimentos junto a indígenas do Peru. Aqui, a cultura da erva mate, por exemplo, foi de início combatida pelos padres mas se tornou importante agente medicamentoso, sobretudo

após os estudos do irmão Pedro Montenegro, antigo *enfermero* das Missões. Entre muitas afirmações, ele dizia: "*La yerba mate tiene las cualidades del te, a las cuales añade algunas suyas próprias"*. Destacava o uso da erva *"contra las camaras o diarrea, tomada con sal, contra la relajación general de los miembros ocasionada del calor y sudor, o contra insolaciones, si se toma la infusión en água fria...*". O padre Altamiro Santafesino organizou uma botica em Candelaria que fornecia medicamentos para todas as reduções e o padre Blas Gutierres, hábil nas sangrias, destacou-se agindo como médico. Mas, na verdade, os jesuítas atuaram mais amplamente através dos *enfermeros*, os *curuzuyás*, índios escolhidos e treinados pelos padres. Eles atuavam nas enfermarias e faziam visitas às famílias, quando descobriam doentes a tratar e ensinavam boas práticas para conservação da saúde. Com sensibilidade e pela aptidão dos indígenas para a música é fácil entender que tocadores de flauta e de outros instrumentos amenizassem a estada dos doentes nas enfermarias. Os jesuítas conseguiram nível de civilização apreciável e sem fome. Ninguém na Europa comia tanta carne quanto os missioneiros, que construíam igrejas, colégios, enfermarias, obras de arte. Tanto fizeram os padres jesuítas na América do Sul, que assustaram as cortes ibéricas. Espanha e Portugal reuniram seus soldados e esforços para acabar com as Missões e expulsar os inacianos de suas fronteiras. Em Caiboaté, no dia 10 de fevereiro de 1756, os indígenas foram massacrados pelas forças de Espanha e Portugal.

Pelos portugueses, a medicina só poderia iniciar em nosso meio através dos cirurgiões que acompanhavam os navios e as forças portuguesas. Afinal, o cirurgião era indispensável para reduzir fraturas, praticar amputações de membros e realizar curativos em ferimentos de combatentes. Sérgio da Costa Franco bem estudou o assunto e descobriu que Sebastião Gomes de Carvalho, o primeiro cirurgião a atuar no Rio Grande de São Pedro, foi nomeado pelo brigadeiro José da Silva Paes ainda a bordo da nau capitânia da frota que libertara a Colônia do Sacramento de cerco e que fundou o forte e a povoação de Jesus, Maria, José (Rio Grande) em janeiro de 1737. Era português de Santarém, batizou nove filhos quando morava em Rio Grande, transferiu-se para Viamão e Rio Pardo por ocasião da invasão espanhola e faleceu em 1783 em sua fazenda entre os rios dos Sinos e Caí. Foi o mais velho e o mais assíduo membro da Câmara em Viamão e dele ficaram muitos registros. Assim, em 1752, um açoriano que chegara ao Rio Grande requereu assistência médica para sua consorte, "gravemente molesta". Como o atendimento tinha de ser feito no hospital e não havia enfermagem para mulheres, o governador despachou solicitando informações ao licenciado Sebastião Gomes de Carvalho, que escreveu: "Dando cumprimento ao despacho de V. S. fiz ver a doente e a achei com uma queixa grave e de grande perigo, cuja é uma chaga interna na região do ventre e toda a dilação de remédio lhe causa grande prejuízo e por tempo pôr-se em termos de incurável e Vossa Senhoria mandará o que for servido". O governador, generoso e com poucos recursos, despachou: "O Dr. Provedor da Fazenda Real mande assistir à suplicante com galinha e botica". Eram poucos os cirurgiões e seu número só aumentou quando Gomes Freire veio para demarcar limites e enfrentar os índios, ou quando houve concentração de forças para retomar o Rio Grande dos espanhóis em 1776. Algumas características se repetiram entre os cirurgiões

aqui chegados: eram escolhidos para a câmara ou para cargos públicos como o de *almotacé da vila*, funcionário que cuidava dos pesos e medidas, bem como da qualidade do pão, das carnes e do peixe vendidos à população. Em diferentes ocasiões, propiciaram manifestação do ouvidor de Laguna a respeito de honorários, que chegaram a ser tabelados em 1781, e de outras questões. Tornaram-se proprietários de sesmarias e alguns procuraram produzir carne em conserva, algo muito desejado pelos portugueses em função das longas e demoradas viagens marítimas. Também era habitual que os cirurgiões tivessem muitos filhos e que alguns deles seguissem a profissão paterna. Assim, o filho do velho Sebastião, chamado Vicente Venceslau Gomes de Carvalho foi cirurgião em Rio Pardo por muito tempo e desenvolveu as *Tabelletas de Caldo*, enviadas para a corte por iniciativa do governador Veiga Cabral. Já no século XIX, um outro médico, o Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, estabeleceu indústria em Pedras Brancas para produzir *Extratum Carnis*. A indústria sobreviveu ao fundador, que ganhou prêmios internacionais e faleceu como *Cavaleiro do Hábito de Cristo.* Tais iniciativas foram anteriores ao Fleichextrakt de Liebig fabricado em Fray Bentos, na América espanhola. As relações dos cirurgiões com os membros da Câmara nem sempre foram boas e pioravam quando eles apresentavam *livranças*, concedidas pelo ouvidor de Laguna, e que os eximiam do desempenho de encargos públicos. Houve um cirurgião, carioca de nascimento, que foi considerado por Guilhermino César como um dos primeiros cronistas do Rio Grande do Sul. Seu nome? Francisco Ferreira de Souza, cirurgião-mor do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro e que participou da reconquista do território aos espanhóis em 1776. Falando da assistência que prestara aos espanhóis derrotados, disse que no dia 20 de abril, amputou quatro pernas, dois braços, além de reduzir sete fraturas em braços e pernas. Escrevendo na terceira pessoa, elogiava os resultados obtidos e o zelo com que se houvera nos atendimentos. Foi notável como cronista do Rio Grande, dos gaúchos precursores, de seus hábitos e costumes. Deixando de lado as referências pouco elogiosas às mulheres, transcrevo dois pequenos trechos do que ele escreveu: "...usam de um pano aberto pelo meio, a que chamam poncho, pela abertura metem a cabeça, e também lhe serve de cobertor ou chale". Preocupava-se com a educação, ou sua falta, e afirmava: "Os meninos logo de tenra idade aprendem a laçar cachorros, quando maiores terneiros, e quando homens, potros, potrancas, éguas, cavalos, quer domésticos quer xucros... A ler e escrever não se empregam, pois todo o destino é laçar, é arrear e bolear". Só em 1804, é que chegou ao Rio Grande o doutor Manuel Ribeiro de Miranda primeiro médico ou físico com formação acadêmica, e que ocupou o cargo de físico-mor do Rio Grande de São Pedro, criado em 1802, bem como o de juiz comissário do Proto-Medicato, organização criada em 1782 por Dona Maria I. Seu sucessor foi o doutor Júlio César Muzzi que chegou em 1809 e foi encarregado de fazer a primeira vacinação anti-variólica na Capitania, incumbência que só realizou em 1820. Seus relatórios permitiram saber que havia dois cirurgiões vacinadores em Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo; um cirurgião em Cachoeira, em Santo Antônio e nas povoações de fronteira. Para os Povos Missioneiros houve necessidade de nomear cirurgiões e aproveitar ajudantes de cirurgia como vacinadores volantes. Com a chegada da corte

ao Brasil e a criação de faculdades de medicina, o quadro se foi alterando. Passaram a existir mais médicos e com menos ligações castrenses. Apesar disso, por muito tempo, os curandeiros e charlatães continuaram a agir em todos os recantos do Rio Grande do Sul por força da invencível escassez de profissionais habilitados. Os progressos foram lentos, graduais e nem a independência do país em 1822 operou milagres na assistência médica da província distante...

BIBLIOGRAFIA

1. CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul – Período Colonial. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 2 ed. 1979.
2. CESAR, Guilhermino. Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul 1605 – 1801. Porto Alegre. Editora da URGS, 2 ed. 1981.
3. FLECK, Eliane C. D. Sobre martírios e curas: medicina e edificação nas reduções jesuítico-guaranis (século XVII). Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v.XXXI, n1, p 35-50, junho de 2005.
4. FRANCO, Sérgio da Costa. Os primórdios da medicina no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Revista do IHGRGS, n 138, ano 2003, p 153-162, outubro de 2003.
5. PORTO, Aurélio. História das Missões Orientais do Uruguai. Porto Alegre. Selbach, 1945, 2 v.
6. RABUSKE, Arthur, SJ. A carta magna das reduções jesuíticas guaranis. Estudos Leopoldenses. São Leopoldo, v 14, n 47, p 21-39, 1978.
7. SOUZA, Blau. Um cirurgião na reconquista. Os médicos e os concentrados de carne. Uma no cravo, outra na ferradura. Porto Alegre. AGE. 2004. p 25-26, 33-34.
8. XAVIER, Paulo J. Artigos para o Correio do Povo. Comunicação pessoal.

MÉDICOS ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL: MOBILIDADES GEOGRÁFICAS E ESPECIALIDADES

Leonor Baptista Schwartsmann

Médica Pediatria, especializada em Saúde Pública e Nutrição Materno-infantil. Mestre em História. Ex-professora do Departamento de Medicina Social da PUCRS e Ex-Diretora do Memorial do Rio Grande do Sul. Presidente da Associação Gaucha da História da Medicna

A mobilidade geográfica de médicos nacionais e estrangeiros foi elevada nas décadas iniciais do século XX. O Rio Grande do Sul presenciou a incorporação de um elevado número de médicos estrangeiros, em especial, os italianos. Esta mobilidade ocasionou um conjunto de transformações e de rupturas que precisam ser analisadas na pesquisa dos estudos migratórios, como também no estudo do desenvolvimento da Medicina nesta região.

No estudo do fenômeno imigratório, a presença do imigrante italiano é reconhecida pela importância econômica e cultural que representou. Núncia Constantino descreve o imigrante italiano como introdutor de tecnologias e de valores relativos ao trabalho que propiciaram a modernização das cidades brasileiras ao aportarem mentalidades e condutas, a partir de modelos citadinos trazidos da Itália.[1] Podemos considerar que médicos italianos foram agentes de mudança e contribuíram para o desenvolvimento da Medicina local ao aportarem novas tecnologias.

A avaliação da contribuição dos médicos italianos, as suas relações tanto no plano individual como no de grupo, e as ações tomadas na sua prática profissional são elementos que podem auxiliar na compreensão da história da medicina. Segundo Armus, diferentemente da história tradicional que esteve orientada a reconstruir biografias de médicos famosos ou daqueles que trouxeram contribuições para progressos científicos, a abordagem histórica atual do conhecimento médico deve considerar não só o contexto social, cultural e político nos quais médicos, instituições e tratamentos tiveram seu reconhecimento, mas, também, aqueles que foram relegados ao esquecimento.[2]

MÉDICOS ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL

Depois de São Paulo, o Rio Grande do Sul foi o Estado a receber o maior número de imigrantes médicos de origem italiana. Diferentemente das razões de imigração médica que ocorreram em São Paulo e do seu vínculo inicial com a expansão cafeeira[3], um fator que promoveu o interesse de médicos italianos pelo Rio Grande do Sul foi uma particularidade da legislação estadual no tocante à permissão de trabalho para profissionais estrangeiros. Apesar da determinação federal de obrigatoriedade de revalidação do título de médico

obtido no exterior, junto a uma escola médica nacional, o Estado apresentou peculiaridades ao pautar-se a esse respeito por sua própria Constituição Estadual de 1891 – essa previa, pois, o livre exercício profissional. Os médicos estrangeiros recebiam autorização para clinicar no Estado mediante registro à Diretoria de Higiene e Saúde Pública, mesmo sem a apresentação de diploma médico ou exames de qualificação, prática que perdurou até a década de 1930.[4]

Um exemplo da condição de inserção dos médicos estrangeiros pode ser observado na análise das inscrições na Diretoria de Higiene do período que abrange os relatórios de 1900 a 1906. Geraldo Mainardi (1996) observou que houve 300 solicitações para inscrições de médicos: destes 34 (11,3%) mostraram titulação de Medicina obtida em faculdades nacionais; 42 (14%) com titulação em universidades estrangeiras e 224 (74,6%), sem titulação.[5] Entretanto, não há informação nestes relatórios sobre a procedência dos médicos brasileiros formados em universidades estrangeiras. Cabe lembrar que um número razoável de médicos nacionais buscava formação no exterior.

O mesmo autor, no estudo a respeito dos 156 médicos italianos diplomados em faculdades italianas que se radicaram no Rio Grande do Sul, a partir de 1898, constatou que a maioria era de médicos recém-formados; além disso, um grande número desses não se radicou somente junto às florescentes comunidades ou aos núcleos de imigração italiana, eles também se integraram em outras comunidades. Entretanto, poucos foram os que se fixaram em Porto Alegre. [6]

É importante também referir que, na primeira década de 1900, os médicos que se instalavam em Caxias do Sul, região colonial italiana , em sua maioria, eram jovens e recém saídos das universidades italianas. Alguns retornavam à Itália; outros se dirigiam a centros maiores como Porto Alegre. As características do exercício local da Medicina em Caxias do Sul apresentam um número reduzido de profissionais médicos, uma alta rotatividade, além da curta permanência no lugar. Conforme relatos de antigos moradores desta cidade, as cirurgias praticadas pelos médicos italianos não atingiam bons resultados, quase todas supuravam em decorrência da assepsia precária. Para alguns médicos, a assepsia era considerada um mito, e a sua importância ainda era questionada.[7]

MOBILIDADES GEOGRÁFICAS E ESPECIALIZAÇÕES DOS MÉDICOS ITALIANOS

Uma fonte de pesquisa para observar as características da mobilidade destes médicos é o livro *Panteão médico Rio-grandense*.[8] Este livro foi escrito em 1943 com o intuito de informar e exaltar os médicos que trabalhavam no Rio Grande do Sul e que eram considerados componentes da elite médica gaúcha no que se referem as suas trajetórias sociais/profissionais. [9] Na leitura do livro, constata-se o elevado número de médicos estrangeiros que se radicaram no Rio Grande do Sul. Provavelmente não seja uma listagem definitiva dos médicos italianos em atuação no estado, no período considerado.

No capítulo intitulado *Registro biográfico ilustrado dos médicos do Rio Grande do Sul* há uma listagem dos médicos que atuavam no período no Rio Grande do Sul e que incluem a listagem de 25 médicos italianos. Nas entradas referentes às suas biografias, nota-se um destaque relacionado à descrição da formação médica. Há uma preocupação de listar os locais de formação escolar e universitária, de nomear as teses apresentadas para o douto-

ramento, que era o grau obtido na conclusão da faculdade de medicina, os trabalhos publicados na Itália, as especializações feitas neste país, em países da Europa e no Brasil. Nota-se que há a referência de 4 médicos em outras partes do livro.

Dos 25 médicos citados, 9 se formaram na Universidade Real de Nápoles, 4 em Genova, 4 em Pádua e 3 em Roma. Os outros se distribuíram pelas outras faculdades que incluíam Módena, Bologna, Messina, Parma e Palermo. Dois médicos obtiveram titulação médica em duas universidades Salvatore Mac Donald Caruso em Nápoles e Palermo, e Julio Motti em Parma e Bologna.

Nas informações relativas à formação médica, nota-se uma variada especialização. É importante salientar que o termo especialização ganhou sua justificação inicial e primária como forma de produção e de disseminação de conhecimento em vez de tipo de habilidade ou forma de prática durante o século XIX. Não havia, no entanto, uma distinção acentuada na medicina entre especialização como forma de conhecimento e especialização como prática; os dois modelos eram inseparáveis porque o ensino médico e a pesquisa aconteciam em instituições devotadas à prática clínica e não à pesquisa. O médico especialista, considerado como inovador, era frequentemente visto como mais competente para tratar casos difíceis. É importante salientar que existia um forte paralelismo no tempo do desenvolvimento e difusão das especialidades médicas tanto na Europa e nos Estados Unidos, o que pode ser explicado pela comunicação entre as elites médicas, através de contatos internacionais. [10]

A maioria dos médicos se declara especialista em cirurgia e clínica geral, o que segue as características da época. Há somente um médico declarado como tendo uma só especialidade, a oftalmologia. Todos os outros médicos possuíam duas ou mais especialidades. As informações relacionadas às especialidades incluíam clínica geral, cirurgia, urologia, doenças tropicais, doenças de pele, dermatologia associada com venerealogia, antropologia criminal, química biológica, moléstias de senhoras, ginecologia, partos, vias urinárias, medicina militar, radiologia, cirurgia infantil, pediatria, doenças hepáticas, obstetrícia.

Entre os que se especializaram no exterior, a preferência era pelas cidades de Paris, Berlim e Bruxelas. Paris foi o local escolhido por três médicos para especialização principalmente em doenças dermatológicas e venéreas. Entre estes, cita-se João Orestes Medaglia. Fez especialização em dermosifilografia e ginecologia em Paris, e cirurgia no Rio de Janeiro. Estabeleceu-se em Passo Fundo. É interessante observar a sua participação em sociedades de classe. Era membro da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul

Há uma ligação dos que se especializaram em Bruxelas com a disciplina de Medicina tropical. Dois médicos, Carotenuto e Motti fizeram esta especialização e trabalharam na África antes de virem para o Brasil. Motti esteve no antigo Congo Belga como funcionário do Ministério das Colônias, pelo período de dois anos. Carotenuto chefiou missão de combate da tripanosomiase na África Equatorial como encarregado do governo Belga. A formação deste médico é um exemplo de uma formação médica em várias áreas, tendo feito também cursos de especialização na França em urologia, obstetrícia, sífilis, doenças de pele, pediatria, cirurgia, tuberculose, clínica e doenças hepáticas, antropologia criminal e química biológica.

Berlim foi outra cidade de referência para especialização. Nesta cidade Vicente Marcos

Bornancini especializou-se em oftalmologia e Marco Finocchio, em clinica geral e cirurgia.

Conforme a listagem, havia quatro médicos que tiveram experiência prévia militar e alguns, também, em campo de batalha. João Vassali era tenente médico do exército italiano com especialização em medicina militar. No Rio Grande do Sul, tornou-se médico oficial da Brigada Militar do Estado e também exerceu na Santa Casa de Livramento. José Canessa foi oficial médico na Líbia e na 1ª Guerra Mundial. Serviu às forças revolucionárias em 1923, no Rio Grande do Sul. Dedicou-se a clínica médica e a cirurgía. Trabalhou em Garibaldi, Getulio Vargas e Erebango. Nesta última cidade fundou um hospital. João Vassali foi tenente médico do exército italiano.

Observa-se que médicos italianos estiveram presentes na fundação e/ou direção de hospitais. Seis médicos dirigiam estabelecimentos hospitalares em Bento Gonçalves, Erebango, Caxias, Farroupilha e Santa Maria. Dois destes médicos foram também seus fundadores.

Nota-se uma grande mobilidade destes médicos antes de se radicarem definitivamente no Rio Grande do Sul. Há passagens pela cidade do Rio de Janeiro, por São Paulo, onde havia importantes hospitais de origem italiana, e, também, por países vizinhos como o Uruguai. Dos médicos citados, antes de se estabelecerem no Rio Grande do Sul, Maffei trabalhou em São Paulo no Hospital Humberto 1º e depois se radicou em São Sepé. Biasotti atuou nos Hospitais Ermelindo Matarazzo e Humberto 1º de São Paulo, antes de se estabelecer em Mussum. Nicola Turi exerceu a medicina geral e a cirurgia no Hospital Italiano de Montevidéu. Mudou-se para Santa Maria onde foi Diretor da Casa de Saúde da Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul e trabalhava no Hospital de Caridade. Salvatore Mac Donald Caruso empregou-se na Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina em Santa Catarina, e depois atuou profissionalmente em Alfredo Chaves e José Bonifácio. José Canessa trabalhou em Garibaldi, Getúlio Vargas e Erebango. Pedro Turi iniciou sua prática médica em Pelotas. Exerceu a medicina após em Cruz alta, Porto Alegre e depois retornou definitivamente para Cruz Alta.

Há a informação de quatro médicos que foram incorporados a instituições públicas do Rio Grande do Sul: Paulo Rosito desempenhou as funções de delegado especial da Diretoria de Higiene em Getulio Vargas; Pedro Turi trabalhou como médico auxiliar do Posto de Higiene e médico da Viação Férrea do Rio Grande do Sul em Cruz Alta; João Vassali foi oficial médico da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, sediado em Livramento; Nicola Turi dirigiu a Casa de Saúde da Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em Santa Maria.

Em relação aos locais de atuação dos 29 médicos listados, observa-se que 7 médicos atuaram em regiões de colonização italiana (RCI), como Caxias, Bento Gonçalves e Farroupilha. 3 se radicaram em Porto Alegre, 3 em Rio Grande, 1 em Uruguaiana,1 em Livramento, 1 em Santa Maria e 1 em Cruz Alta, região de colonização alemã (RCA). Os outros 12 se estabeleceram na região do Planalto Médio nomeadamente as antigas cidades de Mussum, Erebango, Santo Ângelo, Tucunduva, São Sepé, José Bonifácio, Guaporé, Passo Fundo, Getúlio Vargas e Marcelino Ramos. A distribuição de médicos pelo interior do estado é bem diferente daquela observada nos médicos italianos no estado de São Paulo. Conforme Maria do Rosário Salles neste estado mais de 50% dos profissionais se radicaram na capital. [11]

Apesar da Faculdade de Medicina de Porto Alegre já ter mais de 40 anos, não há referência de médicos italianos trabalhando nesta faculdade, neste livro. Sabe-se que dois médicos italianos trabalharam em faculdades de Medicina do Rio Grande do Sul, em épocas posteriores: Paolo Contu foi professor de anatomia na Faculdade de Medicina (UFRGS), em Porto Alegre; Giovanni Baruffa lecionou nas Faculdades de Medicina da Universidade Católica de Pelotas e na Fundação Universidade de Rio Grande.

A INSERÇÃO DOS IMIGRANTES E SEUS DESCENDENTES

Imigrantes e seus descendentes tiveram a possibilidade de serem incluídos precocemente na elite médica gaúcha. Odaci Coradini (1997), em seu estudo sobre a formação e institucionalização do ensino de medicina e do exercício da profissão médica relacionados a fatores como composição social e recrutamento da elite médica gaúcha, cita o nome de Elyseu D. Paglioli, como sendo filho de sapateiro, nascido numa colônia de imigrantes italianos da região de Caxias do Sul, no final do século XIX. [12]

José Ricaldone também pode ser considerado membro desta elite médica. Ele denota a participação precoce do imigrante italiano neste grupo. Ricaldone iniciou os seus estudos em Roma onde fez o primeiro ano de Medicina. Ao emigrar para o Brasil, trabalhou como *rato branco*, denominação que eram dadas aos guardas municipais da cidade de Porto Alegre, a fim de custear seus estudos médicos, tendo sido colega de faculdade do também italiano Vicenzo Caruso. Possuía renomada clínica na cidade. Diplomou-se na Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre no ano de 1909. [13] Fez cursos de especialização na Alemanha e Itália, e chefiou uma enfermaria na Santa Casa de Misericórdia. Foi membro correspondente da Sociedade de Medicina de Porto Alegre. Em 1922, José Ricaldone era um dos dois secretários da redação da revista.[14]Foi assistente da 1ª Clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina e redator da Revista *Archivos Rio-Grandenses de Medicina.* Escreveu o trabalho intitulado *Do diagnóstico precoce da tuberculose pulmonar,* em 1932.[15] Desempenhou as funções de Diretor do Dispensário E. Rabello e integrou o corpo médico do Sanatório Belém. A região onde sua casa se localizava na cidade de Porto Alegre recebeu o nome de Morro Ricaldone.

Médicos italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul foram utilizados pela elite dos imigrantes italianos para fins de promoção de uma identidade étnica deste grupo. A importância que foi dada aos médicos, como praticantes de uma profissão portadora de caracteres identitários positivos, foi notada pelas participações dos médicos Biaggio Rocco, em evento comemorativo da paz entre Itália e Turquia ocorrida em 1912, e por Giovanni Palombini, na comemoração simultânea de datas italianas e rio-grandenses, no ano de 1920.

O médico Biaggio Rocco, juntamente com seu irmão Stefano, aparecem em posições destacadas nas comemorações da paz ítalo-turca realizadas pela colônia italiana, em Porto Alegre, conforme notícia veiculada pelo jornal Correio do Povo:

A nota interessante da festa foi o corso de carruagem em que tomaram partes muitos cavalheiros e famílias. O préstito organizou-se na rua Moinhos de Vento e compunha-se de 170 veículos sendo 72 automóveis e 98 carros. Abria o corso o automóvel landau, ocupado pelo cavalheiro Beverini, professor Della Regione, Sr. Stefano Rocco [representante da Fe-

deração das Sociedades Italianas] e dr. Biaggio Rocco. O préstito poz-se de marcha depois das 7 horas da noite, apresentando belo aspecto. Todos que nele tomaram parte empunhavam lanternas venezianas e fogos de bengala.[16]

Rocco foi um dos primeiros médicos a notificar a presença da peste bubônica em Porto Alegre, apesar do governo estadual negar "oficialmente" a presença desta doença. É importante salientar que esta doença tornou-se endêmica no Rio Grande do Sul até o ano de 1932. Diferentemente dos outros estados do norte do país, onde a doença se alastrou a partir do porto de Santos, em 1899, a propagação pelo Brasil meridional provavelmente originou-se de focos localizados na Argentina e Paraguai e que foram transportados a este estado pela malha ferroviária. O primeiro caso conhecido, em Porto Alegre, ocorreu em dezembro de 1901.[17]

No jornal Correio do Povo de 7 de janeiro de 1902, lia-se : "Questão sanitária – Nestes últimos dias, apenas se tem falado num caso suspeito dessa moléstia, um doente da clínica de um médico italiano". No dia seguinte, aparecia o nome do médico na nota do jornal: "Existe um enfermo em tratamento com o Dr. Rocco. A causa da doença não está esclarecida, mas pressupõe-se que seja a peste bubônica".

Biaggio Rocco e seu irmão aparecem nas descrições do relato de viagem de Ricardo D'Elia. Este último encontrou-se com o médico Biaggio na farmácia de seu irmão Stefano, ao visitar Porto Alegre. Segundo seu relato, este médico trabalhava em Porto Alegre desde meados da década de noventa do século XIX, e era muito requisitado por italianos ou estrangeiros. Receitava diferentes fórmulas magistrais que eram manipuladas no laboratório farmacêutico de seu irmão e que tinham grande aceitação no Rio Grande e fora deste estado.[18]

O médico Giovanni Palombini foi convidado para ser orador oficial, juntamente com um representante natural do estado, na comemoração do Primeiro Cinquentenário da Tomada de Roma que ocorria concomitante ao 85º Aniversário da República Rio-Grandense, no dia 20 de setembro de 1920. No seu discurso ele deveria ressaltar a importante participação de Giuseppe Garibaldi em ambos os acontecimentos, com o objetivo final de auxiliar na construção de uma identidade comum entre os diferentes grupos étnicos.[19]

Palombini trabalhava como *medico condotto* (médico sanitarista) na Itália quando tomou a decisão de emigrar para o Brasil no ano de 1901. Após uma viagem de observação a esse País, realizada em companhia do colega oftalmologista Arrigo Cini, acompanhados de suas respectivas esposas, decidiram pelo Sul. Cini radicou-se em Porto Alegre. Trabalhou inicialmente no interior de São Paulo e depois optou pelo Rio Grande do Sul. Atuou como médico e naturalista. Seu irmão Vicenzo era farmacêutico e também o acompanhou oportunamente ao Brasil, tendo se estabelecido em Antônio Prado. Escreveu um relato de viagem onde anotou suas experiências pelo interior dos estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Trabalhou na Santa Casa de Jaguarão, em Soledade, Uruguaiana, Rio Grande, Bagé e Vacaria, entre outras cidades. No anúncio de jornal, que o antecipava nas cidades, constava sua valorizada titulação italiana "diplomado em Roma, recomendado especial do governo da Itália, com atestados honoríficos das clínicas de Roma". Apresentava-se como praticante de "Clínica médica e cirurgia geral. Trata pelos sistemas mais aperfeiçoados as doenças do estômago, venéreas, sifilíticas e com bons resultados a tuberculose. Especialidades: partos, doenças de senhoras, das crianças e nervo-

sas". Dedicou-se a divulgar propaganda para fins de incentivo à imigração italiana e para isto contou com apoio financeiro dado pelo governo do estado. Percorreu os Estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro e esteve no Uruguai. Realizou conferências e organizou exposições de artigos gaúchos de diferentes proveniências no Brasil e na Europa, em Roma e Bruxelas. Morreu prematuramente e em dificuldades financeiras na cidade de Caxias do Sul, em 1927.[20]

Relatos de viajantes médicos ajudam a conhecer as características de inserção destes profissionais.[21] Ricardo D'Elia escreveu o livro intitulado *Argentina***,** *Paraguay e Brasile***:** riccordi e impressioni e consigli **(**1906), obra de caráter autobiográfico e que possuía também as características de ser um relato de viagem, após estadia de 18 anos nestes países. Ao total há a referência de 11 centros urbanos onde o médico se estabeleceu profissionalmente. Como se viu pelo número de países e de cidades em que viveu, o acolhimento parece não ter sido fácil, especialmente quando se lê as referências negativas que faz de seus conterrâneos médicos. No livro, ele enfatiza a carência destes profissionais, a facilidade de trabalho e de sucesso financeiro especialmente no Rio Grande do Sul. [22]

Em1901, D'Elia se estabelece em Rio Grande. Não é explicada a razão desta escolha, mas sabe-se que ficou em torno de um ano nesta cidade. Seus escritos constatam que era muito grande o número de italianos residentes, porém não havia nenhum médico italiano trabalhando ali. No ano seguinte, nota-se que ele era um dos poucos médicos atuantes na cidade de Rio Grande que faziam propaganda no jornal *Echo do Sul*: "Clinica médico-cirúrgica do Dr. Ricardo D'Elia. Rua Paysandu nº 90. Consultas das 6 às 8 horas da manhã e do meio dia às 2 da tarde." As razões de sua saída repentina de Rio Grande após curta estadia não foram bem esclarecidas no seu livro. Ao cotejar o seu relato com notícias de jornais de Rio Grande, nota-se que D'Elia se viu envolvido em um crime cometido por italianos, em Cuiabá, e com desdobramentos em Rio Grande.

Parte para Bagé onde é recebido pelo agente consular italiano. Entre as várias pessoas consideradas importantes que este apresentou-lhe estava o médico homeopata italiano Ferdinando Martino. Este lhe providencia a carta de apresentação necessária para ter entrevista com o médico Fernando Abott, vice-presidente do Estado, relacionada à possibilidade de trabalho na região. Conforme D'Elia, Martino emigrou para o Brasil aos 14 anos, era autodidata e se utilizava de livros de medicina para trabalhar e atender aos pobres. Estabeleceu-se como farmacêutico em Bagé. Segue a descrição que D'Elia faz da maneira como ocorreu a formação deste médico no Rio Grande do Sul:

Estimulado por uma grande vontade de instruir-se, começou a freqüentar uma escola noturna, e ao estar na campanha lia e aprendia durante o caminho. Frequentemente, acontecia que ao entrar em um casebre, distante muitas léguas de um *paese*, encontrava-se com um pobre doente, que, por falta de médico e de remédios, estava pouco a pouco morrendo. [ ] Munido de um dos vários manuais de homeopatia que infestavam o Brasil e de uma pequena ambulância, socorria aqueles miseráveis, se não fisicamente, pelo menos moralmente, porque se acontecesse de alguns morrerem, os familiares tinham pelo menos o consolo de que seus entes queridos haviam recebido uma assistência médica na hora da morte.[23]

Após passagens por Bagé e São Gabriel, D'Elia radicou-se em Jaguari. A Colônia de Jaguari era pertencente ao município de São

Vicente e era composta em sua maioria por colonos italianos. Em 1920, foi noticiada, na revista *Archivos Rio-Grandenses de Medicina,* a doação do livro *Vade-mecum Therapeutico e Diagnóstico* para a Sociedade de Medicina de Porto Alegre[24]

Riego Sparvoli é outro médico que exemplifica as possibilidades de trabalho, o aporte oferecido pela formação profissional prévia, as redes de sociabilidade, e a contribuição profissional dos médicos italianos. Sparvoli radicou-se no Brasil devido aos conhecimentos feitos em Roma com o embaixador brasileiro e com o cunhado desse, Dr. Berchon D'Essarts, no ano de 1912. D'Essarts convidou-o para trabalhar em Pelotas, salientando que uma das facilidades para trabalhar no Rio Grande do Sul era a não-exigência de revalidação do diploma médico para os estrangeiros. Além do convite, outra razão para vir a América do Sul era a fantasia de Sparvoli de conhecer a Patagônia, adquirida nos livros de aventura e de contos juvenis. Riego, após um período de trabalho em Pelotas, transferiu-se para Rio Grande devido à proximidade do mar e pela possibilidade de sempre poder voltar para a Itália, desejo que o perseguiu durante toda a sua vida, a ponto de nunca se naturalizar. Ao ser convocado para servir à Itália durante a Primeira Guerra Mundial, atuou como cirurgião da Cruz Vermelha Italiana. Com a ascensão do fascismo, o médico retornou ao Brasil com a especialização de cirurgia adquirida na guerra, em 1922. No mesmo período em que emigrou para o Brasil, dois de seus colegas partiram com destino a São Paulo: Piero Mangineli e Mario de Fiori. [25]

Sparvoli esteve envolvido na reforma que foi realizada na Santa Casa de Rio Grande quando Reinghantz era seu provedor. Foi o mentor da criação e diretor do pavilhão da Maternidade e do dispensário infantil, inaugurado em 1930. Pedro Bertone, outro médico compatriota seu, ficou responsável pelos cuidados médicos no pavilhão e dispensário de tuberculosos. Esta época, segundo Rodrigues, é reconhecida como aquela onde ocorreram grandes modernizações neste hospital. [26]

Riego Sparvoli faleceu em 1947 devido à doença de Hodking, conforme diagnóstico feito pelo Dr. Elyseu Paglioli, em Porto Alegre. Devido ao reconhecimento de seu trabalho, seu retrato encontra-se fixado no Salão Nobre da Santa Casa e foi erigido um busto em sua homenagem. Sua filha, Ana Maria Sparvoli, seguiu os passos de seu pai e fez a faculdade de Medicina na Itália. Retornou para Rio Grande onde iniciou carreira como ginecologista e obstetra. Trabalhou nesta cidade até o falecimento de seu pai quando se transferiu para Porto Alegre. [27] Ana Maria participou como tesoureira na Seção de Ginecologia e Obstetrícia da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, em 1949. [28] Em razão de seu casamento, partiu para São Paulo e, após, radicou-se no Rio de Janeiro. Trabalhou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo dedicado-se à radioterapia e à oncologia ginecológica. Faleceu em 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rio Grande do Sul foi importante local de recepção de médicos italianos no final do século XX e nas décadas iniciais do século XX. Estes médicos procuravam melhores condições de trabalho caracterizando uma mobilidade espacial e social, ao mesmo tempo em que colaboraram com o aporte de novas especialidades médicas. Como outros profissionais, responderam às necessidades urgentes de mão-de-obra especializada que o Estado apresentava, o que foi facilitado pelas pecu-

liaridades da constituição estadual referentes à inscrição de médicos estrangeiros. Nota-se que muitos tiveram sucesso e reconhecimento pela formação conceituada e pela tecnologia que trouxeram, o que contribuiu para o desenvolvimento do campo médico que encontrava-se em formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CONSTANTINO. Núncia Santoro de. *Italiano na cidade*: a imigração itálica nas cidades brasileiras. Porto Alegre, Passo Fundo: ACIRS, UPF, 2000, p. 80-81.
2. ARMUS, Diego. Legados y tendencias en la historiografia sobre la enfermidad en America Latina moderna. In: ARMUS, Diego (org.). *Avatares de la medicalización en America Latina (1870-1970)*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2005, p. 15.
3. SALLES, Maria do Rosário. *Médicos italianos em São Paulo (1890-1930):* um projeto de ascensão social. São Paulo: FAPESP, 1997.
4. WEBER, Beatriz. Saúde pública e governos positivistas: os limites da prática. *Estudo Ibero-Americanos,* v. 24, n.1, p. 140-141, 1998, p. 131-138.
5. MAINARDI, Geraldo. Médicos italianos no Rio Grande do Sul. In: De BONI, Luís A. (Org.). *A presença italiana no Brasil***.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 380-401.
6. Op. cit., p. 390.
7. MARTINI, André; BRITTO, Elizabeth; FRUSSETO, Fernando. A história da prática médica em Caxias do Sul: do nascimento à lei orgânica. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 31, n. 90, mar.-abr. 1995.
8. FRANCO, A.; RAMOS, S. M. *Panteão Médico rio-grandense;* síntese cultural e histórica. São Paulo: Ramos e Franco editores, 1943.
9. VIEIRA, Felipe Almeida; GRIJÓ, Luiz Alberto. Medicina e memória: O *Panteão Médico Rio-grandense* (1943). In: GUILHERMANO, Luiz Gustavo; SCHWARTSMANN, Leonor B. Schwartsmann; SERRES, Juliane C. P.; LOPES, Maria Helena I. *Páginas da História da Medicina*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
10. WEISZ, George. *Divide and conquer*. A comparative history of medical specialization. Nova York: Oxford, 2007.
11. SALLES, 1997, op. cit.
12. CORADINI, Odaci Luiz. O recrutamento da elite, as mudanças na composição social e a "crise da medicina" no Rio Grande do Sul. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. IV (2): 265-286, jul.-out. 1997.p. 268
13. SCHWARTSMANN, Leonor Baptista. *Olhares do médico-viajante*. Giovanni Palombini no Rio Grande do Sul (1901-1914). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
14. Archivos Rio-Grandenses de Medicina, Ano 3, n. 8, outubro de 1922.
15. Archivos Rio-Grandenses de Medicina, julho 1932, n. 3, p. 168
16. O corso. Correio do Povo 12 de novembro de 1912, p. 1
17. SCHWARTSMANN, Leonor B. b. Aspectos da peste bubônica em Porto Alegre no início do século XX. In: GUILHERMANO. Luiz Gustavo; SCHWARTSMANN, Leonor B.; SERRES, Juliane C. P.; LOPES, Maria Helena I. Páginas da História da Medicina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 102.
18. D'ELIA, Ricardo. *Argentina***,** *Paraguay e Brasile***:** riccordi e impressioni e consigli **(**1906), p. 172-172.
19. SCHWARTSMANN, Leonor Baptista. Representantes da elite e o mito de Garibaldi: o papel do médico italiano Palombini entre imigrantes no Brasil. In: CONSTANTINO, Núncia S.; FAY, Cláudia (coord.). In: *Garibaldi, História e Literatura*: perspectivas Internacionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
20. SCHWARTSMANN, 2008, op. cit.
21. SCHWARTSMANN, Leonor B. Relatos de viagem de médicos: fonte para o estudo do pensamento e das práticas médicas. In: SERRES, Juliane C. P.; SCHWARTSMANN, Leonor B. *História da Medicina:* Instituições e práticas de Saúde no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
22. SCHWARTSMANN, Leonor Baptista. Cadeias migratórias e a recepção de médicos italianos: o caso de Ricardo D'Elia. In: DREHER. Martin N. *Migrações*: Mobilidade social e espacial. 19º Simpósio de História da Imigração e Colonização. São Leopoldo: OIKOS, 2010. CD-ROM.
23. D'Elia, op. cit., p. 145-146.
24. Sociedade de Medicina de Porto Alegre. *Archivos Rio-Grandenses de Medicina* n.º2. Março de 1920, p. 97.
25. SCHWARTSMANN, 2008, op. cit.
26. RODRIGUES, Sued de Oliveira. *Santa Casa de Rio Grande*: a saga da misericórdia. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade do Rio Grande, 1985, p. 74.
27. SPARVOLI, Ana Maria. Entrevista oral realizada no Rio de Janeiro, julho de 2005.
28. MENDONÇA, Amanda; NICOLINI, Gabriel Baptista. Revista Brasileira de História da Medicina, pioneira da historiografia médica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.269-284, jan.-mar. 2007, p. 283.

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO RIO GRANDE DO SUL

Walmor J. Piccinini
Walmor J. Piccinini, MD Psiquiatra, autor do Índice Bibliográfico Brasileiro de Psiquiatria e co-editor de Psychiatry Online Brasil.

Para entender a história da psiquiatria no Rio Grande do Sul, vamos estabelecer algumas relações com a história da especialidade. Alguns historiadores costumam descrever três momentos revolucionários:

1 – Primeira revolução psiquiátrica: Philippe Pinel (1745-1826) e o Tratamento Moral cujo marco foi o lançamento do livro "Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania", em 1801. (Traduzido e Editado pelo Simers e Editora da UFRGS). Neste mesmo ano, o Rio Grande do Sul estabelecia seus limites territoriais. Pinel propôs o tratamento "moral" que consistia em usar de amabilidade, firmeza, atenção às necessidades psicológicas e físicas, uma relação humanitária entre o paciente e aqueles que o cuidam; diversões sadias, otimismo dependente do prognóstico dos pacientes alienados. Seu discípulo Esquirol (1772-1840) propôs que o local ideal para essa recuperação era uma instituição semelhante aos monastérios e nasceu aí a idéia de isolar e recolher os insanos a instituições asilares. O que parecia revolucionário naquele tempo era a noção que a doença mental podia ser causada pelas experiências de vida, corrigíveis num ambiente físico e social adequados e que as doenças mentais não eram uma conseqüência natural e inevitável das lesões cerebrais. Nas palavras do próprio Pinel. *Eu, então, descobri que a loucura era curável, em muitos casos, por meio do tratamento e a atenção exclusiva à mente, e, quando a coação era indispensável, esta poderia ser aplicada eficazmente sem indignidade corporal.*

Este modelo chegou ao estado na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1884, com a inauguração do Hospício São Pedro. Porto Alegre, na época, era uma cidade com cerca de 50.000 habitantes. O historiador Edson Cheuiche (1), do Serviço de Memória Cultural do HSP, vem realizando um paciente trabalho de coleta de informações sobre o Hospital Psiquiátrico São Pedro.

2 – Segunda revolução psiquiátrica: Freud e a influência da psicanálise sobre a psiquiatria. No final do século 19 e albores do século 20 começaram a despontar os trabalhos de Sigmund Freud (1856-1939) que traziam uma nova visão dos fenômenos mentais. Atribui-se a ele a Segunda Revolução da Psiquiatria. A idéia do inconsciente, repressão, associação livre, concepção da mente, a teoria dos instintos, a importância da sexualidade, a influências das experiências infantis marcaram a psiquiatria, a sociedade, a cultura. A psicanálise

se desenvolveu no estado a partir de 1947 com a chegada de Mário Martins em Porto Alegre. A ele seguiram-se José Lemmertz, Celestino Prunes e Cyro Martins que constituíram o núcleo inicial de formadores de analistas. Atualmente existem três Sociedades (SPPA, SBPPA, Círculo Psicanalítico) filiadas à Associação Psicanalítica Internacional e alguns outros Centros formadores. Essa pujança psicanalítica teve reconhecimento internacional com a eleição de um psicanalista gaúcho para presidir a Associação Psicanalítica Internacional, o Dr. Cláudio Laks Eizirik, psicanalista da SPPA e professor da UFRGS.

3 – Terceira revolução psiquiátrica: Iniciava-se com descoberta da ação da Clorpromazina (França, 1952) a terceira revolução psiquiátrica que viria a mudar o ambiente dos hospitais, contribuir para que muitos fossem desativados e surgimento de uma nova especialidade a psicofarmacologia. Os chamados Psicofármacos determinaram o esvaziamento dos macro-hospitais. Antes deles, a penicilina tinha causado uma revolução nos hospitais psiquiátricos determinando o fim da sífilis terciária, responsável pelos casos de Paralisia Geral Progressiva e a diminuição de quadros orgânicos cerebrais. Com os psicofármacos os doentes ficavam mais colaborativos, menos destrutivos e mais acessíveis a outras formas de tratamento. Isso permitiu uma revolução no atendimento hospitalar, surgiram novos hospitais, com destaque para a Clínica Pinel de Porto Alegre (março de 1960), fundada por Marcelo Blaya que voltara de uma residência em psiquiatria nos EUA, na Clínica Menninger de Topeka, Kansas. Se partirmos da idéia de revoluções psiquiátricas como momentos de grandes mudanças, temos que encarar outros momentos, também importantes, mas que apareceram como reformas da psiquiatria. Algumas de dentro para fora e outras de fora para dentro.

Uma primeira reforma surgiu com o fracasso da proposta asilar: os psiquiatras do final do século XIX, reunidos em Paris em 1889, passaram a propor uma alternativa ao asilo que seriam as Colônias, tentativa de utilizar uma estrutura mais simples que a hospitalar e desenvolver trabalhos agrícolas com os enfermos. O Rio Grande do Sul também criou a sua, primeiro nas margens do Jacuí e depois em Itapuã, anexa ao Leprosário.

No início do século XX, segundo as palavras de Luís Guedes, predominava a "tríade terapêutica magnífica": isolamento, clinoterapia e balneoterapia ("sedação mecânica ao sistema nervoso exacerbado, reparador de forças esgotadas"). Os recursos medicamentosos eram pouco eficazes.

A partir dos anos 20 começaram a ser utilizados métodos intervencionistas, choque cardiazólico, choque insulínico, neurocirurgia cerebral e eletrochoqueterapia. Com a entrada dos psicofármacos em 1956, esse modelo intervencionista foi sendo desativado, permaneceu apenas o ECT, sofrendo uma barreira de críticas que tornaram seu uso muito restrito.

A psicanálise sob forma de psiquiatria psicodinâmica entrou no hospital. Difundiram-se os ambulatórios, o atendimento em consultórios, a psiquiatria comunitária e o atendimento de massa pelo INAMPS.

Nos anos 90 começa uma nova Reforma, desta vez para acabar com o modelo de institucionalização e criação de uma rede de atendimento que se antecipasse às hospitalizações e com o propósito de fechar os antigos hospitais. Os problemas surgiram em seguida, não houve a criação de uma rede alternativa suficiente, fecharam-se os leitos e a população doente ficou sem alternativa. Com a epidemia do Crack, todas as deficiências dessa reforma começaram a chamar a atenção. Agora temos uma situação

deveras complicada que vai exigir o estudo de um novo ou pelo menos de um melhor modelo de atendimento em saúde mental.

A necessidade de colocar os fatos mais significativos da história da psiquiatria no Rio Grande do Sul dentro das limitações naturais de um artigo que não pode ser muito extenso exigiu uma abordagem objetiva e direta. Dentro desta premissa resolvemos estabelecer alguns momentos significativos que são os seguintes:

1. De 1884 a 1957, a história da psiquiatria se mescla com a história do Hospital Psiquiátrico São Pedro.
2. De 1957 a 1984, na Divisão Melanie Klein do HPSP funciona o Curso de Formação em Psiquiatria ligado a Faculdade de Medicina da UFRGS. (organizado pelos profs. David Zimmermann e Paulo Luiz Viana Guedes.)
3. A Psicanálise influencia o pensamento psiquiátrico. Surge a Clínica Pinel de Porto Alegre (1960) revolucionando a maneira de se tratar o paciente psiquiátrico em nível hospitalar. É criada a Divisão Melanie Klein do HPSP em 1961 até a transferência para o Hospital de Clínicas de Porto Alegre em 1984. Jubilado da UFRGS David Zimmermann segue com seu curso de formação de psiquiatras na Fundação Universitária Mário Martins.
4. Interiorização da psiquiatria, criação de novas faculdades de Medicina.
5. A pós-graduação em psiquiatria da UFRGS tornando a psiquiatria do Rio Grande do Sul uma das mais produtivas na formação de mestres e doutores com reconhecimento nacional e internacional.

A história da psiquiatria no RGS segue as mesmas linhas da história mundial da psiquiatria. Começa com a construção de um grande asilo para onde eram transferidos os doentes que tinham sido recolhidos às Santas Casas e às prisões ou os que eram mantidos restritos pelas próprias famílias.

De asilo para hospital, o Hospício São Pedro, depois Hospital São Pedro, até os anos 50 foi o centro do atendimento psiquiátrico no RGS. Inaugurado em 1884, até a proclamação da República foi administrado pela Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Com a proclamação da República, imediatamente passou a ser administrado pelo Estado do RGS.

Seu primeiro diretor foi o Dr. Carlos Lisboa, (1859-1888). Formado no Rio de Janeiro veio trabalhar na sua terra. O Hospício São Pedro, como vimos, foi entregue para a Santa Casa para ser por ela administrado. O escolhido para primeiro diretor foi esse jovem médico que recém chegara da capital da república. Carlos Lisboa assumiu mas ficou pouco tempo no cargo, de 1884 a 88: uma doença fulminante o vitimou na flor da idade; era clínico e estruturou o atendimento de acordo com esse conhecimento, tendo falecido no cargo. Foi substituído pelo Dr. Olinto de Oliveira (1865-1956) tendo exercido sua funções de 1988 a 1989. Ele entregou o cargo ao Dr. Francisco Dias de Castro que o ocupou de 1889 a 1901. Foi substituído pelo Dr. Tristão de Oliveira Torres no período de 1902 a 1908. Logo depois, de 1908 a 1924, foi diretor o Dr. Dioclécio Sertório Pereira. Com o falecimento do Dr. Dioclécio assumiu o hospício o Dr. José Carlos Ferreira. Em 1926 o Dr. Jacinto Godoy, que já era Diretor do Manicômio Judiciário, assume a Diretoria da Assistência a Alienados que englobava os dois cargos de diretor, do manicômio e do HSP.

Existem vários livros e artigos sobre os primeiros anos do Hospício São Pedro, como os, de Yonissa Marmitt, e de Decio Soares de Souza relacionados na bibliografia, e vários

outros Vamos mencionar alguns fatos menos explorados pelos historiadores. Um deles é que os diretores, depois que o hospício passou para o Estado, eram castilhistas e positivistas, mas após, com Jacinto Godoy, borgistas e positivistas. Uma das consequências da influência política era uma relação distante da Faculdade de Medicina, que lutava contra os positivistas devido a uma das normas da Constituição de 1891 que pregava a liberdade para a prática médica, não havendo exigência de diploma para o exercício da medicina (Orientação positivista).

Nos relatórios dos diretores do hospício uma queixa era constante, a superlotação e o encaminhamento inadequado dos doentes mentais por parte da autoridade policial. Os doentes vinham sem dados de identificação, sem acompanhamento de familiares e surgiram aí os "inominados", pacientes sem identificação. Se no século XX era a chefia de polícia que exigia a hospitalização, agora são os juízes que a exigem.

Em 15 de agosto de 1924 foi assinado o Decreto 3.356 que regulamentou a assistência a alienados determinando que fossem duas as instituições estaduais destinadas a assistência aos alienados, o Hospital São Pedro e o Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul a ser criado (em 5 de outubro de 1925), e o mesmo decreto estabelecia a fiscalização do Estado nas instituições particulares.

Até 1926, o Hospício São Pedro foi dirigido por clínicos ilustres, o último foi o Dr. Dioclécio Pereira que permaneceu 20 anos no cargo. Com a posse do Dr. Jacinto Godoy (Em novembro de 1926, o Decreto 3704 extinguiu os cargos de Diretor do Hospício São Pedro e do Manicômio Judiciário do RGS e criou o cargo de Diretor da Assistência aos Alienados, que foi ocupado pelo Dr. Jacinto Godoy), que vinha de estagio em Paris, no Serviço do Professor Pierre Marie. Finalmente o Hospício tinha na direção um neuropsiquiatra com formação no exterior e que, segundo suas próprias palavras, transformou o hospício num hospital. Os ventos da política que abateram o ex-governador Borges de Medeiros em 1932, determinaram a demissão de Jacinto Godoy do Hospital São Pedro. (Afastado do São Pedro, Jacinto Godoy fundou o Sanatório São José no Bairro da Glória). Assumiu no seu lugar o Professor Luís José Guedes. Em 1937, com a nova constituição, ficou proibido o acúmulo de cargos federais e estaduais. O professor Luís Guedes optou pela Faculdade de Medicina e isso deu nova oportunidade para o Dr. Jacinto Godoy que, reassumindo o hospital ficou até 1950 quando novas mudanças políticas determinaram sua demissão do cargo.

No ano de 1957 aconteceu uma crise entre o Governo Meneghetti e médicos do Hospital São Pedro que foi resolvida com a nomeação do Dr. Dyonelio Machado para a Direção do Hospital.

Nesse mesmo ano foi criado no Hospital São Pedro o Curso de Formação em Psiquiatria da disciplina de Psiquiatria e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFRGS, organizado pelos profs. David Zimmermann e Paulo Luiz Viana Guedes.

A partir dos anos 60 o hospital começou a receber os novos psiquiatras formados na Divisão Melanie Klein e alguns da Clínica Pinel. Munidos dos conhecimentos psicanalíticos e com grande entusiasmo começaram a enfrentar os graves problemas do hospital, superpopulação, atendimento precário e abandono. Uma das experiências marcantes foi a da setorização do hospital por área de proveniência dos pacientes, estabeleceram-se vínculos com as comunidades de origem, os fa-

miliares foram contatados, os médicos da rede pública treinados, os médicos do São Pedro começaram a encaminhar seus egressos para ambulatórios em suas cidades de origem. Nesse processo, o número de pacientes internados baixou de 5.000 para 1.200 num trabalho de quase dez anos. O diretor do hospital era o Dr. Hans Ingomar Schreen que deu andamento ao plano organizado pela equipe de saúde mental da Secretaria da Saúde liderada pelo Dr. Carlos Gari Faria. Nesse mesmo período surgiram os ambulatórios como o do Murialdo sob a liderança do Professor Ellis Busnello, a Central de Psiquiatria sob a chefia de Isacc Sprinz, o Serviço de Egressos liderado pelo Dr. Bernardo Brunstein. Estes dois últimos serviços estavam sob a coordenadoria do INAMPS, sob a chefia do Dr. Paulo Juchem.

Enquanto em Porto Alegre, com a participação importante dos ex-alunos do Curso de Formação em Psiquiatria da UFRGS eram feitas estas reformulações, muitos psiquiatras começaram a interiorizar a atenção psiquiátrica. O pernambucano Oswaldo Barbosa em Rio Grande, Denizard de Souza e Milton Shansis em Santa Maria, Darcy Abuchaim e Olivé Leite em Pelotas, Dr. Carlos Hechtheuer em Passo Fundo, Antonio Bonalume em Caxias. Com a criação de Faculdades de Medicina muitos outros começaram a se fixar pelo interior e hoje já são em expressivo número.

Em 1984 o Curso de Formação em Psiquiatria foi transferido para o Hospital de Clínicas, logo em seguida o Professor David Zimmermann é jubilado e continua seu curso na Fundação Mário Martins.

O Hospital São Pedro sofre um esvaziamento, a Clínica Pinel termina com sua formação em Psiquiatria, o Professor Manoel Albuquerque inicia a formação psiquiátrica no Hospital São Lucas da PUC. O eixo do atendimento sai dos hospitais e centra-se em ambulatórios. Nos anos 90, começa a desmontagem dos hospitais e o atendimento passa a ser feito através de CAPS (Centro de Atenção Psicosocial). Somente em 2007, com a profícua administração de Luiz Ilafont Coronel e Gilberto Brofman, o Hospital Psiquiátrico retoma sua missão histórica de ser um Centro formador de pessoal, e pioneirismo no enfrentamento da nova epidemia que se alastra entre nós, a epidemia do Crack.

Os primeiros diretores, como já referi, eram clínicos e procuravam dar a melhor assistência possível aos doentes. Depois deles tivemos o primeiro diretor com conhecimentos de psiquiatria, o Dr. Jacintho Godoy Gomes (1926-32 e 1937-1950). No intervalo de 1932 à 37 o Dr. Luis Guedes foi o diretor.

Jacintho Godoy era corajoso; logo após a Primeira Guerra Mundial,em 1919, reuniu a família e viajou para a França em busca de conhecimento. Seu interesse mais imediato era a Medicina Legal, mas logo derivou para a psiquiatria forense e finalmente a psiquiatria. No seu retorno fundou o Manicômio Forense e terminou sendo nomeado diretor do Hospício São Pedro. Transformou o São Pedro de asilo em hospital e introduziu na sua organização os conhecimentos e técnicas da psiquiatria francesa. Colônias de Crônicos, Serviço Aberto de Profilaxia Mental (Posto Municipal de Psicopatas na Azenha) Laboratório de Patologia, Curso de enfermagem Psiquiátrica e Colonia Agrícola na Chácara da Figueira (83 ha, área do Jardim Botânico). Como o próprio Jacintho dizia, a história da psiquiatria está vinculada a outra história, a do Hospício São Pedro. O primeiro concurso para psiquiatras foi realizado no HSP em 1938, sendo aprovados Luis Ciula, Mário Martins, Cyro Martins e Victor de Brito Velho. Nesse mesmo ano foi fundada a

Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio Grande do Sul.

No início do século funcionava em São Leopoldo o Sanatório Santa Elizabeth (1910). Consta que os Drs. Luis Guedes e José Carlos Ferreira encaminhavam seus pacientes para lá. Na época, SãoLeopoldo tinha dois importantes colégios, o de moças que era o São José e o de rapazes que era o Colégio Conceição. Eram colégios para ricos, mas Jacintho Godoy que era pobre, se valeu de uma vantagem concedida ao melhor aluno, ganhar bolsa de estudos e com isso pode estudar e se formar no Colégio Conceição.

A revolta constitucionalista de São Paulo em 1932 provocou muitas alterações nas hostes Borgistas do Estado. Borges de Medeiros aderiu aos paulistas, foi derrotado por Flores da Cunha e seus seguidores perderam os cargos. Entre eles o intrépido Jacintho Godoy. Nesse período de 1932 a 1937, sem muitas perspectivas, foi estimulado a abrir seu próprio hospital e acabou fundando o Sanatório São José, na Glória.

No início do século os espíritas eram perseguidos e muitas vezes seus cultos eram tratados como caso de polícia. Aos poucos foram se organizando em torno de atividades caritativas. Embora escrevam que sua história começou em 1912, foi em 1941 que o Hospital Espírita foi inaugurado, lá em Teresópolis.

No interior do estado, em Pelotas, no ano de 1931 foi fundado o Sanatório Roxo, depois Sanatório Olivé Leite. Depois de longa história fechou suas portas e hoje a Universidade Católica de Pelotas ocupa seu prédio. Registre-se que Manfred Sakel, de passagem para Buenos Aires, deu demonstrações do seu método em Pelotas, no Sanatório Roxo.

Em Pelotas, também, surgiu o Sanatório Espírita que é local de estágio das Faculdades de Medicina daquela cidade.Sua história está marcada pela presença da família Abuchaim, liderada pelo Professor Darcy Abuchaim.

Em Santa Cruz tivemos a Casa de Saúde Bela Vista, depois Sanatório Kaempf, Casa de Saúde Vida Nova e agora, seguindo a nova situação hospitalar em psiquiatria, é uma pousada.

RESUMO

Período asilar: dirigido por clínicos (Carlos Lisboa – Dioclécio Pereira) até 1926.
Período hospitalar clássico; 1926-1932;1937-1950 Jacinto Godoy,
Luiz Guedes. (1932-37)
1925 – Fundação do manicômio judiciário, hoje IPF (Instituto Psiquiátrico Forense Dr. Maurício Cardoso).
1931 – Fundação do Sanatório Roxo em Pelotas, depois Clínica Olivé Leite
1938 – Primeiros psiquiatras por concurso público: Luiz Ciula, Mário Martins, Cyro Martins e Victor de Brito Velho.
1938 – Fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Neurocirurgia do Rio Grande do Sul.
1947 – Mário Martins inicia a psicanálise no RGS.
1957 – Primeiro Curso de Especialização em Clínica Psiquiátrica.
(Curso dos Profs. David Zimmermann e Paulo L.V. Guedes.
1958 – É criada a Divisão Melanie Klein
1959 – É fundado o Centro de Estudos Luis Guedes em 22.12.1959

1960 – Primeiro Hospital de orientação Psicodinâmica – a Clínica Pinel de Porto Alegre.
1960 – Primeira Jornada Gaúcha de Psiquiatria Dinâmica.
1973 – Psiquiatria Comunitária. Projeto Murialdo
1973 – Setorização do São Pedro. Interiorização da Psiquiatria.
Anos 70-80. Expansão do Ensino Médico. Novas Faculdades de Medicina.
1992 – Lei da Reforma Psiquiátrica estadual. (Lei 9.176 de 7 de agosto de 1992, com alterações pelo projeto de lei 200/2004)
2001 – Lei Federal de n? 10.216 de 2001 estabelece critérios para a assistência psiquiátrica.
Revistas Psiquiátricas segundo o Índice Bibliográfico Brasileiro de Psiquiatria (www.biblioserver.com/walpicci)
Revista de Psiquiatria editada pelo CELG (Centro de Estudos Luiz Guedes) (1961) (44 artigos)
Arquivos da Clínica Pinel. (1961/3-1978/81) (108 artigos)
Revista de Psiquiatria Dinâmica. (1964-1974) (77 artigos)
Revista de Psiquiatria do RS (1979...) com 954 artigos publicados
Arquivos de Psiquiatria, Psicoterapia e Psicanálise (45 artigos)
Revista. Bras. Psicoterapia (1999- (162 artigos)
A Revista AMRIGS (Associação Médica do Rio Grande do Sul) publica artigos em psiquiatria e temos 46 relacionados.
O mesmo com a Revista do HCPA (Hospital de Clínicas de Porto Alegre) com 21 artigos.

CONGRESSOS E JORNADAS

Em 1962 é realizado o I Congresso Sul-Rio-Grandense de Higiene e surgem as propostas de interiorização da assistência psiquiátrica. Denizard de Souza apresentava estatísticas de internação da metade sul do Estado no período de 1958-61, aonde 2.964 pacientes vieram para o HSP. Nesse mesmo Congresso, Marcelo Blaya apresenta um trabalho "A Unidade Psiquiátrica no Hospital Geral como Célula da Assistência Psiquiátrica Hospitalar". Apresenta um plano de criação de 25 unidades em Hospital Geral disseminadas pelo Estado do RGS. Em 1965 a SS publica a Síntese do "Plano de expansão dos Serviços de Assistência Psiquiátrica do Estado do Rio Grande do Sul". Plano elaborado sob coordenação de Luiz Carlos Meneghini. Criava ambulatórios de saúde mental nas Unidades Sanitárias e Unidades Psiquiátricas em Hospitais Gerais

Em 25 de outubro de 1969 era inaugurada em Santa Maria a Clínica Prof. Paulo Guedes com 20 leitos. Em 1972 era inaugurada em Ana Rech outra clínica com o mesmo nome e com 100 leitos. Em 1974 o Hospital Universitário Setor Psiquiátrico, da Universidade Federal de Santa Maria, abria uma unidade de internação com 20 leitos. Em 1980, no interior do estado existiam 874 leitos (620 contratados pelo INAMPS (71%) e 254 particulares ou conveniados pelo Estado. Existiam 29 psiquiatras atendendo INAMPS no interior do estado. (Luiz Antônio Pereira, 1980). Em 1979 existiam no interior do estado nove hospitais para assistência psiquiátrica, 32 psiquiatras, sete residentes em psiquiatria, cinco enfermeiros (dos quais, dois especializados), dois psicólogos, cinco assistentes sociais, 95 ATs (Auxiliar Psiquiátrico ou Atendente Psiquiátrico).

São tradicionais as Jornadas de Psiquiatria Dinâmica (abrangendo um total de 25 encon-

tros), o Congresso da Associação Psiquiátrica do Rio Grande do Sul e a Jornada Paulo Guedes da Fundação Universitária Mário Martins (abrangendo um total de21).

Em 1981, Carlos Gari Faria, Hans Ingomar Schreen e Walmor J. Piccinini apresentaram um plano de assistência psiquiátrica para o Estado do Rio Grande do Sul, consistindo em: Descentralização do Atendimento. Redução de leitos no HPSP. Convênios com Hospitais Gerais, como os de Livramento, Uruguaiana e Bagé. Prover 20 municípios com equipes multidisciplinares.

INAMPS (13 hospitais, 19 ambulatórios e cerca de 100 Psiquiatras credenciados).

21 hospitais particulares. Na 10ª Jornada em 1981 se discutiu a Psiquiatria no RS. Foram tratados vários assuntos de relevante importância como: Psiquiatria Multidisciplinar. Evitar Hospitalização. Unidades Psiquiátricas em Hospital Geral.Internações de curta duração. Psiquiatria comunitária. Equipe de Saúde Mental. Treinamentode generalistas da Rede Pública. Setorização e Reestruturação do HPSP. Levantamentoepidemiológico da doença mental. Interiorização. Ambulatórios de Saúde Mental. Ambulatóriode Alcoolismo. Programa de Recuperação Agrícola (CAR). Reciclagem, Treinamento, cursos para técnicos. Integração da saúde Mental na Educação. Psiquiatria nos últimos 50 anos. Uso generalizadode psicofármacos. Redução significativa do tempo de internamento. Uso de Técnicas Psicoterápicas breves: Cognitivo Comportamental e Psicoterapia. Interpessoal Integração com as demais especialidades médicas. Inter-consulta. Co-morbidade. Maior precisão diagnóstica. Casos mais graves e presença importante de álcool e drogas. Afastamento da psicanálise do meio acadêmico.

BIBLIOGRAFIA

1. Cheuiche, E**.** Está à disposição em: http://www.saude.rs.gov.br/dados/1293452639276A%20Historia%2029%20nov.pdf
2. Wadi, Y. M. Palácio para guardar doidos. Edição da UFRGS**.**
3. Souza **.** D. S. de. História do São Pedro

ADENDO

Trabalhos publicados pelo autor disponíveis on line

1. Piccinini, Walmor J. ANTONIO LUIZ BENTO MOSTARDEIRO (12.05.28 – 9.01.2007). Psychiatry On Line Brazil. 2009;14(3). (http://www.polbr.med.br/ano09/wal0309.php)
2. Piccinini, Walmor J. Breve história da psiquiatria do Rio Grande do Sul à luz das suas publicações. R. Psiquiatr. RS. 1999; 21(2): 95-103.
3. Piccinini, Walmor J. Caminhos Cruzados de dois grandes realizadores da psiquiatria brasileira: Antonio Carlos Pacheco e Silva e Jacintho Godoy. Psychiatry On-Line Brazil. 2008; 13(1). http://www.polbr.med.br/ano08/wal0108.php
4. Piccinini, Walmor J. CYRO MARTINS (1908-1995). Psychiatry On-Line Brazil. 2008; 13(7). http://www.polbr.med.br/ano08/wal0708.php
5. Piccinini, Walmor J. Internamento Psiquiátrico: a experiência do Rio Grande do sul. Psychiatry On Line Brazil. 2008; 13(12). http://www.polbr.med.br/ano08/wal1208.php
6. Piccinini, Walmor J. Jacinto de Godoy Gomes (1886-1959). Psychiatry On-Line Brazil. 2004; 9(4). Notes: http://www.polbr.med.br/arquivo/wal0404.htm
7. Piccinini, Walmor J. O Asilo Terapêutico, uma experiência brasileira. (Apreciação do Relatório do Dr. Carlos Lisboa à Direção da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, em 1884). (I). Psychiatry On Line Brazil. 2009; 14(5). http://www.polbr.med.br/ano09/wal0509.php
8. Piccinini, Walmor J. O Asilo Terapêutico, uma experiência brasileira. (Apreciação do Relatório do Dr. Carlos Lisboa à Direção da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, em 1884 (II). Psychiatry On Line Brazil. 2009; 14(6). http://www.polbr.med.br/ano09/wal0609.php
9. Piccinini, Walmor J. Preservando a memória do velho hospital. R. Psiquiatr. RS. 2007; 29(2). Notes: Editorial sobre a Capa

10. Piccinini, Walmor J. Professor Paulo Luís Vianna Guedes grande expressão da psiquiatria do Rio Grande do Sul. Psiquiatria On-Line Brazil. 2002; 7 (1) http://www.polbr.med.br/ano02/wal0102.php
11. Piccinini, Walmor J. Psiquiatras e Comunistas. 2. Dyonélio Tubino Machado. Psychiatry On-Line Brazil. 2008; 13(6). http://www.polbr.med.br/ano08/wal0608.php
12. Piccinini, Walmor J. Publicações Psiquiátricas Gaúchas. R. Psiquiatr. RS. 1999; 21(2): 104-193.
13. Piccinini, Walmor J. A Pós-Graduação em Psiquiatria no Rio Grande do Sul. Psychiatry On Line Brazil. 2009; 14(1). (http://www.polbr.med.br/ano09/wal0109.php)
14. Piccinini, Walmor J. "Tratamento Hospitalar com Orientação Psicanalítica". Psiquiatria On_Line Brasil. 2005; 10(12).
15. Piccinini, Walmor J. Um pouco da História do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Psiquiatria On-Line Brasil. 2007; 12 (6). http://www.polbr.med.br/ano07/wal0607.php
16. Piccinini, Walmor J. Índice Bibliográfico Brasileiro de Psiquiatria. Psiquiatria On-Line Brasil. 2005; 10(10). http://www.polbr.med.br/ano05/wal1005.php
17. Piccinini, Walmor J. and Costa, Gley P. Professor David Zimmermann (1917-1998). Psychiatry on-Line Brazil. 2004; 8. Notes: http://www.polbr.med.br/arquivo/wal0804.htm
18. Piccinini, Walmor J. and Schmid, Helena. Bruno Russomano de Mendonça Lima. Psiquiatria On-Line Brasil. 2007; 12(1). http://www.polbr.med.br/ano07/wal0107.php
19. Piccinini, Walmor J. Hospital São Pedro Linha do Tempo. Psychiatry On-line Brazil, 2010; 15 (8) http://www.polbr.med.br/ano10/wal0810.php

A AVENTUROSA HISTÓRIA DO FÓRCEPS OBSTÉTRICO OU DE COMO UMA ANÔNIMA ANÃ DERROTOU UM PARTEIRO FAMOSO

Franklin Cunha

Médico ginecologista e obstetra. Ex-diretor da AMRIGS. Ex-secretário da SOGIRGS.
Conselheiro do Conselho Estadual da Cultura. Escritor.

Num frio dia do mês de novembro do ano da graça de 1622, quatro homens acompanhados por centenas de fiéis, eram levados à fogueira na cidade de Bolonha sob a acusação de terem conspurcado com excrementos imagens sagradas e proferido blasfêmias contra as autoridades religiosas e políticas da época. Tinham sido delatados ao Santo Ofício por um companheiro que apontara um deles, conhecido como Constantino Saccardino como o cabeça dos citados acontecimentos. Cristão novo, com fama de curandeiro, fora anteriormente bufão profissional a serviço dos grão-duques da Toscana. Pregoeiro de remédios miraculosos, dizem ter sido na verdade um refinado charlatão. Porém, numa época em que esses tipos existiam e perambulavam por todos os países cristãos, Saccardino realmente se destacava por sua cultura. Não somente sabia ler e escrever — quando mesmo os reis eram analfabetos — como até deixou um livro publicado em Bolonha em 1621 e do qual existe uma única cópia na universidade daquela cidade. Logo no seu subtítulo*, La veritá de diverse cose qui trata de molte salutifere operacione spagiriche et chemiche*, o esperto cristão-novo denuncia muitas fraudes que "devido a interesses particulares, frequentemente ocorrem tanto na medicina como nos instrumentos e substâncias usadas para praticá-la".

Apesar das admoestações de Saccardino e talvez pelo fato de terem sido expressas por quem não era bem visto pela ciência oficial, os médicos e cirurgiões-barbeiros seus contemporâneos não lhe prestavam atenção, o que dava oportunidade para todo o tipo de falazes imposturas que vicejavam no interior de uma categoria profissional composta por homens incultos e destituídos de qualquer espírito crítico. Além disso, os livros eram escassos e os raros exemplares que circulavam no século XVII eram publicações chamadas de "livros de segredos", os quais continham receitas populares e conselhos práticos de medicina, alquimia, veterinária, astrologia, agricultura, culinária, perfumaria, etc., enfim, eram os conhecidos almanaques, de uso corrente entre nós até há pouco tempo, patrocinados pela indústria farmacêutica.

Pois foi num desses *libri dei secreti* que surgiu pela primeira vez a notícia do fórceps, milagroso instrumento obstétrico do qual se proclamava que com adequado manejo ele poderia resolver todos os partos difíceis e demorados.

A NOITE DE SÃO BARTOLOMEU E A INVENÇÃO DO FÓRCEPS OBSTÉTRICO

Um dos maiores massacres da história antiga (pois na história moderna deram-se massacres bem mais alentados em número de mortos), a Noite de São Bartolomeu vitimou cem mil protestantes franceses, principalmente calvinistas, chamados de huguenotes. Do alto das torres das igrejas sinos repicavam, nas ruas desfilavam procissões de fiéis alegradas por cânticos de louvor em agradecimento a Deus pelo extermínio dos "hereges". Também em Roma, os sinos bimbalharam, a manifestar o contentamento do papa Gregório XIII pela vitória dos católicos e da Coroa francesa sobre a corrente protestante. E para comemorar os trágicos acontecimentos na França, a suprema autoridade da Igreja oficiou um solene Te Deum e ordenou a cunhagem de uma medalha de ouro.

Com o advento do cristianismo, a Europa passou por muitas crises políticas, econômicas e sociais, mas nada se comparou aos conflitos entre católicos e protestantes na França, no século 16, originados por divergências entre a nobreza, o clero e a ascendente burguesia. Os seguidores de Martinho Lutero (1483-1546) e de João Calvino (1509-1564), iniciaram uma revolução religiosa que ao fim e ao cabo também revolucionou as estruturas políticas e econômicas européias, as quais acabaram por abalar as até então pétreas bases da igreja católica. Na verdade, as reformas protestantes, que podem também ser denominadas como revoluções, dados a profundeza das alterações sociais e o elevado número de vítimas delas resultantes, causaram encarniçadas lutas por liberdades democráticas, individuais e coletivas, alcançando assim os objetivos de libertação social, política e religiosa, fatores que proporcionaram a ascensão da burguesia, (a classe mais revolucionária da História, segundo Karl Marx escreveu em seu Manifesto), o surgimento das idéias iluministas e o advento da industrialização e do proletariado urbano.

Então, quando na malfadada noite de 24 de agosto de 1572, por ordem da Catarina de Medicis, foram assassinados milhares de calvinistas franceses, dois médicos se salvaram, embora pertencessem a essa dissidência religiosa. Um deles, Ambroise Paré, o criador de várias manobras obstétricas, cirúrgicas e fundador da ortopedia, safou-se por seu grande prestígio profissional e por ser médico da Rainha. O outro, chamado Guillaume Chamberlain, conseguiu fugir para a Inglaterra, onde alterou seu nome para William Chamberlain, mas não mudou de especialidade, a obstetrícia. Seus descendentes adquiriram grande fama devido a invenção do fórceps obstétrico, atribuída a um deles, Pierre Chamberlain (1560-1631), (embora alguns historiadores atribuam a invenção aos médicos Avicena e Albucassis, século IX, o primeiro, persa e o segundo árabe-andaluz), além de ser parteiro das damas da realeza, praticava o charlatanismo com grande e eficaz habilidade. E com total impunidade.

Os irmãos Chamberlain, além de impedirem a divulgação daquele instrumento, exerciam um rígido controle sobre o ensino da obstetrícia. Justificando suas auto-adquiridas prerrogativas, proclamavam que somente eles podiam levar a bom êxito a partos difíceis, onde outros tentavam e fracassavam. Assim, os Chamberlain foram passando o secreto instrumento para seus descendentes, destacando-se um deles, Hugo (1630-1706) filho de Pierre. Este Chamberlain, entre outras práticas duvidosas, fazia distribuir um panfleto escrito por seu pai e intitulado: "A supressão dos gritos de mulheres e crianças graças à compaixão

de Pedro Chamberlain, no qual acrescentou no final: Meu pai, meus irmãos e eu – e ninguém mais na Europa – pela graça do bom Deus e por nossa própria habilidade, há muito tempo empregamos um método, de extrair a criança do claustro do ventre materno sem qualquer prejuízo para a mãe e seu filho, enquanto que outros parteiros põem inevitavelmente em perigo, senão as destroem, uma ou ambas as vidas com seus instrumentos antigos".

No entanto, para contrastar com aquela postura tão onipotente quanto charlatanesca, o grande Ambroise Paré dizia a seus pacientes: "Eu limpo e trato os ferimentos, Deus os cicatriza".

A conduta médico-profissional de Hugo Chamberlain acabou por criar-lhe problemas junto a seus colegas os quais acabaram o acusando de *praxi illicita et mala.* Para piorar sua situação, envolveu-se em atividades políticas nas quais não passava de um amador. Para fugir dessas complicações dirigiu-se a Paris à procura da mais tranqüila atmosfera do reinado de Luis XIV. Lá chegando, logo colocou à venda o precioso segredo da família, o qual despertou a curiosidade e o interesse de François Mauriceau (1637-1709), à época o mais famoso parteiro da França.

> *A 19 de agosto de 1670 – relata Mauriceau — fui chamado para atender uma mulher cujo trabalho de parto já durava quatro dias. Ao chegar, recomendei à parteira que lhe desse uma infusão de sene para estimular as contrações. Não obstante, me foi impossível extrair a criança, pois a mulher era tão pequena e os ossos da bacia tão apertados (na realidade tratava-se de uma anã raquítica), que eu não podia sequer introduzir a mão para tracionar a criança, embora minha mão seja pequena. Solicitei então a presença do Dr. Hugo Chamberlain, médico inglês que se encontrava em Paris e que, com seu novo instrumento, prometera resolver o caso com toda a segurança e em um quarto de hora.. Passadas três horas, após empregar toda sua força e engenho, verificando que a parturiente estava quase morta , viu-se obrigado a abandonar as infrutíferas tentativas e confessar que nada mais podia fazer.*

Finalmente, para culminar a atuação do Dr. Hugo Chamberlain com seu secretíssimo instrumento, tanto a criança como a mãe acabaram morrendo.

Assim se conta a história da pobre e anônima anã raquítica que derrotou o tão orgulhoso quão famoso parteiro inglês.

DE COMO TERMINOU A AVENTUROSA HISTÓRIA DO FÓRCEPS

Prosseguindo em nossa história do fórceps obstétrico, Hugo Chamberlein como conseqüência dos infaustos procedimentos de Paris, dirigiu-se a Holanda onde premido por dificuldades financeiras vendeu seu segredo para Rodger van Roonhuysen, parteiro de Amsterdam, o qual continuou o usando para seu proveito próprio, até que em 1732 um outro parteiro chamado Rathlow, acabou por torná-lo público. Na verdade o que este apresentou aos seus colegas holandeses foi uma simples lâmina encurvada de ferro que passou a ser conhecida como "alavanca de Roonhuysen". Isto nos faz concluir que para remate de seu charlatanismo Hugo Chamberlain vendeu apenas uma das duas colheres do fórceps para o ingênuo obstetra holandês. Não sabemos, no

entanto, se esta versão é totalmente verdadeira já que existem relatos informando que o Colégio Médico de Amsterdã, por sua vez, traficava com o instrumento, outorgando licenças para o exercício da obstetrícia somente para quem comprasse o referido instrumento por elevado preço.

Diferente, por exemplo, foi a atitude do professor de cirurgia Jean Palfyn que, em 1721, com a idade de 71 anos, percorreu a pé os 300 kms que separam Gand nos Países Baixos de Paris, unicamente para apresentar perante a Academia Francesa de Ciências, sua versão de um fórceps *(maisn de fer*) , dando assim uma demonstração de um verdadeiro altruísmo científico. Num procedimento que o italiano Cuzzi chamou de *vergogna,* o espanhol Zarate observou que os Chamberlain, ao explorar seu invento de maneira tão iníqua, apenas seguiram os costumes da época, já precocemente denunciados no livro de Constantino Saccardino.

Finalmente, em 1813, no condado de Essex, Inglaterra, ao ser reformada uma casa que pertencera à família Chamberlain, sob as taboas do assoalho, foi encontrada uma caixa contendo quatro pares de fórceps, sendo que só a partir dessa data , cem anos depois da *mala práxis* dos Chamberlain o útil e seguro instrumento passou a ser amplamente divulgado. O obstetra catalão Dexeus Font pensa ser provável que a tradução da Enciclopédia Médica do árabe Albucassis que começou a ser divulgada na Europa a partir de 1519, tenha inspirado os Chamberlain na "invenção" de seu tão eficiente quanto rendoso segredo, o qual foi manejado de uma forma que — segundo o parteiro Chassagny, de Lyon — os descendentes de Guillaume, depoisWilliam, o huguenote, terão um dia de responder como réus, perante o tribunal da história.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Gottschall, CAM. Pilares da Medicina – A Construção da Medicina por seus pioneiros. Editora Atheneu, 2009.
2. *Porter, R. The Greatest Benefit* of *Mankind.* A Medical History of Humanity from Antiquity to the Present. HarperCollins Publishers, 1997.
3. Gordon, R. Great Medical Disaters. Barnes&Noble Books, 1983.
4. Hayward, JA. Historia de la Medicina. Fondo de Cultura Econômica, 1956
5. Perroy , E. LA Edad Media. Historia General De Las Civilizaciones Ediciones Destino, 1980.
6. Bernhart, J. O Vaticano Potência Mundial. Irmãos Pongetti Editores, 1949.
7. Arruda, J J. de A. História Antiga e Medieval. Editora Ática, 1982.
8. Pe. Leonel Franca S. J. A Igreja, a Reforma e a Civilização. Livraria Catholica, 1925.
9. André, R. A Prodigiosa História da Humanidade (Vols. I e II). Zahar Editores, 1964.
10. Curtius, E R. Literatura Européia e a Idade Média Latina. Instituto Nacional do Livro, 1957.
11. Valentin, V. História Universal (Vols. I e II) . Livraria Martins Editora, 1964.
12. Thomas, H. História da Raça Humana, Através da Biografia. Editora Globo, 1983.
13. Wells, HG. História Universal (Vols. I, II, III). Companhia Editora Nacional, 1939.
14. Lyons, A S. Petrucelli, R. J. II. Medicine, an Illustrated History. Abradale Press. Harry N. Abrams, Publishers, 1987.

O SANGUE ENTRA E SAI DO CORPO

Carlos A. M. Gottschall
Professor Emérito da Fundação Universitária de Cardiologia de Porto Alegre. Presidente de Honra da Associação Gaúcha de História da Medicina. Membro titular das Academias Sul-Rio-Grandense e Nacional de Medicina.

As centenas de séculos transcorridas entre as hemorragias do caçador de mamute e do soldado grego da *Ilíada* não foram suficientes para mudar o entendimento dos seus contemporâneos sobre o que acontecia. Em todos os casos era a fonte da vida que brotava do corpo abatido e se dissipava na terra. O sangue simplesmente saía do corpo agonizante, mas, como se formava, onde se escondia e o que fazia para manter a vida era um mistério para os homens, representava apenas a vontade dos deuses. Deuses que tudo explicavam pela lenda e pelo mito, o que bastava para saciar a curiosidade e o temor dos homens. O início de racionalidade que começava a surgir foi capaz de dar aos homens poderes para perceber o primado daquele líquido vermelho em manter a vida. Esta, sem ele, é impossível. Se a vida se esvai com a saída do sangue, então ele é a sede da vida, concluíam.

Em uma visão comum às batalhas de todos os tempos, membros decepados e cabeças separadas do corpo jaziam em cima de poças de sangue, só que, conforme Erasístrato – o grande fisiologista da Escola de Alexandria, 300 anos antes de Cristo, até o advento de Galeno (120 – 200 "d.C.") médico grego, que exerceu a medicina também em Roma, tendo dupla nacionalidade – era pensamento comum que o vital líquido vermelho saia somente das veias; quando iam examinar, as artérias estavam vazias, apenas cheias de ar; daí o termo *ar*téria. E era exatamente para isso que esses tubos serviam, pensavam, de acordo com o que explicara Erasístrato: para carregar o *pneuma*., algo etéreo a partir do ar, que mantinha a vida. Ao ligar um segmento arterial em dois pontos, Galeno demonstrou que as artérias contém sangue rutilante e não ar. Era o sangue *pneumatizado*, uma tosca antecipação da oxigenação do sangue, a ser descoberta quase dois mil anos depois.

Muito antes disso, o homem começou a ser homem pensando, e o primeiro pensador foi o feiticeiro das cavernas. Observando fenômenos naturais e não relacionando causa com efeito, sua mente os explicava pelo sobrenatural e pelo fantástico. Assim é que a primeira teoria sobre as causas das doenças residiu na crença de que espíritos malignos invadiam o corpo do doente, por culpa deste ou por maldição externa. Para curá-lo era necessário eliminar o espírito da doença, uma vez que, dependendo da interpretação a ser dada, o mau espírito até se abrigaria no sangue. Essa interpretação pode ser uma das explicações para a imemorial prática da sangria para curar doenças. Desenho numa

tumba registra que há mais de 2500 anos os egípcios já praticavam sangrias com finalidade mágico-terapêutica.

Por carregar também o espírito vital, o sangue, ao jorrar para fora do corpo levava com ele a vida. Mas havia uma contrapartida: a perda de menor volume de sangue também aliviava males, como é o caso do desaparecimento da tensão pré-menstrual após a menstruação. Então, perder um pouco de sangue fazia bem. Considerando os primórdios da medicina, é difícil saber como surgiu a prática da sangria; pode ter sido como sacrifício aos espíritos e depois aos deuses. Também pode ter surgido da observação de alívio pós-menstrual nas mulheres, cuja tensão pré-menstrual atribuíam a excesso de sangue impuro, e não a alterações hormonais, que desconheciam. Muito depois, foi extensamente praticada para livrar o corpo e a alma de "impurezas" trazidas pelas doenças e "retidas" no sangue.

Nos tempos dos antigos gregos surgiu, introduzida principalmente pela escola hipocrática, a primeira teoria racional sobre a fisiologia humana e o surgimento das doenças. Entretanto, o organismo não era visto constituído por sistemas independentes, como hoje – respiratório, circulatório, digestivo, urinário, nervoso, linfático, endócrino, etc –, e também nada sabiam da existência da circulação, da respiração, dos hormônios, microorganismos, genes, infecções, imunologia. Para eles, o corpo representava um microcosmo imitando o macrocosmo da natureza. Esta e a constituição da matéria eram vistas como compostas pelos quatro elementos – água, ar, terra e fogo –, que, unidos com as quatro qualidades – calor, frio, umidade e secura –, em proporções diferentes, formavam todos os corpos inorgânicos e orgânicos existentes.

Por analogia e correspondência supunham que o corpo era governado por humores – flegma (frio e úmido), bile negra (fria e seca), bile amarela (quente e seca) e sangue (quente e úmido). Dando coerência a essas idéias, e deduzindo (acontece que a ciência não é dedutiva mas indutiva, mostrariam muito mais tarde Bacon, Galileu e Locke), a saúde dependeria do equilíbrio entre os humores – idéia provinda da escola pitagórica, de Pitágoras de Samos, que atribuía à natureza a busca de equilíbrio, proporção e limite. Como doenças se manifestam por tosse, expectoração, coriza, sangramento, edema, icterícia, diarréia, constipação, esses e outros sinais eram vistos como desequilíbrio de humores, o que conduziu logicamente a terapêuticas baseadas em retirada de excessos, usando-se purgas, ventosas, cataplasmas, dietas, eméticos, suadores, sangrias. Tal interpretação sobre doenças e as conseqüentes terapêuticas se mantiveram por milênios e muitas chegaram até o século XX. Entretanto, Hipócrates recomendava moderação: "Sangra nas afecções agudas, se a enfermidade parece forte e os pacientes se encontram no vigor da vida".

Galeno, no século II, foi muito mais intervencionista que Hipócrates e intensificou a prescrição de sangrias. Vitalista, Galeno considerava o sangue a essência espiritual do homem fluindo desde o fígado (onde se formava o espírito natural a partir dos alimentos) ao coração (onde se formava o espírito vital no ventrículo esquerdo) e deste até o cérebro (onde se formava o espírito animal que se distribuía pelos nervos para o corpo, responsáveis pela sensibilidade e motilidade). Essa trindade adquiriu status de dogma na Idade Média e estendeu-se à medicina árabe. O pensamento galênico de que o sangue se formaria continuamente dos alimentos

e se transformaria em transpiração ajudou a justificar as primitivas idéias de que retirar "sangue ruim" seria útil para restaurar o equilíbrio orgânico e formar-se "sangue bom", além do suposto benefício para equilibrar a quantidade entre os dois lados da circulação, em caso de apoplexia. Assim é que os grandes médicos da Antiguidade e da Idade Média recomendavam sangrias para limpar o organismo de sangue mau, e provocar a formação de novo sangue livre de impurezas e doenças.

Sofisticando a tentativa de reequilibrar humores, o tratamento com sangrias e ventosas, assim como o uso de emplastros e cataplasmas, intensificou-se no tempo dos romanos, sempre com o objetivo de retirar o excesso de secreções do corpo. Havia sangrias úmidas e secas, cada uma com indicações específicas. As úmidas requeriam incisões na pele, colocava-se uma mecha de linho em combustão dentro de ventosa metálica ou de vidro, que era então aplicada sobre a pele. Como uma sanguessuga artificial, o vácuo criado aspirava o sangue. Na sangria a seco não havia corte mas a sucção era considerada suficiente para "extrair" o humor prejudicial.

Por muito tempo a sangria foi o principal norteador da atividade médica. Sangrias foram largamente praticadas por médicos dos séculos XV a XIX, sendo para muitos o método preferido de tratamento. Registra a história que o maior obcecado compulsivo por sangrias foi Guy Patin, o poderoso e horroroso diretor da Faculdade de Medicina de Paris no século XVI. Sangrou sua mulher doze vezes por uma bronquite, seu filho vinte vezes por uma febre e a si mesmo sete por um catarro nasal. Recomendava sangria desde o nascimento até a mais provecta idade, informando que o fim do procedimento deveria ser determinado pelo desfalecimento do paciente. Para isso seria melhor fazer a sangria em pé.

Esse comportamento não ficou restrito ao velho mundo, foi trazido para a América na época colonial pelos médicos aqui nascidos mas que iam estudar medicina na Europa. Benjamin Rush, reformador social e político, signatário da Declaração de Independência dos Estados Unidos, dedicado ao extremo aos pacientes, aplicava purgantes e copiosas sangrias, algumas chegando até dois litros, e inculcou essa idéia a gerações de profissionais. George Washington foi sangrado no seu leito de morte e morreu dois dias depois, apesar do tratamento correto, afirmavam os médicos. Na América Latina, os práticos portugueses e espanhóis não fizeram por menos e o método passou também para o domínio dos barbeiros. Sangrias serviam para tudo, até para tratar anemia!

Considerando-se o século XIX, só em 1833, foram importadas quarenta milhões de sanguessugas na França, cujo uso para sangrar podia ser considerado brando em relação às ameaçadoras flebotomias. Na Itália e em outros países europeus não se dava por menos, e os médicos ingleses tanto respeitavam as sangrias que batizaram de *The Lancet* (A Lanceta) uma de suas mais respeitáveis publicações médicas, prestigiada até hoje. Na medicina moderna a sangria pode ainda ter lugar em raras situações de policitemias extremas, para alívio circulatório, embasada em princípios fisiológicos. De qualquer maneira, de todas as práticas médicas cujo mau uso mais matou na história, nenhuma superou os milênios de assassinatos pelas sangrias.

Qualquer homem é produto de sua época, alguns na frente, outros atrás, mas todos

com matizes dela. Assim é que nos séculos XVII e XVIII mesmo os representantes mais geniais, mais cultos, ostentavam elementos irracionais nas suas ponderações, aos olhos de hoje. O progresso científico não demoliu nem demolirá as crenças. Eliminando-se um mito, imediatamente surge outro para preencher seu lugar, pela simples razão de que a mente humana não consegue e não deve viver sem algo em que acreditar sem provas. Nós, os "todo-poderosos modernos" continuamos vivendo a espalhar mitos.

No século XVII floresceu o Iluminismo, surgindo com ele contribuições científicas fundamentais para a humanidade depois de vencidos muitos dogmas eclesiásticos. Galileu criara a ciência e o método científico baseado em observação, experimentação, mensuração, análise e conclusão, Boyle e Mariotte explicaram o comportamento dos gases, Descartes sofisticou o racionalismo e a doutrina mecanicista, Harvey descobriu a circulação do sangue, Newton enunciou a lei da gravitação universal, surgiram os primeiros instrumentos médicos, termômetro, balança, relógio de pêndulo, microscópio. Por meio deste, Malpighi demonstrou a existência dos capilares, fechando o sistema circulatório de Harvey. Porém, mesmo os melhores médicos dos séculos XVII e XVIII não tinham a menor visão científica sobre medicina. Tratavam seus doentes com um misto de curandeirismo, alguns conceitos herdados de Hipócrates, Galeno e Avicena, magia, rezas, salmos e astrologia. A terapêutica baseava-se principalmente na suposta correção dos humores alterados, em ervas e raízes (algumas eram úteis), vermes, carne de cobra, pedras preciosas trituradas, olhos de caranguejo, raspado do crânio de vítima de morte violenta, excrementos de animais e por aí vai. Seguindo conselhos dos cirurgiões diplomados, e também por conta própria, os barbeiros-cirurgiões continuavam sangrando os pacientes, às vezes até a morte, para retirar com o sangue os "espíritos malignos" das doenças.

A descoberta de que o sangue circula pelo organismo saindo do coração pelas artérias e retornando pelas veias foi a mais profunda constatação da medicina em mil anos. Motivados por esse revolucionário conhecimento, muitos pesquisadores começaram a imaginar o que aconteceria se substâncias fossem injetadas nos vasos e os efeitos que causariam, levados pelo sangue, nos diversos setores orgânicos. Christopher Wren, o lendário arquiteto projetista da *St. Paul's Cathedral*, e Robert Boyle, o célebre químico que abalara a teoria dos quatro elementos, por volta de 1660 penetraram na circulação injetando em cachorros, por meio de uma pena, ópio e antimônio,— substâncias que provocaram respectivamente sono e vômitos — abrindo nova senda de múltiplas possibilidades experimentais e terapêuticas e provocando a criação de seringas intravenosas. Mais do que isso: o sistema circulatório deixava de só fazer jorrar sangue e passava a ser objeto de intervenções controladas vindas do exterior.

A partir daí vários outros começaram a injetar experimentalmente em animais vinho, urina, leite, com resultados desastrosos, até que Richard Lower imaginou injetar o óbvio: sangue. Naturalmente surgiu a idéia de modificar comportamentos indesejáveis trocando o sangue, pois este era a sede da alma. De 1665 a 1667 realizou trocas de sangue entre cordeiros. As primeiras transfusões foram tentadas para modificar o caráter, usando sangue de carneiro, animal símbolo da resignação. Como se comportaria um carneiro transfundido com sangue de cachorro? E um bispo

com sangue de um ateu? Absurdos à parte, a verdadeira função do sangue é carregar oxigênio para as células e nutri-las, mas isso só foi entendido séculos depois.

Até o século XIX, considerava-se que a vida dependia exclusivamente de espíritos ou forças vitais, completamente afastados de qualquer fenômeno mecânico ou determinístico, a matemática, a física e a química não tinham nada a ver com fenômenos naturais. Explicações sobre vida, temperamentos, condutas, saúde e doença repousavam na posição dos astros no momento do nascimento, no pecado original, na doutrina da predestinação de Santo Agostinho, na teoria dos humores. Por ser o sangue a sede da alma, esta viajava com ele. Assim, o sangue de um touro traria um espírito bravio, o de uma ovelha, a mansidão, o de um homem temente a Deus, a graça divina e o de um bandido, um espírito maligno.

Estudante de medicina em Oxford quando Wren e Boyle publicaram seus resultados, Richard Lower depois foi bolsista deles e em 1665 tentou transfusões de sangue de cachorro a cachorro por meio de uma cânula unindo veias. Mas as baixas pressões iguais não impulsionavam o sangue de um a outro, que acabava coagulando, até que atinou ligar artéria a veia, conseguindo transfusões eficazes, idéia que ficaria para sempre. Experimentou sangrar animais até quase a morte e depois ressuscita-los com transfusões a partir de outros da mesma espécie, demonstrando assim que sangria mata e transfusão devolve a vida. As especulações continuaram: então, todos se questionavam em tabernas se recepção de sangue moldaria o temperamento do receptor ao do doador, bem como o comportamento, a cor dos pelos?

A idéia de transfundir sangue passou a ser a nova panacéia da medicina e um ano depois o francês Jean-Baptiste Denis trocou a cânula por um par de cilindros de prata conectados por uma bolsa que, comprimida, transferia sangue de um indivíduo a outro. Muitos animais morriam mas os que sobravam serviam para louvar a idéia de transfundir sangue. Nos próximos meses Denis aperfeiçoou a técnica e praticou dezenove transfusões entre cachorros, segundo ele com ótimos resultados. Depois injetou num cachorro sangue de terneiro e transfundiu um cavalo com sangue de quatro cachaços.

Denis, um médico de origem humilde e face severa, ávido de saber, estudara em Montpellier, regressara a Paris, chegando a ser um dos médicos de Luís XIV, e interessava-se por tudo que fosse novidade no conhecimento matemático, físico, científico. Porém, fiel ao seu tempo, acreditava que a alma residia no sangue. Um dia o conde de Montmor, seu nobre patrocinador, levou-lhe um louco que desmoralizara todos os tratamentos (geralmente castigos e bordoadas) para que melhorasse e sugeriu-lhe que transfusão de sangue de cordeiro poderia acalmar o doido. Denis aplicou-lhe duas transfusões usando um tubo para transferir às suas veias sangue do animal. Na primeira vez tudo correu bem e o louco acalmou-se. Na segunda, dois dias depois, sofreu violenta reação de incompatibilidade, acompanhada por dores lombares e abdominais, asfixia, vômitos, hematúria, sintomas que, de acordo com a época, foram atribuídos à luta do organismo para expulsar a doença. Depois de quase morrer, continuou urinando sangue e melhorou, acalmou-se, tornou-se até carinhoso com a mulher, que antes espancava. O tratamento foi considerado um sucesso. Os ingleses, entretanto, enciumaram-se porque se consideravam donos do método, além do que, com eles, redundara em fracasso.

Os que consideravam sangrias um tratamento natural para reequilibrar o organismo rebelavam-se contra a idéia de transfundir sangue. Denis e os primeiros transfusionistas rebatiam as críticas à moralidade da prática transfusional dizendo que não havia nada de imoral no ato de um homem receber sangue de animais. Acaso estes já não forneciam carne e leite para manter humanos vivos? Acaso não era um plano da natureza intercambiar sangue, pois não é o que acontece ao iniciar-se uma vida, quando a mãe fornece sangue ao feto? Racionalizando a questão, estava aberto o caminho para humanos receberem sangue de animais, o que pensavam ser mais apropriado do que sangrar um homem ou uma mulher para salvar outro: "Seria uma operação muito bárbara prolongar a vida de alguns encurtando a de outros".

Vencida a questão ética e depois de várias transfusões em diversos pacientes, segundo ele com ótimos resultados, Denis publicou suas experiências no *Philosophical Transactions* de julho de 1667. Richard Lower ficou furioso, acusou-o de roubar sua idéia e, por sua sugestão, o Dr. Edmund King transfundiu sangue de cordeiro para um homem que sobreviveu. Lower testou transfusões de sangue, não para combater qualquer tipo de anemia mas para corrigir defeitos da alma. Coerentes com o pensamento de que a alma estava sediada no sangue, agitação, loucura, cólera eram atribuídas a mau sangue. Substituindo-o pelo de carneiro, um animal pacífico – a imagem bíblica da bondade divina –, o possesso deveria melhorar.

A seguir foi um passo para idéia e prática de transfusões difundirem-se como uma cura para todos os males do corpo e da alma, pela Alemanha, Itália, Holanda e outros países. É claro que a expansão do método além de alguns casos favorecidos pela boa sorte teria que redundar em fracasso e muitos pacientes começaram a morrer. Reacionários, em vez de procurar soluções para favorecer uma prática que poderia ser útil, passaram a chamá-la de monstruosa e conseguiram – depois de discussões e ataques por dois anos com motivações políticas da Academia Francesa contra a de Montmor –, que as transfusões de sangue para humanos acabassem proibidas pelo Parlamento, o que foi seguido pelos ingleses e por uma proibição papal para tal prática.

A partir daí transcorreria século e meio antes que transfusões entre humanos, o jorro de sangue de um corpo para outro, fossem retomadas. Mesmo depois de ser proibida no século XVII a transfusão de sangue continuou despertando curiosidade, mas a primeira de sangue humano no século XIX, recolhido de vários circunstantes presentes – agora para tratar hemorragia e não para curar a alma –, só ocorreu em 1818. O paciente faleceu e isso se repetiu com outros, mas em onze anos e dez pacientes depois o médico James Blundell, em Londres, conseguiu salvar cinco, resultados considerados satisfatórios para a época. A seguir houve um entusiasmo renovado em vários países da Europa e surgiram novos dispositivos para transferir sangue de uma pessoa a outra, geralmente 200 a 400 mililitros. Na segunda metade do século XIX práticas transfusionais voltaram a ser comuns e até foram feitas no Novo Mundo. Como um exemplo da absoluta confusão científica da época, alguns médicos chegaram a transfundir leite, convencidos de que seus corpúsculos brancos se transformariam em glóbulos vermelhos. Em 1844, Francis Rynd, na Irlanda, inventou a agulha perfurada e aplicou a primeira injeção subcutânea do

mundo e, em 1853, Charles Pravaz, em Paris, e Alexander Wood, em Edimburgo, iniciaram a introdução hipodérmica de medicamentos por meio de seringa e agulha, precursoras das atuais. Já em 1832 Thomas Latta utilizava infusões de solução salina para tratar casos de diarréia por cólera. Todos esses avanços estiveram apoiados na idéia inicial de transfundir sangue.

No século XIX a medicina instrumentalizou-se, quantificou-se, e a prática das sangrias passou a ser abalada por convicções médicas emergentes baseadas em observações empíricas, respeito aos números e novas teorias sobre doenças. O primeiro abalo foi quando, numa epidemia em cidades britânicas, por volta do primeiro terço do século, alguns médicos começaram a questionar os supostos benefícios da sangria ao verificarem a piora de doentes febris ou tifosos submetidos a ela. "Em presença de febre renuncie à sangria", aconselhava um médico escocês. O segundo foi quando Pierre-Charles-Alexandre Louis, um indivíduo alto e sombrio com costeletas, empunhando um caderno no hospital de *La Pitié* em Paris, registrava de leito em leito respostas dos pacientes a perguntas sobre quando começou a doença, que sintomas sentiam, qual foi o efeito do tratamento. A partir daí criou gráficos que documentavam o curso de enfermidades e a influência da terapêutica. Utilizando esses dados concluiu que o benefício da sangria não era o que pensavam os médicos. O impacto foi tremendo. Por fim, novas teorias sobre doenças decorrentes dos trabalhos de Morgagni, de Bichat e de Virchow – colocando respectivamente a origem das doenças e dos sintomas nos órgãos, nos tecidos e nas células –, e a teoria microbiana de Pasteur e Koch – que imputava a micróbios outras tantas –, terminaram com a teoria dos humores e a lógica das conseqüentes sangrias que, por efeito residual persistente, mantiveram-se até seu completo ocaso no século XX.

A petulância com que alguns homens modernos beneficiários de acúmulos de conquistas passadas encaram essas mesmas conquistas nada mais é do que falha de discernimento. Se hoje sabemos tanto é porque existiram muitos desbravadores antes de nós, que, passo a passo, têm nos conduzido ao caminho certo. Em favor da justiça deve ser reconhecido que, embora assentados em teorias erradas, os primeiros transfusionistas prestaram enorme serviço à medicina. Numa época em que o sangue era considerado mágico e sede de maus espíritos – e o único tratamento por meio dele a sangria –, eles o conceberam como um nutriente biológico, capaz de dar vida de uma pessoa a outra e abriram uma brecha na teoria dos humores, mostrando que a vida depende também de substâncias químicas, vasos e bombas, além de abalar a prática do sangramento, já que o sangue poderia ser elemento nutritivo e não humor maligno.

No início do século XX a ordem era a novidade e a mudança. Contribuições que mudaram a conduta da humanidade surgiam uma atrás da outra: Albert Einstein enunciou a teoria da relatividade, Max Planck a da física quântica, Marie Curie descobriu o elemento rádio e a radioatividade, os irmãos Wright e Santos Dumont inventaram o avião, Guglielmo Marconi uniu continentes pela voz do rádio. Na medicina, os raios X de Roëntgen mostravam o interior do corpo humano, Walter Reed provou que a febre amarela transmitia-se por um mosquito, Paul Ehrlich introduziu o primeiro remédio sintético da história, o comportamento do homem começava a ser desvendado por Freud e Pavlov.

Nessa atmosfera de transformações algo tão vital como a transfusão de sangue teria que sofrer uma revolução.

Sabendo da morte do presidente Sadi Carnot, da França, pelo punhal de um anarquista italiano que lhe rompeu a veia cava em 1894, o grande cirurgião Aléxis Carrel inconformou-se com a mesmice dos cirurgiões, que eram incapazes de ligar artérias e veias. Também mestre da promoção pessoal, seus estudos e trabalhos sobre anastomoses vasculares no início do século XX deram novo impulso técnico às transfusões e a legiões de médicos. Para isso os médicos precisaram aprender que existem vários tipos de sangue humano e que esses necessitam ser compatíveis, a fim de que o paciente tratado por esse método se beneficie.

Embora já tivessem surgido Pasteur, Semmelweis e Lister, no quarto final do século XIX os médicos não praticavam esterilização, nada conheciam sobre grupos sanguíneos, não tinham técnicas de conservação do sangue e mais da metade das transfusões terminavam em morte. Por isso, eminências como o célebre cirurgião Theodor Billroth denunciaram o método como prejudicial, até que em 1900 Karl Landsteiner descobriu e denominou os tipos sanguíneos A e B, cujos plasmas, numa típica reação antígeno-anticorpo, aglutinavam glóbulos de outros, e O, cujo plasma não provocava reação nenhuma com qualquer tipo de glóbulo. Em 1902, foi identificado o grupo AB por De Costello e Starli e, mais tarde, o sistema Rh, dando total segurança às transfusões.

Mas dê-lhe inércia. Apesar de Landsteiner ganhar o prêmio Nobel por seu trabalho, este permaneceu desconhecido durante anos para a maioria dos médicos. Somente mais de dez anos depois os testes de compatibilidade sanguínea começaram a entrar na prática por meio do médico Reuben Ottenberg do *Mount Sinai* que havia lido os trabalhos de Landsteiner. Ottenberg mostrou o desaparecimento das reações indesejáveis com essa providência mas ainda assim os cirurgiões sentiam-se invadidos na sua prática pelos homens do laboratório. As transfusões continuavam diretas da artéria do doador à veia do receptor para evitar o contato com o ar e a coagulação do sangue. O procedimento era doloroso e os doadores raros, muitos persuadidos por uma boa gorjeta. Em 1913, Edward Lindemann trouxe o avanço de ligar os pacientes por seringas apropriadas em vez de por anastomoses. Depois Lester Unger aperfeiçoou o método, porém persistia o problema da coagulação do sangue em contato com o ar.

Tendo sido descartado, por meio do aperfeiçoamento de aparelhos, o inconveniente de anastomosar vasos do doador aos do receptor para transfundir sangue, tendo sido resolvido o perigo da incompatibilidade, restava o problema da conservação do sangue, que coagulava após alguns minutos em contato com o ar e bloqueava a transfusão. Vários pesquisadores testaram muitas substâncias anticoagulantes para adicionar ao sangue transfusional, mas que alteraram as propriedades deste ou causaram reações indesejáveis, até que, depois de anos, o doutor Richard Lewinson chegou à solução de citrato de sódio a 0,2% e a mágica se fez: o sangue do doador conservava-se líquido sem representar perigo para o receptor.

Assim, na história da humanidade, o sangue foi considerado a fonte da vida, a sede da alma e a localização dos maus espíritos nas doenças. Antes foi tirado para eliminar moléstias corporais e espirituais e agora é infundido para curá-las, por ser veículo de oxigênio,

de nutrientes e de substâncias imunológicas. Esse mesmo sangue atinge os últimos porões dos organismos com a função primordial de transportar oxigênio para as células dos corpos. O faz por meio da hemoglobina, o pigmento que lhe dá a cor vermelha.

É incrível que uma prática inútil e perniciosa como a sangria tenha se mantido por tempos imemoriais e por documentados vinte e cinco séculos de história, iludindo médicos e pacientes. Talvez a explicação se deva a sentimento de onipotência por parte dos médicos, dogmas arraigados, inércia mental, alternativa de algo a fazer, sensação de euforia pelos doentes depois de, apesar da sangria, a natureza vencer uma doença debilitante, e auto-sugestão pelos pacientes. Conforme mostra a história da medicina, os avanços da terapêutica clínica sempre têm vindo a reboque dos progressos nas ciências básicas. Assim é que a maior descoberta da fisiologia humana, a da circulação sanguínea, mostrou que o sangue não serve apenas para jorrar ou para ser infundido mas antes de tudo para levar oxigênio, nutrientes e anticorpos às células e delas retirar bióxido de carbono e catabolitos. Muito mais do que jorrar, o sangue deve circular.

REFERÊNCIAS

1. López Piñero, J. *Breve historia de la medicina*. Alianza Editorial S.A., Madrid 2000.
2. Gottschall C. *Pilares da Medicina*. Editora Atheneu. Rio de Janeiro e São Paulo, 2007.
3. Gottschall C. *O sopro da alma e a bomba da vida*. Editora Fundação Universitária de Cardiologia e Editora AGE Ltda, Porto Alegre 2000.
4. Starr D. *Historia de la sangre. Leyendas, ciência y negocio*. Ediciones B.S.A, Barcelona 2000
5. Jacques-Marin S. *Médecines curieuses d'autrefois*. Charles Corlet Éditions, Paris 1996.

O HOMEM ELEFANTE DA PRAÇA DOM FELICIANO

Fernando Neubarth

Médico e escritor. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia. Secretário geral da Liga Pan-americana de Associações de Reumatologia Diretor de Ensino e Pesquisa do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

A história se faz de grandes acontecimentos, do registro de fatos considerados importantes e de pequenas vivências que raramente expõe-se em fortuitos relatos da vida quase privada. E certas situações, por sua contundência, permanecem vívidas, à espreita, aguardando pacientemente uma oportunidade para manifestarem sua virulência ou sua mediocridade.

Cumpria um estágio na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, quinto ou sexto ano da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O paciente à espera da cirurgia encontrava-se deitado com o rosto voltado para a parede, num quarto de frente para a praça, que compartilhava com mais dois ou três enfermos. Era jovem, talvez não tanto quanto nós à época, uma colega e eu que havíamos sido incentivados a visitá-lo pelo professor de cirurgia, que não escondia sua ansiedade à espera das fotografias que tirara no dia anterior. – Que fiquem bem reveladas, vai dar uma bela publicação de caso – repetia ele.

Apesar de termos sido avisados, guardo com nitidez o impacto, mais desconserto do que repulsa, quando o paciente se virou, atendendo ao nosso chamado. Uma profusão de tumores tomava-lhe principalmente a face, deixando-se cair em pêndulos sobre o pescoço e o tórax. Outros ainda pelo corpo, mas sem causar a mesma impressão de monstruosidade que deformava o rosto. Sofria de neurofibromatose, doença de von Recklinghausen, (1) desordem genética que se acompanha de características manchas "café ao leite" na pele e nódulos no sistema nervoso. Além disso, alterações cognitivas, o que não era o caso; um olhar tranquilo, cândido, onde se esperaria desespero ou revolta, dava-lhe, não sem certo desatino, um aspecto de digna sobriedade. E o que contou-nos, com serena paciência e confiante ingenuidade, revelou um sujeito simpático e em conformidade com a vida.

Nascido e criado numa pequena cidadezinha mais ao sul, de família humilde, de poucas posses e ligada a atividades agropastoris. Os nódulos apresentaram-se a ele na infância e cresceram juntos naquela convivência. Em desacordo ao dito popular de que quem vê olhos não vê coração, parece ter sido justamente pelo olhar que conquistara, entre as poucas moças do lugarejo, aquela que seria sua esposa e lhe daria dois filhos que só faziam aumentar a sua saudade de casa.

E embora compreendesse, não sabia ao certo se estava de acordo com a cirurgia. Não

havia se internado por isso, sabia de uma pressão alta e de uma investigação renal, mas que havia se completado e o tratamento mostrara-se efetivo. Sua aparência, contudo, ao contrário de onde vivia, onde todos já o conheciam, era no hospital motivo de curiosidade, leiga e científica, e a equipe de cirurgia plástica fora chamada, estimulando o interesse em "resolver" o que todos passariam a chamar de "seu problema". O entusiasmo do professor-doutor inibia-o, mas conseguiu nos confessar que estava com medo e que também sua mulher, por telefone, pedira-lhe que voltasse para casa. Fugir do hospital poderia ter sido uma alternativa, mas nem sequer deve ter sido cogitado por aquela figura de respeitosa confiança a quem lhe parecia naturalmente superior e com todas as certas razões e melhores intenções. Ou será que era nisso que pensava quando espiava pela janela o movimento da Praça Dom Feliciano?

Não resistiu ao procedimento, morrendo ainda na sala cirúrgica, em choque hipovolêmico decorrente de um profuso sangramento em imprevistos vasos no interior de uma das tumorações. Nunca mais soube nada do caso e parece-me óbvio que o relato não tenha sido publicado ou apresentado em algum congresso, embora julgue que talvez o desfecho pudesse ser agora mais interessante pelo erro do que pela alardeada correção.

Pouco tempo antes, o cinema contara a história de John (ou Joseph) Merrick, O Homem Elefante, caso real de uma aberração de circo que vira foco de interesse de um médico, o Dr. Frederick Treeves, que acaba por descobrir naquele ser constantemente humilhado pela exposição em espetáculos, um homem de rara sensibilidade. O filme, de 1980, com direção de David Lynch, baseado numa peça de teatro e estrelado por John Hurt, Anthony Hopkins e Anne Bancroft, reproduzia o fato que acontecera na sociedade londrina de 1884. Pouco tempo depois da estréia nos cinemas e quase um século depois de Londres, era a vez de Porto Alegre encenar, com alguma variação de texto, a mesma história. Para a inquietude do nosso idealismo de estudantes de medicina, ficaria marcado o papel de médico não como o mocinho responsável pela tentativa de retirar o personagem do circo, mas por aquele que o colocou no centro de um literal e definitivo picadeiro.

Tal qual a história de Merrick, fica hoje a dúvida daquele diagnóstico. É possível que se tratasse de uma Síndrome de Proteus, uma doença congênita ainda mais rara e que também causa tumores subcutâneos e deformidades. A síndrome foi descrita em 1979, por Cohen e Hayden (2) e recebeu o seu nome em 1983, por Wiedmann, (3) em alusão ao deus grego Proteus – o polimorfo. É de 1986, em artigo no British Medical Journal, (4) a afirmação de Cohen que o homem elefante não tinha neurofibromatose, e, sim, síndrome de Proteus, caracterizada por anomalias do crânio – assimetria e/ou macrocefalia, hemi-hipertrofia, gigantismo parcial das mãos e/ou dos pés, tumores subcutâneos (lipomas, hemangiomas, linfemangiomas), nevos epidérmicos e espessamento da pele. Alguns acreditam que o homem elefante pudesse ter as duas patologias associadas.

Forçando a memória e voltando ao "nosso personagem", a inexistência de manchas "café-ao-leite" parece ter sido considerada um mero detalhe à época e o emaranhado de vasos no interior de um dos tumores, um hemangioma, inesperada e fatal surpresa.

Mas entre um e outro o que menos importa aqui é a propriedade do acerto diagnóstico. Seja a doença descrita em 1882 pelo patologista alemão Friedrich Daniel von Recklinghausen

(1833-1910), ou a síndrome reconhecida um século depois, referência ao deus grego que muda de forma para não predizer o futuro. São outras semelhanças as que mais perturbam.

A lembrança dos fatos não tem nenhuma intenção de julgamento. Nem poderia. A versão que mantenho é ainda a de um jovem estudante perplexo, comovido pela naturalidade e aceitação daquele paciente, aparente negação de sua, por "nós" classificada, monstruosidade e, ainda mais impressionado pela esfuziante alegria e avidez daquele mestre tão interessado pelo "caso". E que talvez nem tenha lembrado de ouvir antes, e com a devida atenção, o doente, em parte já tratado e que se sentia em condições de alta.

A história da Medicina é rica em curiosidades e muitas anomalias serviram tanto para o interesse de cientistas quanto para a cobiça de charlatães. Algumas viraram lendas, outras hoje se revelam erros de avaliação diagnóstica, mutações genéticas e muitas apenas fraudes. (5) Sempre incentivadas pela mórbida curiosidade popular, que soube organizar filas ao longo dos séculos em feiras e circos e hoje garante a assistência a programa de "variedades" na mídia, da televisão à internet. E como excentricidades, estranhezas e absurdos às vezes se cruzam e se confundem vale a referência à entrevista de 1987 (6) dada à CBS pelo administrador do London Hospital Medical College que guarda em seu museu os ossos de Merrick, o Homem Elefante, contando que Michael Jackson oferecera um milhão de dólares por esse item do acervo.

Anões e gigantes, mulheres barbadas, homens-múmias, malformados, obesos mórbidos, gente diferente de todas as espécies, provocam ainda um interessado olhar. Às vezes um olhar de viés, dissimulado. Que se dirige também aos enviesados de alma, os doentes mentais e os dependentes de drogas. E somente aos poucos, de forma nem sempre condizente com reais cuidados, a sociedade atenta para suas necessidades, promovendo adaptações, buscando a inclusão. Muito já mudou, mas, infelizmente, há ainda muita "aberração" servindo de trampolim para vôos acrobáticos e exibições de pseudo-ases em lamentáveis e tristes palcos circenses.

BIBLIOGRAFIA

1. Harrison's principles of internal medicine, 17ª ed. Fauci, Anthony S. et al., Mc Graw Hill, 2008.
2. Cohen M.M., Jr., Hayden P. W.: A newly recognized hamartomatous syndrome. Birth defects; original articles series 15:291-296, 1979.
3. Wiedmann H.R., Burgio G.R., Aldenhoff P., et al.: The Proteus syndrome. Eur J Pediatr 140:5-12, 1983.
4. Tibbles J.A.R., Cohen M.M., Jr.: The Proteus syndrome: the elephant man diagnosed. BMJ 293: 683-685, 1986.
5. Bondeson, Jan. A cabinet of medical curiosities. New York – London, W.W. Norton & Company, 1997.
6. CBS Digital Archives. Michael Jackson bids for the elephant man. Broadcast date: June 17, 1987. Disponível em http://archives.cbc.ca/arts_entertainment/music/clips/16930/ (Acesso em 1º de abril de 2011).

ATLAS E LIVROS ANTIGOS
GRAVADORES E DESENHISTAS

Carlos Oswaldo Degrazia

Professor de Patologia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Histologia e Embriologia na Faculdade de Medicina de Rio Grande (fundador). Professor de Histologia, Embriologia e Patologia na Faculdade de Medicina de Santa Maria (fundador). Professor de Histologia Bucodentária na Faculdade de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (fundador). Escritor.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte do projeto ATLAS E LIVROS ANTIGOS apresentado por mim à Revista da Associação Médica do Rio Grande do Sul, do qual três já foram publicados..

Na busca de livros antigos o encontro de Atlas de medicina é sempre motivo de júbilo. Não são livros velhos, ultrapassados. São almas incrustadas no papel amarelecido. São espíritos nobres que pensaram em nós, que acreditaram no porvir, e nos transmitiram com otimismo um profundo sentimento humanista. Alguns eram artistas e deixaram impressas nas páginas do Atlas a rigorosa verdade científica que procuravam. Outros se valeram de desenhistas famosos. Todos submetiam suas obras aos gravadores e editores, aos quais expresso minha admiração.

Meu gosto pelo conhecimento, o prazer que sinto ao apreciar o pensamento humano, comparável ao deleite provocado por uma melodia, estende-se à história das produções que a humanidade criou, a duras penas, através dos séculos.

As artes desempenham um papel importantíssimo na expressão desse pensamento. Pouca coisa poderíamos extrair de nosso progresso se ficássemos restritos unicamente à tradição oral. A busca de livros antigos se constitui numa verdadeira arqueologia do conhecimento. Em muitos deles, o requinte da apresentação gráfica revela quanto os antigos associavam o belo à comunicação.

Após longas meditações sobre os achados dessas verdadeiras *escavações*, nas bibliotecas e livrarias de livros usados, cheguei ao encontro de um *fio condutor* que orienta os homens na senda do aperfeiçoamento em uma verdadeira teleogonia. No livro recentemente publicado – O HINO DE GALENO*, Ensaios sobre ciência e religião*, editora AGE, Porto Alegre 2011 – analiso, em profundidade, o papel da teleologia no direcionamento da evolução.

Não devemos nos restringir à pura busca. Necessária é a conservação dos acervos em estruturas institucionalizadas, não dependentes do humor das chefias transitórias.

O encontro de livros raros, especialmente de alguns Atlas, me suscitou uma grande admiração pelos autores, os editores, os gravadores e os desenhistas que ilustram as obras.

O trabalho que apresento é uma homenagem a essas pessoas.

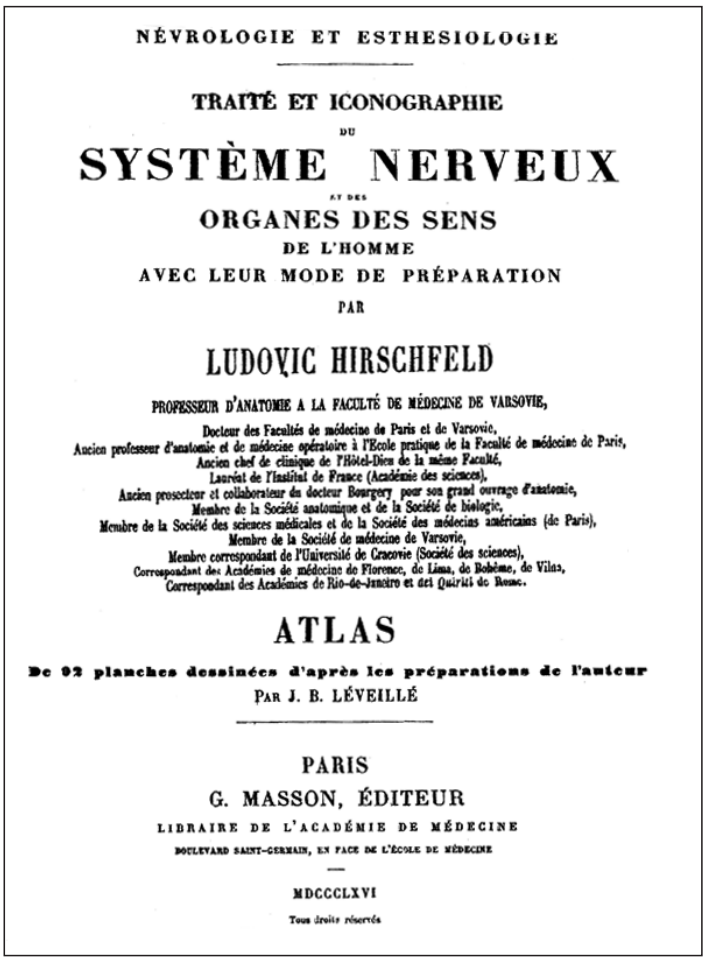
LUDOVIC HIRSCHFELD

Pela variedade de títulos que possuía, vê-se que o professor de Anatomia de Varsóvia tinha uma rara formação médica, destacando-se a colaboração que prestou à grande obra, segundo ele, do professor Bourgery.

Tendo citado entre seus títulos o de correspondente da *Academia do Rio de Janeiro,* é possível concluir-se sobre o alto conceito que desfrutava a Academia Brasileira de Medicina no meio cientifico da época,

As pranchas apresentadas no Atlas revelam o cuidado, a habilidade, e a precisão científica de suas preparações. Há quadros que abrangem todo o sistema nervoso, cérebro, cerebelo, protuberância, bulbo, medula e nervos, em larga extensão. Essas preparações foram fielmente desenhadas pelo artista J. B. Léveillé.

Como demonstração da delicadeza da arte apresento três pranchas.



NÉVROLOGIE ET ESTHESIOLOGIE

TRAITÉ ET ICONOGRAPHIE

DU

SYSTÈME NERVEUX

ET DES

ORGANES DES SENS

DE L'HOMME

AVEC LEUR MODE DE PRÉPARATION

PAR

LUDOVIC HIRSCHFELD

PROFESSEUR D'ANATOMIE A LA FACULTÉ DE MÉDECINE DE VARSOVIE,

Docteur des Facultés de médecine de Paris et de Varsovie,
Ancien professeur d'anatomie et de médecine opératoire à l'École pratique de la Faculté de médecine de Paris,
Ancien chef de clinique de l'Hôtel-Dieu de la même Faculté,
Lauréat de l'Institut de France (Académie des sciences),
Ancien prosecteur et collaborateur du docteur Bourgery pour son grand ouvrage d'anatomie,
Membre de la Société anatomique et de la Société de biologie,
Membre de la Société des sciences médicales et de la Société des médecins américains (de Paris),
Membre de la Société de médecine de Varsovie,
Membre correspondant de l'Université de Cracovie (Société des sciences),
Correspondant des Académies de médecine de Florence, de Lima, de Bohême, de Vilna,
Correspondant des Académies de Rio-de-Janeiro et des Quirini de Rome.

ATLAS

De 92 planches dessinées d'après les préparations de l'auteur

PAR J. B. LÉVEILLÉ

PARIS

G. MASSON, ÉDITEUR

LIBRAIRE DE L'ACADÉMIE DE MÉDECINE

BOULEVARD SAINT-GERMAIN, EN FACE DE L'ÉCOLE DE MÉDECINE

MDCCCLXVI

Tous droits réservés



Figura 1 – Cérebro revestido pela membrana pial, a qual foi cortada, mostrando uma parte coberta pela membrana, vendo-se as circunvoluções por transparência – revelando uma delicada habilidade – e outra sem ela.

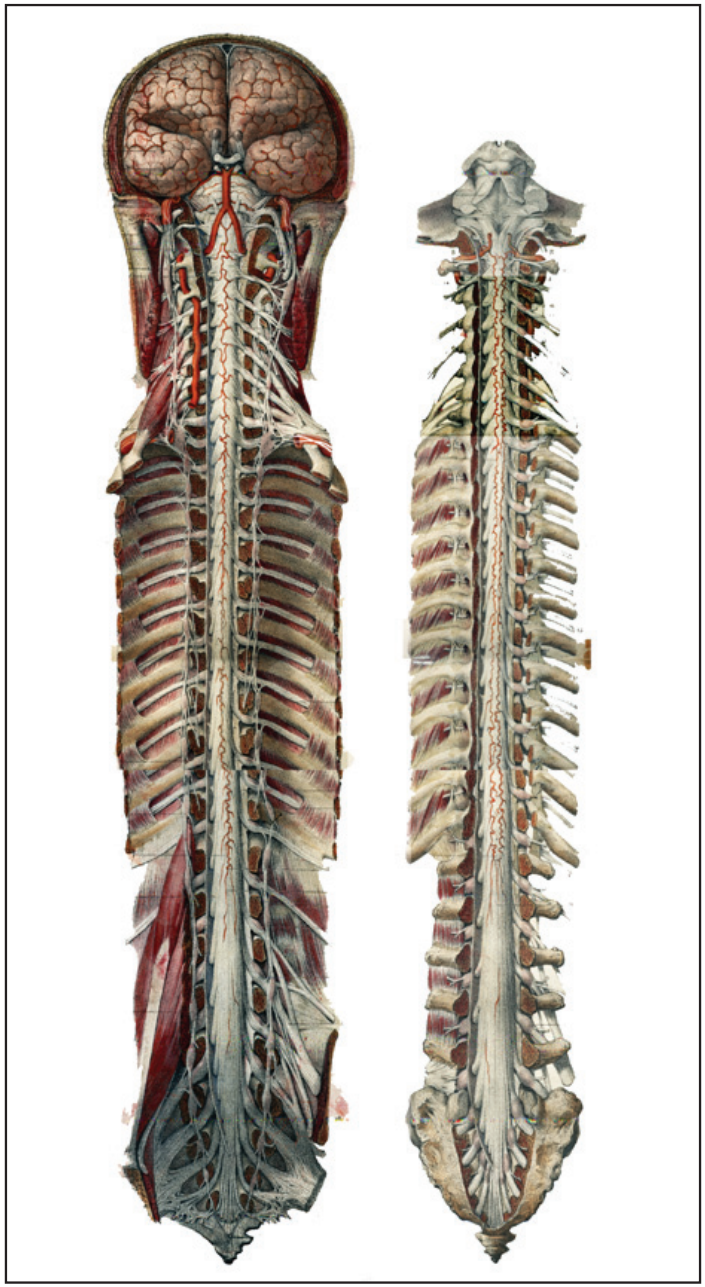


Figura 2 – Apanhado geral da raque, ocupando no original duas páginas; todos aqueles que trabalham em institutos de anatomia sabem do grande esforço necessário para que fiquem expostos o cérebro e a raque.

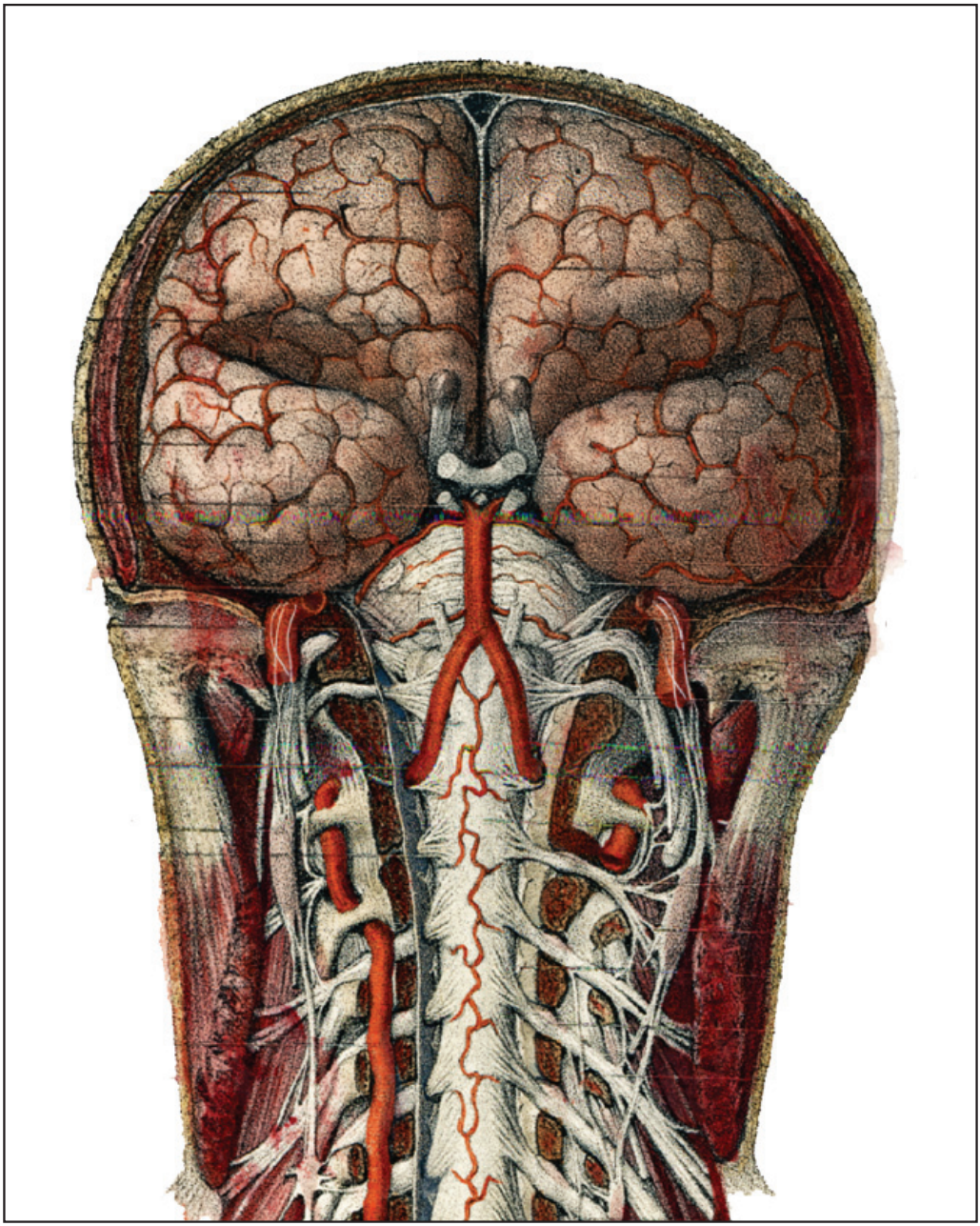


Figura 3 – Ampliação da parte superior da figura anterior.

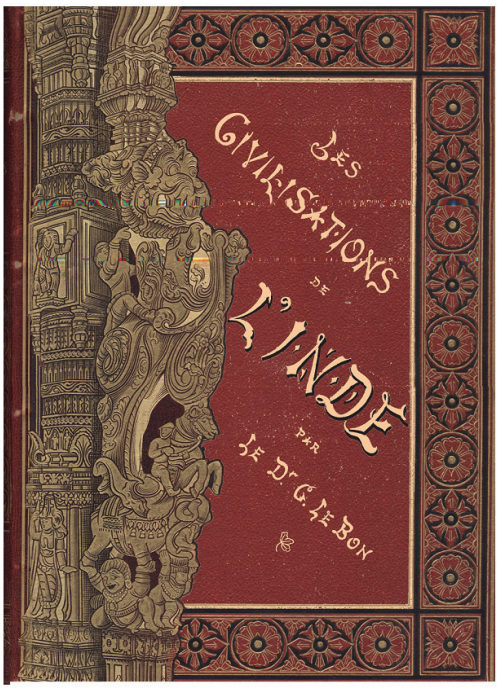
GUSTAVE LE BON

Médico, antropólogo e arqueólogo francês, nascido em 1841. Dedicou-se pouco ao exercício da medicina, mas publicou várias obras: *La mort apparent; Phisiologie de la génération; Traité pratique des maladies des organes génito-urinaires; Higiène du soldat e des blessés; La vie, phisilogie humaine; l´Homme et les sociétés, leurs origines et leurs histoire; La métode graphique et les appareils enregistreurs à l´Éxposition de 1878: les leveurs photographique et la Photographie en Voyage; les Premières Civilisations.*

Em 1884 foi encarregado, pelo governo francês, em missão para estudar os monumentos budistas da Índia. Dessa viagem resultaram importantes obras como *les Monuments de l´Inde, la Civilisation des Árabes e les Civilisations de l´Inde*. Os dois últimos volumes são ricamente encadernados e ilustrados. A arte gráfica das capas, além do caprichoso desenho, se ilumina de acordo com a posição do livro e a inclinação da luz. As estampas a seguir são uma demonstração. A última é uma aquarela do Doutor Le Bon sobre fotografia de uma tábua de bronze, incrustada de prata, do Sultão Mohammed Bem Kaladum. (Século XIII. Museu do Cairo). Isso demonstra que Gustave Le Bon era um artista.

A obra é importante. Trata-se de um estudo detalhado e profundo das raças e costumes dos povos da Índia e dos árabes, dando destaque excepcional à civilização original arábica, que se estendeu através da India, onde deixou imponentes construções arquitetônicas e belas obras de arte.

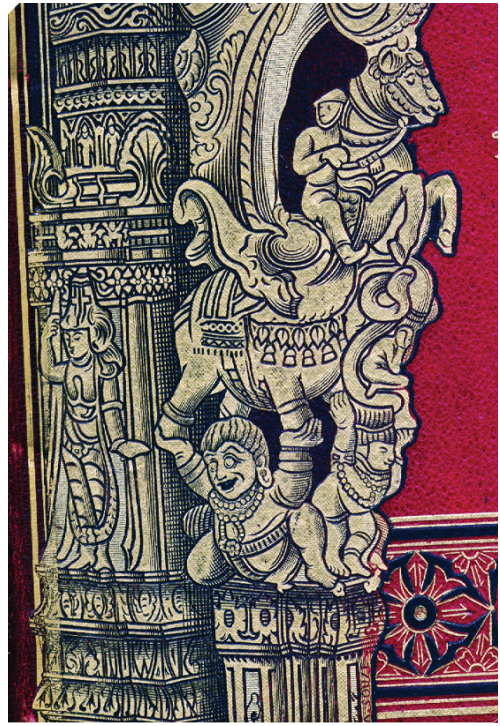
No final da introdução há um agradecimento às pessoas que contribuíram para a execução da obra – que deveria de ter sido muito onerosa, incluindo sua viagem à índia e aos



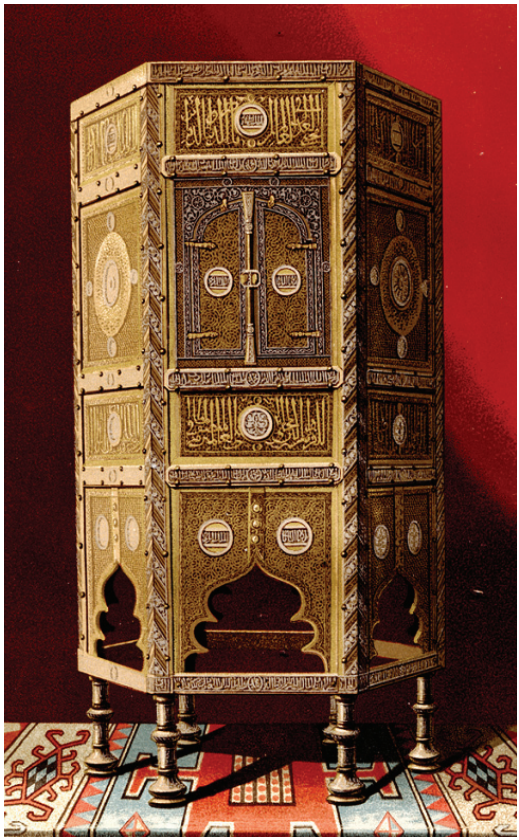
paises árabes – salientando especialmente o editor M. M. Firmin-Didot e os artistas gravadores *(graveurs),* ou encarregados das gravuras, os senhores M. M. Huyot e Petit, cujos nomes faço questão de registrar. Eis as palavras originais sobre o editor:

> *J´ai eu la rare fortune de trouver en lui en editeur qui n´a recolhi aucune des coûteuses dépenses nécessitées par la publication de cet ouvrage. Ses conseils amicaux et sés connaissances artistiques m´ont été fort précieux,*





A arte gráfica das capas, além do caprichoso desenho, se ilumina em acordo com a posição do livro e a inclinação da luz.



Fotografia e aquarela de Gustave Le Bon.
Tábua de bronze, incrustada de prata, do Sultão Mohammed Bem Kaladum (Século XIII Museu do Cairo. Reproduzido de *La Civilisation des Arabes*.

CLAUDE BERNARD (1813-1878)

Em 1984 a Academia Francesa organizou um debate sobre teoria e experimentação, no qual participaram cientistas e filósofos. As posições foram algumas vezes radicais. Em defesa do método experimental o médico Jean Hamburger citou Claude Bernard, o qual, com a publicação de seu livro Introdução à Medicina Experimental, determinou um fabuloso avanço em Biologia e Medicina, sendo que ainda hoje a orientação bernardiana é seguida em França na formação dos jovens pesquisadores.

Seu método eclético me serviu, desde jovem, como orientação: aproveitar dos sistemas filosóficos ou científicos, mesmo em oposição, o que tinham de melhor para ser aplicado.

Seguindo o esquema que me propus neste trabalho, lembro alguns conceitos fundamentais introduzidos na fisiologia: o metabolismo encarado como um processo de construção e de decomposição, chamados posteriormente de anabolismo e catabolismo; a constância do meio interno, chamado depois de homeostasia; admitir-se como fazendo parte dos seres vivos as seguintes propriedades:

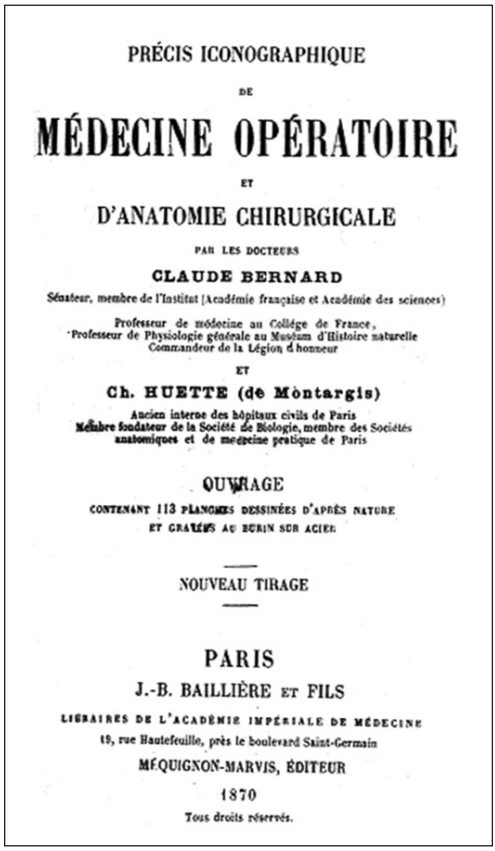
A evolução, *força vital* ou lei do movimento dos seres organizados.

A atração, *força física* ou lei do movimento geral dos seres brutos

A afinidade, *força química* ou lei dos movimentos moleculares de composição e decomposição.

Antes de Claude Bernard os fenômenos de síntese eram atribuídos aos vegetais e os de decomposição aos animais. Desde então ficou estabelecido o axioma da fisiologia geral, que esses fenômenos eram simultâneos e comuns a todos os seres vivos.

Publicou várias obras, entre as quais, *De la Physiologie Générale — Leçons de Pathologie Expérimentale et Leçons sur les Propriétés de La Moelle Èpinière — Leçons sur le Diabète et la Glicogenèse Animale —Leçons sur les Effets des Substances Toxiques et Médicamenteuses— Leçons sur les Propriétés Physiologiques et les Altérations des Liquides de L´Organisme —Leçons sur les Phénomènes de la Vie Communs aux Animaux et aux Végetaux.*


PRÉCIS ICONOGRAPHIQUE

DE

MÉDECINE OPÉRATOIRE

ET

D'ANATOMIE CHIRURGICALE

PAR LES DOCTEURS

CLAUDE BERNARD

Sénateur, membre de l'Institut (Académie française et Académie des sciences)

Professeur de médecine au Collége de France,
Professeur de Physiologie générale au Muséum d'Histoire naturelle
Commandeur de la Légion d'honneur

ET

Ch. HUETTE (de Montargis)

Ancien interne des hôpitaux civils de Paris
Membre fondateur de la Société de Biologie, membre des Sociétés anatomiques et de medecine pratique de Paris

OUVRAGE

CONTENANT 113 PLANCHES DESSINÉES D'APRÈS NATURE
ET GRAVÉES AU BURIN SUR ACIER

NOUVEAU TIRAGE

PARIS

J.-B. BAILLIÈRE ET FILS

LIBRAIRES DE L'ACADÉMIE IMPÉRIALE DE MÉDECINE
19, rue Hautefeuille, près le boulevard Saint-Germain

MÉQUIGNON-MARVIS, ÉDITEUR

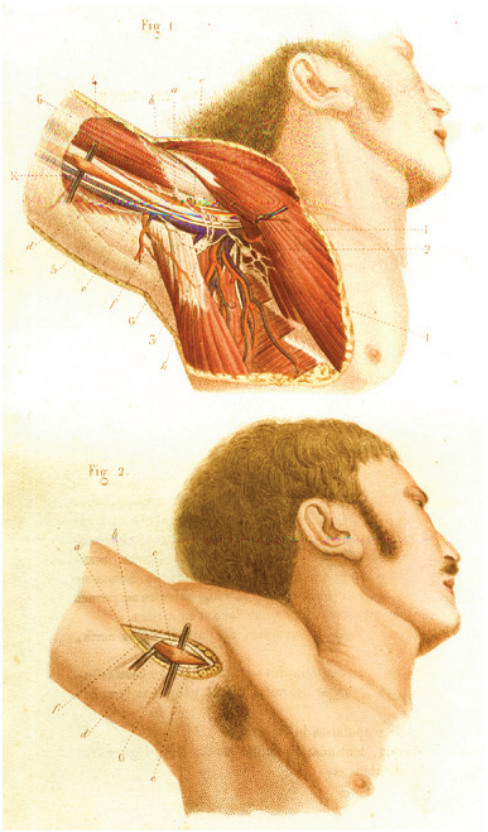
1870

Tous droits réservés.

Mas o que desejo realçar é um lado pouco conhecido do grande fisiologista: sua contribuição à técnica cirúrgica. Em seu *Précis Iconographique de Médecine Opératoire et D´Anatomie Chirurgicale,* realizado em cooperação com o doutor Ch. Huette, apresenta

112 pranchas coloridas desenhadas durante os atos operatórios (*d´après nature*). Como não dá nome ao desenhista suponho que tenha sido o doutor Huette, porque os desenhos de Claude Bernard que aparecem em seu *Cahier rouge* (caderno de notas vermelho) são rabiscos irregulares. Ambos os autores foram influenciados por Magendie, o introdutor do método experimental.

É muito importante destacarmos no Atlas o desenho anatômico ao lado do procedimento cirúrgico, para que o médico tenha uma visão, por assim dizer, através da pele. Na Faculdade de Medicina da UFRGS, houve uma disciplina que tinha o mesmo significado e que depois foi abolida. Chamava-se Anatomia Topográfica.



Pl. 9. — Ligature de l'artère axillaire dans le creux de l'aisselle. Pages..... ..... 23 et 24.

ANATOMIE CHIRURGICALE de la région axillaire.

OPÉRATION. — Procédé de Lisfranc.

HOMENAGEM DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO RIO GRANDE DO SUL
AOS AUTORES E EDITORES DO NÚMERO 1 DA REVISTA

REVISTA

DA

ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO RIO GRANDE DO SUL

VOL. I — 1957 — N.º 1

SUMÁRIO

EDITORIAL iii
EDUARDO Z. FARACO

ATUALIZAÇÕES

TRATAMENTO DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA 1
RUBENS M. G. MACIEL

VACINAÇÃO CONTRA A POLIOMIELITE 8
NEWTON NEVES DA SILVA

SÍNDROME PÓS-FLEBÍTICO DOS MEMBROS INFERIORES 15
LUIZ CARLOS ELY

O PEQUENO BANCO DE SANGUE — POSSIBILIDADE DE SUA ORGANIZAÇÃO 30
RUDI HEMB E RUY CORRÊA TORRES

CONFERÊNCIAS E AULAS

A ESTREPTOMICINA NA TUBERCULOSE PULMONAR 39
JOSÉ FERNANDO CARNEIRO

DO MITO À VERDADE CIENTÍFICA — SÍNTESE HISTÓRICA DA PSICOTERAPIA 51
CYRO MARTINS

ATIVIDADES DA AMRIGS

PRÊMIO SOCIEDADE DE MEDICINA DE PÔRTO ALEGRE v
CURSOS E CONFERÊNCIAS EM 1956 vi
CONGRESSOS EM 1956 vii
ATIVIDADES DA A.M.R.I.G.S. PARA 1957 vii
REGULAMENTO DA REVISTA DA A.M.R.I.G.S. vii

PÔRTO ALEGRE — RIO G. DO SUL — BRASIL

DISCURSO DO ENTÃO ESTUDANTE RUBENS MACIEL NO FUNERAL DE SARMENTO LEITE

Transcrito da Coleção Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, TOMO I, Página45.
Homenagem à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Eduardo Sarmento Leite da Fonseca morreu vítima de pneumonia, na sua residência, à rua Senhor dos Passos, onde se localiza hoje o Hotel Plazinha, no dia 24 de abril de 1935, aos 67 anos de idade.

O Correio do Povo, de 26 de abril de 1935, transcreveu o discurso do então acadêmico de medicina, Rubens Maciel, proferido por ocasião do enterro do pranteado diretor:

Professor Sarmento, nosso grande mestre e nosso grande amigo: Para dentro ainda dos umbrais desta Faculdade, feita grande com a grandeza de seu devotamento; neste mesmo sitio em que parece perpassar ainda, acurvada pelos anos, a sua figura querida: trazidos de todos os cantos pela imensidade do pesar comum, os seus alunos se reúnem e calam, para ouvir a sua última lição. Repare bem: vieram todos. Mesmo os que vinham pouco. Mesmo os que não vinham quase. Até os que não vinham mais. De perto, de longe, desprezando canseiras, esquecendo compromissos, deixando de lado por mesquinha, qualquer preocupação que não fosse a de ouvi-lo.

Iniciandos que o medo ensaiam seus passos, sob as naves majestosas do templo hipocrático; e mestres conhecedores dos segredos da arte, encanecendo já na luta pelo Bem: vieram todos. Porque esta é a sua aula de encerramento do curso, e esse curso se conta por vinte anos de diretoria, 36 de magistério e toda uma vida de abnegação e de sacrifício.

E juntos, em silencio, buscando enxergar por entre o nevoeiro de lágrimas, eles procuram compreender a maior de suas lições: aquela que não mais se indagam os segredos da Vida, mas se encara e sente a grandeza da Vida.

Rodeado de homenagens as maiores que organizar se pôde, mas que ficam muito aquém do seu merecimento e do nosso desejo, sob a guarda carinhosa de uma Escola onde as hierarquias se apagaram, irmanados os corações no mesmo sofrimento, cercado pelo que a classe médica e a sociedade tem de melhor e mais fino, Sarmento Leite repousa no seu caixão mortuário.

Não foi potentado. O cargo de diretor, a que se deu inteiro vinte anos de sua vida, não lhe trazia a possibilidade de mercês e favores, com que comprar a estima fácil e a gratidão barata.

Não foi um argentário. Nas ruas em que deslizam os automóveis de luxo, pouca gente notaria o passo tardo do velhimento*, trajando modestamente a sua roupa surrada e saindo cedo para chegar a tempo.

* Na transcrição de Nicanor Letti a palavra velhimento — que não consta nos dicionários Aurélio e da Academia Brasileira de Letras — foi substituída por velho senhor. (Degrazia).

Não foi um demagogo. Na sua linha de conduta não havia lugar para a encenação de grandeza, com que se pagasse, na administração da massa, das agruras do caminho.

Foi um simples, foi um pobre, foi quase um ignorado. Tinha todas as condições dos que passam sem ruído, e no entanto seu enterro é uma consagração.

Onde o motivo, onde o porquê desta exceção?

Lição admirável e única, profunda pela significação e majestosa pelo ensinamento. O milagre da bondade e do desprendimento; da coragem e da decisão; da simplicidade e do afeto. A história simples e sublime do Mestre entre todos insigne, que viveu ensinando e que ensinou vivendo.

Sarmento Leite foi o mais puro o mais nobre e o mais desinteressado dos amigos desta Faculdade. Diretor vinte anos, em épocas em que a vida da Faculdade exigia a luta com o Poder Público, ele jamais titubeou em arriscar seu bem-estar e sua vida, desde que se tratasse do futuro da sua Escola.

Nunca teve limitação de horário, nem se prendeu a atribuições de cargo. Trabalhava sempre e trabalhava em tudo. Foi o benfeitor desta Faculdade, e o malfeitor de si mesmo.

E foi, também, o grande e sempre atento amigo dos alunos.

Conhecia-os um por um, e somos quase quinhentos. A toda hora em todo o lugar, havia junto de si um caminho desimpedido por onde um aluno se aproximasse. Todas as petições tinham o seu interesse e todas as situações o seu conselho. Vinte anos apresentou relatórios da direção, e vinte anos, nesse relatório, as faltas dos alunos foram representadas por uma página em branco.

Como tesoureiro exigia; como diretor perdoava, e houve, muitas vezes, na magreza do seu orçamento, cortes a fazer para pagar as liberdades do coração.

E nunca pensou em recompensa. Incomodavam-no os elogios.

Era bom com a naturalidade dos que o são por natureza e sem esforço.

Quando se agitam neste *mare magnum* que, disse-o insigne mestre, é a hipertrofia dos direitos, ele continuou sempre na observância estóica do que considerava deveres.

E, chegada sua hora, morreu como vivera: sereno, com o equilíbrio e a tranquilidade dos que não tem crimes. Senhores: se toda a boa causa, como às vezes parece, traz consigo a crueldade de exigir uma vitima, pensando no presente e no futuro de nossa Escola, e no que ela custou de labores e desgostos, que envelhecem e matam, creio que estamos todos de acordo em que repousa neste esquife, galvanizado por uma vida inteira de luta, o despojo venerando do Grande Sacrifício.

Velho Sarmento, como nós te chamávamos: perdoa se a palavra foi fraca, porque o sentir foi grande, e não houve calma para cuidar da forma. Os teus alunos que, com dever-te a Faculdade, devem grande parte do que são e serão, trazen-te aqui o seu agradecimento; e prometem que, pela vida afora, hão de guardar acesa à tua lembrança e a lição de Beleza Moral que tu nos deste.

Velho Sarmento, adeus.

BIOGRAFIA DE JOSÉ FERNANDO CARNEIRO

Transcrito da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina

Filho de Benjamin de Araújo Domingues Carneiro e de Maria Menezes Carneiro, José Fernando nasceu em Fortaleza no Ceará em dois de março de 1908. De lá saiu em 1917 para Itacoatiara no Amazonas. Fez o curso primário em Belém e o secundário em duas cidades: Nova Friburgo (R.J.), no tradicional Colégio Anchieta, dos jesuítas, e em Lorena (S.P.), no Colégio São Joaquim. Após cursar os dois primeiros anos em Salvador, na Bahia, diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro em 1931. Da Faculdade, referia influências de Oscar Clark e Antonio Austragésilo, cuja clínica frequentou. Recém-formado, desenvolveu a clínica e atendia pacientes do IAPC no Rio de Janeiro, enquanto tentava especializar-se em Tisiologia e, de forma mais ampla, em Pneumologia, sem descuidar da intensa vida cultural e política. Levado por decepção amorosa e pela admiração que lhe despertavam os ingleses, alistou-se para enfrentar os submarinos alemães numa travessia marítima perigosíssima em plena guerra no ano de 1943. Chegou a Londres como parte de um comboio e passou a desempenhar suas atividades no Brompton Hospital. Também frequentou o Queen's Cottage Hospital, onde encontrou um grande mestre, o doutor Mc Indoe, cirurgião plástico. Das vivências no Brompton, contava "De hospitais, frequentei sobretudo um, para moléstias pulmonares: câncer, tuberculose e outras coisas feias e tristes." Mais adiante dizia "Quantas vezes, vendo os casos trágicos do meu hospital de Brompton, ou, então, os mutilados que chegavam noutros hospitais, me vinha o sentimento, que tantas vezes nos assalta, de que a vida é uma coisa dura, por vezes cruel e que, para enfrentá-la, o homem deve ter fibra, ser rijo, duro e áspero. Entretanto, isso não exclui a bondade. Uma estranha combinação



de aspereza e de bondade." Permaneceu em Londres por mais de um ano e casou com a enfermeira Joan Audrey Mary Carneiro. Mais tarde adotou duas crianças inglesas.

Voltando de Londres, reassumiu sua clínica e a intensa vida intelectual e política no Rio de Janeiro. Participou da luta pela redemocratização do país e ajudou a fundar a Resistência Democrática, núcleo de intelectuais de várias correntes políticas e que, à sombra do Diário de Notícias e de seu bravo diretor Orlando Dantas, procurava apressar a volta do país à democracia. Carneiro firmou o manifesto da Resistência com escritores, jornalistas e profissionais liberais do porte de Adauto Lúcio Cardoso, Dario de Almeida Magalhães, Carlos Lacerda e um grupo de políticos que iriam fundar a UDN. Carneiro, entretanto, alistou-se nas hostes do Partido Libertador, cujo parlamentarismo o seduzia e cujo chefe, o doutor Raul Pilla, o impressionava pela coerência de atitudes e pelo perfil moral. São dessa época os textos que compõem o livro Catolicismo, Revolução e Reação (Agir, 1947). Nele, revela-se a multiplicidade de interesses e a inesgotável curiosidade de Fernando Carneiro. Alguns temas passariam a ser constantes nas suas manifestações de pensador católico. É o caso da imigração, cuja importância para o desenvolvimento do país não cessou de salientar, indo contra as teses anti-imigrantistas e nacionalistas dos órgãos de governo. Foi tão intensa sua participação na III Conferência Interamericana de Ação Social Católica (1948), na I Conferência de Imigração e Colonização (Goiânia, 1949) e em curso do Conselho Nacional de Geografia, que Alceu de Amoroso Lima falou de uma "verdadeira campanha de reabertura dos portos do Brasil ao homem europeu, na linha do Cairú do decreto de 28 de janeiro de 1808". Hilgard Sternberg, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, publicou o ensaio Imigração e Colonização no Brasil (Rio, 1950), elogiando o autor e seu humanismo. Fez parte de grupo em que pontificava ao lado de Jackson de Figueiredo, Gustavo Corção, Alceu de Amoroso Lima, Jorge de Lima e outros. Com eles, no Centro Dom Vital e na revista A Ordem, ajudou a renovar o catolicismo brasileiro. Bernanos, Béguin e Jacques Maritain eram seus amigos

Grande professor, Carneiro jamais teve uma cátedra no Rio de Janeiro. Talvez por isso, tenha aceito o convite da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, mediado pelo professor Raul Pilla, em 1951. Após nova estada na Inglaterra em 1953, dez anos depois da sua aventura guerreira, Fernando Carneiro foi contratado como professor da cadeira de Tisiologia da Faculdade de Porto Alegre em 1954. Aprovado em concurso no ano de 1960, passou a docente livre e logo assumiu a cátedra de Clínica Tisiológica. Autor de muitos trabalhos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais, muito viajou para ministrar aulas e conferências. Recebeu prêmios e distinções, bem como foi professor homenageado de diversas turmas na Faculdade e paraninfo dos formandos de 1959. Foi o grande responsável pela modernização do ensino e do tratamento na Pneumologia do Rio Grande do Sul. Entusiasta da construção do Pavilhão Pereira Filho, anteviu conquistas e tudo fez pela sua afirmação. Coordenou as primeiras campanhas contra o cigarro em nosso meio e, segundo o doutor Nelson Porto, lutava pela preservação de parênquima pulmonar tanto quanto fosse possível. Primeiro, procurou poupar costelas nas toracoplastias da fase heróica na cirurgia da tuberculose, depois, lobos e segmentos de pulmão nas ressecções por neoplasias. A partir do professor Carneiro, passou pelo Pavilhão

Pereira Filho a fina flor da Pneumologia e da Cirurgia Torácica. O pioneirismo no mestrado da especialidade e a posição de maior centro da América do Sul em transplantes de pulmão são frutos sasonados de sua semeadura, da mesma forma que o são os demais centros de clínica e cirurgia de tórax existentes em Porto Alegre e pelo interior do Estado. Sensível aos reclamos sociais, continuou médico do IAPC, presidiu o Instituto Isaac Pecis da instituição e participou de bancas para admissão de tisiologistas e radiologistas do Instituto por todo o Brasil.

Em Porto Alegre ampliou seu círculo de amizades. Frequentava regularmente a casa de Érico Veríssimo, que prefaciou sua obra póstuma de ensaios. Lá, se encontrava com Augusto Mayer, Moises Velhinho, Carlos Reverbel, Limeira Tejo e tantos outros. No Partido Libertador convivia com Mem de Sá, Paulo Brossard, Décio Martins Costa e principalmente Raul Pilla, a quem dedicava profunda admiração. Tornou-se profundo conhecedor da colonização alemã no Estado. Seus estudos Os Alemães no Brasil e Karl von Kozeritz são primorosos. Acostumado a sempre defender a vida, era contra a violência consubstanciada na tortura, na pena de morte, no aborto e na eutanásia. Produziu importante monografia contra "a abreviação caridosa da vida", em que misturou conhecimento, espiritualismo e vivências sofridas como a da agonia e morte do amigo Jorge de Lima, que acompanhou de perto. Em Porto Alegre escreveu vários ensaios que foram reunidos após sua morte no livro Psicologia do Brasileiro. Após 1964, tornou-se incisivo crítico da violência institucional imposta ao país e com isso afastou-se por algum tempo do amigo Gustavo Corção. Polemista, era homem de firmes convicções, mas cultivava paradoxos. Érico Veríssimo, anotou de Anverso e Reversos: "Escrevi hoje essas duas coisas. Qual delas está certa? Ou ambas estão certas? Ao menos, o que penso eu? Não sei o que está certo nem o que penso." Entre sério e galhofeiro, apresentava-se aos alunos como um anarco-socialista-cristão.

"Membro da diáspora cearense e cidadão do Brasil e do mundo". – Érico Veríssimo, dele dizia: "Era um misto de médico – mestre dos maiores em sua especialidade, a tisiologia – sociólogo, homem de boas letras e grande verve, e filósofo à sua maneira despretenciosa mas original. Em meio do arquipélago brasileiro, era uma espécie de ilha mágica, rica de fauna e flora, sujeita a todos os ventos do mundo e da vida, mas conhecida apenas de uns poucos navegadores que, no entanto, que eu saiba, jamais conseguiram traçar o seu mapa, medir a sua superfície ou calcular a profundidade de suas minas e águas".

José Fernando Carneiro, em 11 de novembro de 1968, faleceu vítima de um acidente vascular cerebral e confortado pelos sacramentos que teve tempo de buscar antes de entrar em coma. Foi sepultado no cemitério de São João Batista no Rio de Janeiro. Homenageado de várias maneiras, o professor José Fernando Carneiro passou a ser o patrono da cadeira 40 da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, que tem como ocupante fundador o professor Nelson da Silva Porto.

Blau Souza

CYRO DOS SANTOS MARTINS

Poucos gaúchos e brasileiros alcançaram tanto sucesso nas letras e na medicina, quanto o quaraiense Cyro dos Santos Martins. Filho de Apolinário Martins, seu Bilo, e de Felícia dos Santos Martins, nasceu em cinco de agosto de 1908 no município de Quarai. Alfabetizado em casa e com professores de campanha, passou em 1920 a ser aluno interno do Ginásio Anchieta na capital gaúcha. Em 1928 ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e nela se tornou médico em 1933. Recém-formado, voltou para Quarai e lá permaneceu até 1937, vivendo experiências como médico do interior e acumulando vivências que desabrocharam nas suas obras literárias e que nunca foram esquecidas. Habituou-se, então, a escrever no rabo das horas... Deixou sua cidade natal em busca do Rio de Janeiro para especializar-se em Neurologia e Psiquiatria. Na volta, estabeleceu-se em Porto Alegre e foi aprovado em concurso para ingresso no Hospital Psiquiátrico São Pedro. Um dos fundadores da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Rio Grande do Sul em 1939, foi secretário na primeira diretoria que tinha como presidente o Dr. Jacintho Godoy. Mais tarde, em 1957, também presidiu esta sociedade. Após anos de trabalho e economia, viajou para Buenos Aires para fazer sua formação psicanalítica. Retornou a Porto Alegre como membro da Associação Psicanalítica Argentina e, no ano de 1957, tornou-se professor do Instituto de Psicanálise. Deixou muitos ensaios e conferências sobre a especialidade, as relações médico-paciente, violência e outros assuntos: Do mito à verdade científica (1964), A criação artística e a psicanálise (1970), Orientação educacional e profilaxia mental (1974), Rumos ao humanismo médico contemporâneo (1977), Perspectivas da relação médico-paciente (1981), Escritores gaúchos (1981), O Mundo em que vivemos (1983), A mulher na sociedade atual (1984), Caminhos (1993) e Fantasia e realidade do homem contemporâneo (1995) entre outros.

Na ficção, Cyro Martins é considerado um dos expoentes do "Romance de Trinta", ao lado de Érico Veríssimo, Dyonélio Machado, Ivan Pedro Martins e mais alguns. Mudou a visão regionalista, atualizou a figura do gaúcho tradicional, sobretudo na "Trilogia do gaúcho a pé", de que fazem parte os romances Sem rumo (1937), Porteira fechada (1944) e Estrada nova (1954). Ainda na categoria dos romances, deixou-nos: Enquanto as águas correm (1939), Sombras na correnteza (1979), Gaúchos no obelisco (1984), Na curva do arco-íris (1985) e O professor (1988). Além dos romances, de ixou-nos as novelas Um menino vai para o colégio (1942), O príncipe da vila (1982) e Um sorriso para o destino (1991). Seu primeiro livro foi de contos: Campo fora (1934). Neste gê-

nero, também produziu: Entrevista (1968), Rodeio (1976) e A dama do saladeiro (1980). Por modéstia, Cyro Martins não deixaria um livro de memórias, não fosse a insistência de Abrão Slavutzky que fez surgir Para início de conversa em 1990, pela Editora Movimento, de Carlos Jorge Appel, editor e crítico de Cyro Martins e que o considerava um humanista.

Desde os tempos em que ajudava o pai, bolicheiro no distrito de São João Batista, Cyro ansiava por conhecimentos e horizontes mais largos. Quando os conquistou, permaneceu fiel ao seu torrão, embora mostrando o empobrecimento e as injustiças num mundo decadente que empurrava os gaúchos empobrecidos para a periferia das cidades. No retorno de Buenos Aires, a ficção de Cyro Martins perdeu um pouco do engajamento social, ficou mais solta, sobretudo ao analisar aspectos históricos do Rio Grande do Sul com textos maduros e cheios de sensibilidade. Cyro trabalhou no consultório até bem depois dos oitenta anos de idade e respondia solícito quando lhe perguntavam a motivação para tanto: "Trabalho por dois motivos, porque gosto e porque preciso". Quando colegas psicanalistas se incomodavam por ele não consagrar todo seu tempo à especialidade, ele os entendia, mas não alterava sua maneira de ser. Disse, certa vez "o melhor de minhas possibilidades intelectuais foi consagrado à medicina e em especial à psiquiatria e à psicanálise, mas esta afirmação não significa menos ternura pelo que realizei no plano da ficção literária". Consagrado como escritor, jamais perdeu a humildade. Participou de antologias como Médicos (Pr) escrevem, sempre com palavras de estímulo aos iniciantes e sem assumir ares de superioridade. Percorreu o interior do estado integrando grupos de divulgação cultural e sempre os tornava mais divertidos. Alto, corpulento e com problemas de coluna, numa dessas incursões, ele destruiu uma cama e uma cadeira, procurando ajeitar-se para dormir. Tudo isso num hotel de pequena cidade, ao participar de programa de divulgação literária. Na viagem de volta, divertia-se imaginando o que teria pensado o pessoal do hotel ao descobrir tantos estragos feitos pelo doutor de Porto Alegre e que escrevia livros. Falava sem amargura de tempos difíceis, ele que enfrentara, dentro da própria família, doença grave, cujos desafios se habituara a encarar como profissional. Seus filhos Maria Helena, do primeiro casamento e professora de literatura, e Cláudio, do segundo casamento e médico psiquiatra, coordenam com muita felicidade o Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise (CELP) Cyro Martins, que assegura um melhor conhecimento e a permanência do autor e sua obra no Brasil e no exterior. Cyro Martins foi um dos fundadores da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina e ocupou a cadeira 47, que tem como patrono seu colega e amigo Mário Martins. Após receber muitas homenagens e honrarias ao longo da vida, Cyro dos Santos Martins faleceu em Porto Alegre no dia quinze de dezembro de 1995. Seus méritos como médico e escritor apenas evidenciam uma grande figura humana, um humanista, que veio para ficar...

Blau Souza

NEWTON NEVES DA SILVA

O Dr. Uriel Zanom, ao receber o título de membro honorário da Associação Brasileira dos Profissionais em Controle de Infecções e Epidemiologia Hospitalar, propõem reafirmar o compromisso ético como, entre outros, fez Newton Neves da Silva, ressaltando uma das qualidades do referido médico, a probidade no trato das coisas públicas e no comportamento profissional.

Walmor Piccinini em biografia de Manoel Antonio Pitta Pinheiro Albuquerque, destaca a ação decidida deste médico, em 1965, em relação aos médicos presos políticos, começando por um ex-presidente da AMRIGS, o Dr. Newton Neves da Silva, isto demonstra o quanto Newton Neves mantinha em alta consideração seus compromissos sociais.

Profissional altamente qualificado, formado em Medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1938, dedicou-se à pesquisa no campo das vacinas e no diagnóstico de doenças infecciosas, como mostram suas publicações, em geral em colaboração. Destaco o trabalho saído na *Ver. Inst. Med. Trop., São Paulo. 10 (5): 265-276, setembro-outubro, 1968,* intitulado: SURTO EPIDÊMICO DA DOENÇA DE CHAGAS COM PROVÁVEL CONTAMINAÇÃO ORAL.

A epidemia ocorreu numa escola rural do município de Estrela (RGS), em março de 1965. Dezessete pessoas adoeceram com sintomas de miocardite aguda com alta mortalidade, 6 óbitos. Foi realizada uma busca nos animais da região e encontrou-se um gambá, dentro da escola, com o *Trypanosoma cruzi.*

Foi Presidente da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS), e do Conselho Regional de Medicina (CRM), no período 1962-1963

Ocupou os cargos de 1º Vice-Presidente e Presidente da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, como se vê no quadro abaixo, vindo a falecer, em pleno exercício do cargo, em 1° de Julho de 1994.

Cargo	**Acadêmico**
Presidente	Newton Neves da Silva
1º Vice-Presidente	Manuel Antº. Pitta Pinheiro de Albuquerque
2º Vice-Presidente	Bruno Wahys
1º Secretário	Telmo Kruse
2º Secretário	José Carlos Costa Gama
Tesoureiro	Artur Mickelberg
Orador	Roberto Medaglia Marroni

Cargo	Acadêmico
Presidente	Fernando Pombo Dornelles
1º Vice-Presidente	Newton Neves da Silva
2º Vice-Presidente	Naum Keiserman
1º Secretário	Telmo Kruse
2º Secretário	José Carlos Costa Gama
Tesoureiro	Artur Mickelberg
Orador	Roberto Medaglia Marroni

No primeiro volume dessa instituição, consta o seguinte elogio aos membros falecidos: Todos eram fundadores. Todos são nomes notórios, de reconhecida competência profissional, fertilíssima produção científica e com inúmeras contribuições à nossa sociedade. As realizações de cada um, bem como seus exemplos de vida, merecem ser relacionados e divulgados e deverão se constituir em objeto de publicação, dando sequência a esta série, na qual a ênfase se concentra em nossos patronos. (Palavras de Aloyzio Achutti)

Carlos Oswaldo Degrazia

EDUARDO FARACO

Eduardo Faraco nasceu em Alegrete (25.08.1917), filho de Braz Faraco e Francisca Záccaro Faraco. Foi um grande organizador, chefe de equipe notável, e sempre acossado pelos estudantes para conseguir uma posição em seu serviço. Na enfermaria 38, tinha laboratório exclusivo, com uma técnica farmacêutica, e uma sala de aula, o que permitia aos alunos facilidades no acompanhamento das aulas teóricas e praticas. Organizador, tinha a melhor equipe de assistentes da Faculdade de Medicina, foram eles: Arno Burchard, Normelio Nedel, Walter Zelmanowits, Nilton Zelmanowits, Flavio Maciel de Freitas, Jorge Pereira Lima, Decio Faraco de Azevedo, Carlos Malmann Filho, Renato Faillace, Natan Roitmann, Noé Zamel, Isaac Levin, Guenther von Eye, Adão do Valle Mattos, Aluizio Achutti, Carlos Grossmann, Carlos Cesar Albuquerque, Eduardo Bersano, Waldomiro Manfroi. Faraco era conhecido na Santa Casa por exigir a troca de lençóis dos pacientes diariamente, e limpeza perfeita. Aquele local é um hospital sem cheiro, afirmou Blessmann para um representante da Fundação Rockefeller; contava e dava gargalhadas. Com seu esforço conseguiu um aparelhamento de cateterismo cardíaco e realizou os primeiro exames na sua enfermaria. Foi a Enfermaria 38 que iniciou a "residência médica", no inicio custeada pela Fundação Kellog. Faraco muito lutou para organizar a residência em todas as áreas. Faraco foi paraninfo da turma médica formada em 1957. Foi escolhido Reitor da Universidade (1968-1972).

Ficou viúvo e casou novamente; sua esposa resolveu trabalhar na Reitoria, e requereu o salão de festas onde instalou um escritório para recolher doações e outras serviços. Fundou a creche para os filhos dos funcionários do Clinicas e da Reitoria, mas terminou com os famosos bailes da Reitoria. A creche recebeu o nome da mãe do Professor Faraco.

Nomeou uma comissão presidida pelo prof. Rubens Maciel para organizar a transferência das enfermarias para o Hospital de Clinicas; meses depois a área dos ambulatórios no subsolo estava pronta e a Faculdade começou a se transferir; ao mesmo tempo conseguiu, no Senado, a aprovação da lei que rege o Hospital como uma unidade do Ministério da Educação, e o conselho do Hospital tendo três professores. O diretor poderia ser um não médico. Foi o que fez, nomeou para dirigir o Hospital um engenheiro, como primeira direção. E após sempre foram eleitos médicos. Como Reitor atendeu a uma queixa que havia em todas as unidades da Universidade: podiam os docentes mudar de cátedra. Resolveu o problema de engenharia, pois os professores de informática davam aulas de

matemática nos primeiros anos. Eu consegui passar para a cadeira de Otorrino, legalmente. Ao terminar seu mandato de Reitor, foi sucedido pelo Prof. Homero Jobim.

F araco sempre foi um grande fumante e eu o vi, sentado no chão da sua sala de estar, junto com a terceira esposa, magro e dispnéico. Queria que eu fosse à sede da Revista Veja, para perguntar por que uma entrevista que ditara para uma repórter, sobre o Hospital das Clinicas, fora reduzida para uma nota de 20 linhas. Algum tempo depois faleceu.

Nicanor Letti
Médico especializado em Otorrinolaringologia.
Livre docente de Anatomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Medicina e Fisiologia.
Professor na Universidade Estadual de São Paulo.
Ex-diretor da AMRIGS.

LUIZ CARLOS ELY

O Dr. Luiz Carlos Ely nasceu em 7/01/1918 e formou-se em medicina, na turma de 1939, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Especialista em Cancerologia e Cirurgia Geral, foi médico influente em sua época, destacando-se em Cirurgia Vascular, como vemos, alias, em seu trabalho publicado no número 1 da revista e intitulado *Síndrome Pos-flebítico dos Membros Inferiores*.

Foi Membro do Colégio Internacional de Cirurgiões Gerais e do Colégio Internacional de Cirurgiões Vasculares.

Foi Diretor do Hospital do Pronto Socorro do Município de Porto Alegre, RS. no período de 1961 a 1963, onde criou o Setor de Queimados.

Faleceu em 25/04/1993.

Carlos Oswaldo Degrazia

BANCO DE SANGUE – SERVIÇO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE HEMOTERAPIA

Com a idéia enfocada em dar atendimento 24 horas por dia, desde a década de 30, a equipe do Weinmann era chamada nas emergências dos diferentes hospitais de Porto Alegre, principalmente Moinhos de Vento e Beneficência Portuguesa, parâmetros de qualidade de atendimento na época.

A Medicina evoluiu e, com o advento da penicilina, avanços nas técnicas de anestesia e outros, cirurgias de maior porte foram sendo introduzidas na rotina, com conseqüente necessidade de reposição de sangue e plasma. Houve a decisão de implantar a idéia do Banco de Sangue junto ao Weinmann, visando agregar mais um serviço no atendimento hospitalar. Esta visão de atendimento hospitalar levou, anos mais tarde, a iniciar uma parceria com o Hospital Moinhos de Vento, onde foi localizada toda a área técnica da Patologia Clínica e Hemoterapia.

A criação do Banco de Sangue data de 1950, sendo que em 1953 o Dr. Rudi Hemb empreendeu uma viagem para os Estados Unidos visando estudar o novo sistema Rh nos laboratórios de pesquisa da Ortho / Johnson & Johnson sob a orientação do Dr. Levine em Raritan, NJ.

Cheguei a acompanhar algumas histórias sobre doadores de repetição que prontificavam-se a doar "braço a braço", não só em Porto Alegre, como viajando para algumas cidades do interior. Como algumas viagens eram perigosas pelas condições de estrada, alguns deles eram delegados ou policiais que também garantiam a segurança pessoal dos profissionais do Banco de Sangue.

Logo em seguida veio a técnica de coleta em vidro com vácuo (caixas azuis da Baxter), sendo utilizados equipos de látex, reutilizáveis após boa lavagem e re-esterilização. As reações alérgicas e pirogênicas eram um evento bem mais do que eventual...

Em 20/12/1953 o Dr. Rudi Hemb executou a primeira exsanguíneo-transfusão do Estado em um recém-nascido (que anos mais tarde formou-se em Medicina) cliente do Obstetra Romeu Fiorin e do Pediatra Geraldo Bohrer.

Lembro que nos fins de semana o estoque para as emergências era guardado, sem menor restrição, nas geladeiras particulares das residências dos médicos hemoterapeutas.

Naquela época as doações eram todas pagas e um grande grupo de cobradores e motorneiros dos bondes da Cia. Carris Porto Alegrense era cadastrado para doações de repetição. A vantagem era, de um lado, possuir doadores conhecidos e que podiam ser chamados quando estivessem com o prazo regulamentar entre doações e, por outro lado, estas pessoas tinham uma receita extra nestas ocasiões, além do lanche oferecido após a doação.

O conhecimento em Imunohematologia foi possibilitando que os procedimentos ficassem cada vez mais seguros e controlados, alivian-

do fundamentalmente o fenômeno das reações transfusionais. O Weinmann sempre procurou adiantar-se na introdução de novos testes para garantir a segurança dos procedimentos. Assim foi com a introdução dos testes para sífilis, hepatite B, doença de Chagas e mais recentemente AIDS, hepatite C utilizando a tecnologia da Biologia Molecular, além de técnicas de preparação, filtração e irradiação dos diferentes componentes sangüíneos.

O controle de doadores feito pela Secretaria da Saúde do RS foi introduzido na época do secretário de saúde Jair Soares, tendo sido mantido e melhorado ao longo dos anos.

Hoje conta com uma equipe capacitada a realizar técnicas de aférese e transplante de células autólogas e de medula em casos com estas indicações terapêuticas.

A utilização da auto-transfusão para cirurgias e procedimentos eletivos veio solucionar definitivamente a maioria dos riscos potenciais de uma transfusão.

O Dr. Ruy Correa Torres, especialista em Hemoterapia e Patologia Clínica. foi um profissional dedicadíssimo à atividade junto ao Banco de Sangue, sendo muito justo afirmar que foi um dos fatores chave de sucesso deste setor do Laboratório Weinmann. Dedicou-se diariamente com afinco, desde o início das atividades do Banco de Sangue até o dia de sua aposentadoria, depois de passarem mais de quarenta anos.

Também atuou no setor público, trabalhando como Patologista Clínico, inicialmente no IAPFESP – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos, continuando na incorporação dos Institutos no INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social) e, finalmente no SUS (Sistema Unificado de Saúde), no Hospital Presidente Vargas de Porto Alegre

Em colaboração com o Dr. Rudi Hemb, publicou no N° 1 da Revista o trabalho O PEQUENO BANCO DE SANGUE — POSSIBILIDADE DE SUA ORGANIZAÇÃO.

Faleceu em 25/11/2008

Dr. Rubens Hemb